OS
PORTUGUEZES
EM AFRICA,
ASIA,
AMERICA,
E OCCEANIA

5-6

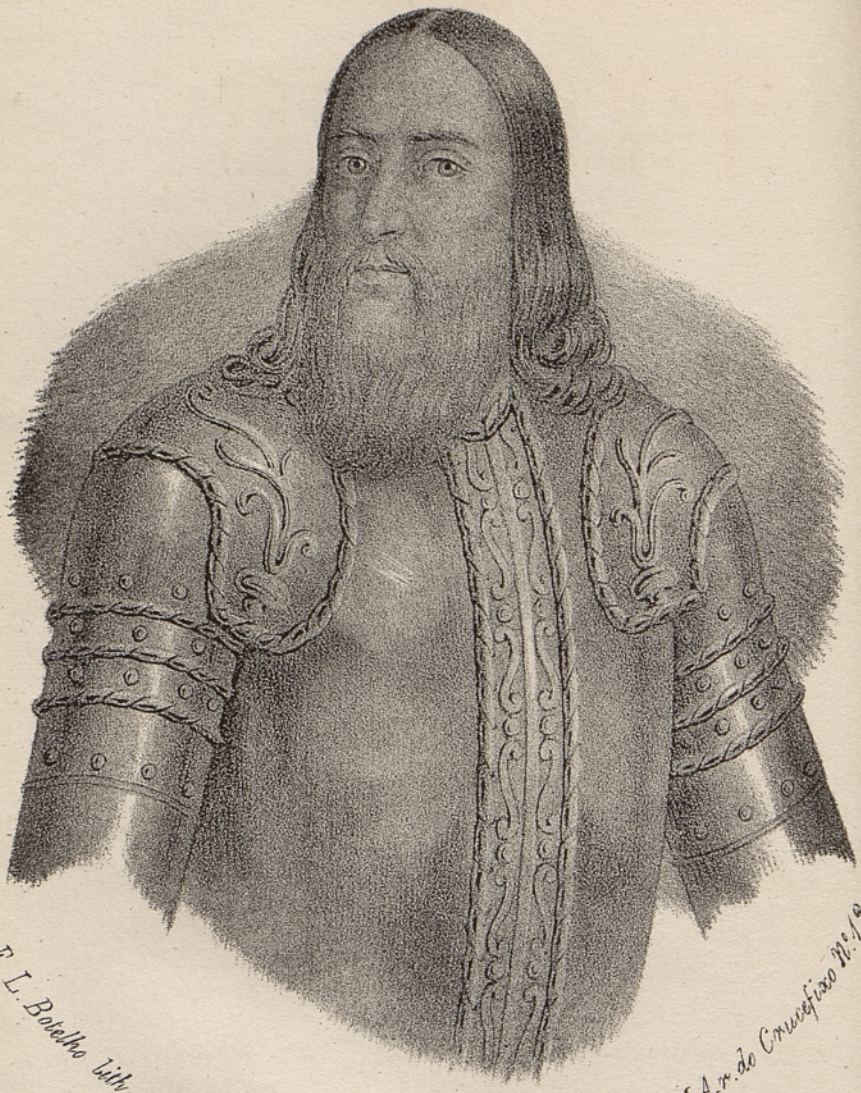
5-6
54.129

54129

1849-50

Δ S4129

S4129
3



F. L. Botelho lith.

Off. de M. A. r. do Crucifixo N.º 13.

D. ALVARO DE CASTRO.

# OS

# PORTUGUEZES

EM

# AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA.

VOLUME VI.

LISBOA:
Typographia de Borges, Rua da Oliveira (ao Carmo) N.º 65.

1850.

# RESUMO HISTORICO

DAS

DESCOBERTAS E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

NA

AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

## CAPITULO I.

### ANNO DE 1547.

*Entram alguns Religiosos Franciscanos na Ilha de Ceilão. Vão prégar a Fé a Cândea, e conseguem que o Rei d'esta se baptise. O novo convertido mostra inconstancia, e é animado pelos mesmos Religiosos. Resolução que aquelle toma. Esta conversão é mui estimada pelo Governador, o qual manda Antonio Moniz Barreto com um soccorro a Candea. Discripção da Cidade de Baroche, e commercio de seus habitantes. Quem era seu senhor. D. Jorge entra n'ella de noite, manda-a saquear, e queimar, e toma d'ella o apellido.*

*Acode-lhe o Maluco mui tarde. O Rei de Cotta faz persuadir ao de Cândea, que deve tornar a ser idólatra, no que este consente. Viagem de Antonio Moniz, sua chegada a Cândea, e como achando tudo alli mudado, cuida em retirar-se. E' depois atacado pelos inimigos, e acha-se em muito risco. Modera os seus com muita prudencia, peleija com muito valor, e retira-se. O Rei de Cândea arrepende-se, e manda um mensageiro a Moniz. Este quer voltar para Cândea, mas os seus não lh'o consentem, e recolhem-se com elle a bórdo da esquadra. O Hidalcão manda atacar as terras firmes, e os atacantes retiram-se com susto dos nossos. Manda depois outra gente, e quer elle vir em pessoa. El-Rei Aeyro é preso em Góa, e depois absolvido pelo Governador, levado a Ternate, e restituido aos seus.*

Nunca as nossas armas estiveram occiosas na India, em quanto D. João de Castro a governou; por isso que, bem poucas foram as Nações do Oriente, que então não encommodaram aquelle Estado; já como inimigas em campo armado, já chamando nossas forças a intervir em suas reciprocas dissenções.

Enviára El-Rei D. João III. alguns Religiosos Franciscanos á Ilha de Ceilão, para alli prégarem a Santa Lei do Cruxificado; e estes foram recebidos pelo Soberano de *Cotta*, com muita benignidade. Partindo depois para a Côrte d'El-Rei de *Cândea*, instruiram este Principe nos mysterios da nossa crença, conseguindo a final que elle lavasse as manchas da idolatria, nas aguas do Baptismo. Edificaram alli uma Igreija, fornecendo-se-lhes todos os materiaes para a sua construcção.

Mostrava-se o novo convertido obediente aos preceitos Evangelicos; mas tratava de occultar em publico essa obediencia, com receio de indispor contra si os vassallos; o que sendo percebido pelos Missionarios, se empenharam em lhe assegurar, que se despisse de semelhantes temores; pois que se rebentasse alguma sedição contra a sua pessoa, tanto esta, como seu Throno, seriam defendidos pelas nossas armas.

O Rei escutando attentamente esta proposta, respondeu: «Que se o Governador lhe mandasse soccorro, não só «professaria a Fé, porém que até a prégaria a seus sub«ditos.» Partiu immediatamente para Gôa um Religioso, a informar o Governador d'esta resposta. Este, satisfazendo-o muito a conversão d'aquelle Principe, cuidou logo em mandar sahir Antonio Moniz Barreto com sete embarcações, authorisando-o para levar comsigo as que encontrasse na sua derrota, e entregando-lhe diversas cartas, e alguns presentes para o mesmo Principe. — Em quanto vai navegando esta esquadrilha, vamos fallar da tomada de *Baroche*. —

Dissemos já no volume antecedente, que o Governador quando partira de Dio, deixára alli D. Jorge de Menezes com alguns navios, para cruzar na enseada de Cambaya, e fazer em seus portos todos os estragos possiveis: narraremos agora os resultados d'esta empreza.

D. Jorge tendo aprezado algumas embarcações, que condusiam mantimentos para alguns portos inimigos, avistou uma tarde a Cidade de *Baroche*, que pela elegancia de seus edificios, lhe pareceu uma povoação Européa. Estava ella situada n'uma eminencia, e cingiam-na muralhas aladrilhadas, que mais serviam para contentamento da vista, que para defensa. Apezar d'isto haviam alli bastantes for-

tes guarnecidos de muitas bocas de fogo, e que domina vam as embocaduras da bar ra.

A este tempo tomaram os nossos um barco de pescadores naturaes da terra, os quaes disseram a D. Jorge: que o commercio da cidade consistia na exportação de finissimas sedas, para muitos portos do Oriente, por cujo motivo havia n'ella homens mui abastados; que lhe eram tributarias muitas aldêas visinhas, e que tinham por senhor a Madre Maluco; que ao presente não havia n'ella tropa regular, e que só estava defendida por alguns paizanos; pois que toda a sua guarnição tinha marchado com Madre Maluco, para *Amadabá*, Corte do Soltão.

Fizeram estas informações resolver D. Jorge a assaltar a Cidade, não obstante conhecer que tinha mui poucas forças, para o poder levar a effeito. Fez-se pois na volta do mar, para mostrar que seguia differente rumo, levando comsigo os pescadores para lhe servirem de guias no desembarque. Chegada a noute tornou a esquadra a demandar o porto, e logo os nossos desembarcaram em terra, sem se lhes oppôr resistencia alguma; por isso que os Mouros além de serem fracos, estavam tão desapercebidos, que só conheceram o perigo quando se viram cortados pelo nosso ferro. Foi a Cidade saqueada, e redusida a cinzas, e aquelles de seus desgraçados habitantes, que as nossas lanças e espadas haviam deixado com vida, perderam-na ao depois entre as chammas. Embarcou-se algum a artilheria de pequeno calibre, e rebentou-se a mais grossa. Esta facção tornou-se tão célebre entre os nossos, que estes ficaram dando a Menezes o appellido de *Baroche*.

Chegára o *Maluco* com cinco mil cavallos em soccorro da Cidade, já quando ella se achava destruida pelo fogo; e como visse que nada aproveitava a sua vinda, correu a

noticiar a El-Rei de Cambaya o horrivel estrago, que presenciára. Deplorou o Soltão esta nova desgraça, jurando vingar-se, atacando outra vez a Dio. — Passaremos agora a tratar das cousas de *Cândea*. —

Desconfiára Madune Rei de *Cotta*, que o de *Cândea* havia mudado de Religião, para merecer a protecção do nosso Estado; e como estes Gentios zelam muito a observancia de seus erros, não descançou em quanto o não fez persuadir, de que a idolatria lhe era necessaria á Corôa, asseverando-lhe: «que com a nova crença tomaria seus vas- «sallos desobedientes, e os Reis inimigos, e seria ingrato «a seus antigos ídolos, que tanto haviam protegido o Thro- «no de *Cândea* desde seus antigos ascendentes; que D. «João de Castro era o mais insolente homem, pois que «não soffria que o mundo tivesse outro Deos, e outro Rei, «se não os que elle adorava, e servia; que não negava «ser a Religião dos Portuguezes, ou melhor, ou mais fe- «lice, pois cultivavam o Deos das victorias; porém que a «elle lhe bastava adorar aos Deoses da patria, em que «nascera, sem desejar melhor posteridade, ou mais am- «biciosa fortuna, que os que lhe precederam. Que talvez «o Governador se fizesse piedoso, para lhe usurpar o cep- «tro; que não desse quartel a homens tão valerosos, que «em nenhuma parte queriam estar senão como senhores; «que se os Frangues lhe promettiam trazer a casa melhor «Lei, e augmentar-lhe o estado, quem com inteiro juizo «havia de dar crédito a tão nova bondade de homens, que «nunca vira; e muito mais quando estes não eram tão «despresadores do humano, que não viessem do fim do «mundo a dominar a Asia? que lhe aconselhava, como «Rei, e amigo, que devia degollar o soccorro dos Fran- «gues, que esperava, para dar satisfação a seus antigos «Deoses, justamente irritados de os querer desamparar «por Divindade estranha.»

O desgraçado Rei de *Cândea* deixando-se vencer das razões do enganoso amigo, por não ter ainda a nova Religião bastante arreigada no coração, annuiu promptamente aos projectos traiçoeiros de Madune, que consistiam em dar a morte a todos os nossos, que alli fossem desembarcar a titulo de soccorro.

Antonio Moniz Barreto tendo partido de Gôa encontrou alguns navios nossos, que em cumprimento da ordem que levava, reuniu á sua esquadra. Depois de dobrar o cabo de Comorim, e passar os baixos de Manar, seguiu para *Baticalou*, para d'aqui entrar em *Cândea*, marchando por terra. Tirou cento e vinte soldados escolhidos das doze embarcações de remo, que levava, e foi caminhando com esta força na direcção de *Cândea*. Chegado aqui, logo suspeitou da traição premeditada, tanto pelos avisos que teve, como por se tentar dividir-lhe a pequena columna de seu commando, para com mais facilidade lhe poderem matar os soldados. Reconhecendo então que estava em terra de inimigos, e não de amigos, sahiu logo para fóra da Cidade; e dando ordem a que se queimassem todas as bagagens, para o tornar mais desembaraçado para a defensa, e para a retirada, formou os soldados e disse-lhes:

«Companheiros, e amigos, sabeis todos a traição, que «nos tem ordenado este Rei infiel, a quem viemos soccor-«rer, e servir; entendo, que nos accommetterão com for-«ça descoberta, pois tem agora uma rasão, ou causa mais «para nos offender, que é, havermos conhecido seu en-«gano. Nenhum de nós terá mais vida, que em quanto a «souber defender. Pode salvar-nos o valor, e a conformi-«dade; soccorros não os esperamos de fóra, pois estão em «nós mesmos; e estes barbaros não se empenharão na trai-«ção, se virem que lhe custa leval-a a effeito; e que muito façâ-«mos nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a fazer por el-

« le, que é derramar o sangue? Os caminhos, que guiam a « *Batecalou*, onde está a nossa esquadra, devem estar oc- « cupados pelo inimigo, pelo que nos parece, que vamos « procurar o Rei de *Ceitavaca*, fiel amigo do Estado, onde « acharemos hospedagem, e abrigo seguro para d'ahi hirmos « a buscar os nossos navios. »

Mal que a nossa força começou a marchar, vieram tropas inimigas acommettel-a com settas, dardos, pedras e outras armas semelhantes, conseguindo ferir-nos alguns soldados. O corpo inimigo parecia compor-se d'uns oito mil homens, e era commandado por Officiaes *Modeliares*, mui habeis n'aquella maneira d'atacar; e tanto por esta circumstancia, como pela superioridade de numero, teriam sem duvida acabado com todos os nossos, se estes lhe não fizessem repetidas descargas de fuzilaria. Os barbaros vendo que o nosso fogo lhes causava muitas mortes, não deixaram, é verdade, de nos picar a rectaguarda todo o dia, mas faziam-no mui timida e cautamente.

Chegada a noute fizeram alto os nossos, e passaram-na sempre em desassocego; por isso que os inimigos não cessavam de os hostilisar com tiros vagos, e incertos, sem que elles podessem mesmo sob as armas gosar algum repouso. Rompendo o dia seguinte, como os barbaros houvessem já perdido o primeiro susto, atacaram-nos tão atrevidamente, que chegaram mesmo a ferir-nos com armas curtas. Antonio Moniz ordenando então algumas contra-marchas, morreram alguns inimigos, ficando outros prisioneiros, e entre estes um *Modeliar*, que dava todos os indicios de ser o primeiro Chefe. Seus subordinados, ou companheiros, fizeram altas diligencias para o resgatar, atacando repetida e ousadamente a nossa columna, com o que soffreram bastante perda; porém os nossos cançados de tanta fadiga, e trabalho, já lhes resistiam com muito custo.

Proposeram alguns, que se fizesse frente ao inimigo, e se livrassem combatendo, ou morressem vingados; porém, seu bravo Commandante respondeu-lhes: «que o verdadeiro esforço era o soffrimento; que só este os podia salvar; «que marchando acautellados, e unidos, não poderiam receber grande estrago; que, quanto maior fosse o perigo, «maior seria depois o praser, quando o recontassem gloriosos, em segurança.» Estas razões do Capitão enfrearam a desesperação dos soldados, e geraram n'estes uma prudente couragem, até que chegando a noite, e achando-se os barbaros igualmente fatigados, poderam lograr alguns momentos de descanço. Porém, tão depressa amanheceu, recomeçaram os inimigos a seguir a presa mais furiosos, por encontrarem tão valerosa resistencia, em forças tão pequenas.

Mandou Antonio Moniz partir as pernas ao *Modeliar* prisioneiro, e abandonou-o na estrada; os subordinados d'este, ou companheiros, deixando então o combate, detiveram-se a prantear o seu miseravel estado; porém, impellidos subitamente por um sentimento de piedade, ou de vingança, atacaram desesperadamente os nossos em um desfiladeiro, que hia terminar n'uma ponte formada sob um grande rio, que não era vadeavel. Antonio Moniz portou-se n'este lance terrivel, com heroica valentia, sustentando e mais nove guerreiros todo o peso do ataque, em quanto seus soldados passavam; e mal que isto se effeituou, demoliu um lanço da ponte, findando com esta industria a persiguição dos inimigos. Chegaram finalmente a *Ceitavaca*, onde foram mui bem acolhidos, reparando-se da fome e curando as feridas, e offerecendo-se-lhes forças para punir o aggravo, que se lhes fizera.

Arrependido o Rei de *Cândea* da traição que commettera, por conselho do Régulo visinho, mandou entregar a

Antonio Moniz dez mil pardáos para gastos da expedição, e uma carta em que lhe pedia mil perdões pelo seu comportamento, e que o soccorresse; porque estava prompto a offerecer os bens pelo soccorro, e a vida pela Fé.

Antonio Moniz tendo lido esta carta, resolveu-se a voltar para *Cândea*; porém, os soldados bemdizendo a táboa de salvação, em que se tinham livrado, recusaram-se a deixar o abrigo do Rei de *Ceitavaca* dizendo: « que o primeiro « engano fôra de traidor infame, e o segundo seria do Ca- « pitão crédulo, e incauto; que se não queriam tornar a « ficar ná víbora, que uma vez os mordêra; porque se os « quizera matar quando lhes hiam prestar soccorro, que « faria, quando se achava offendido com a affronta, que « soffrera o seu exercito? Que antes queriam agradecer a « Deos um milagre, do que pedir outro; que não foram « mandados pelo Governador como Apóstolos, mas sim como « soldados; que a sua vocação era defender a Fé com a « espada, e não prégal-a. » Estas razões obrigaram Antonio Moniz a mudar de resolução, e fizeram-no embarcar na esquadra com a sua gente; em quanto elle segue a sua viagem, passaremos a tratar dos acontecimentos de *Balagate*, cuja narração se acha retardada.

Assustando-se o Hidalcão com a estada de Méale em Gôa, cuidou em affugentar estes sustos por via das armas, confiando em que não encontraria resistencia da parte do Estado, por se achar ausente o Governador, e porque a guerra de Dio nos teria mui cançados. Acommetteu pois as terras de *Bardez*, e *Salsete*, que se achavam desguarnecidas de tropa, por se fiarem na paz, mandando-as occupar por quatro mil soldados, cujo commandante cobrou todos os fóros annuaes que os moradores pagavam ao nosso Estado, e mandou que os agricultores lhe entregassem todos os fructos. Deu grande cuidado em Gôa a noticia d'es-

te acommettimento, por faltarem tropas para marchar contra o inimigo. Resolveram pois esperar a chegada do Governador, guarnecendo no entanto a fortaleza de *Rachol* para enfrear as incursões do inimigo.

Apenas D. João de Castro chegou a Gôa, partiu immediatamente para *Agaçaim*, donde despediu a D. Diogo d'Almeida Freire, com novecentos homens, para atacar ao inimigo, que se achava com quatro mil soldados nas aldêas próximas. Mal que os Mouros souberam da marcha d'esta nossa columna, não esperaram que ella se lhes approximasse, e recolheram-se logo ao sertão. Esta retirada sujeitou-nos outra vez os campos á obediencia, gosando-se com os receios da guerra uma paz mal segura, qual se podia esperar d'um Principe queixoso, e visinho.

Reputára o Hidalcão uma affronta propria, a fuga de seus soldados; e jurando reconquistar o credito de suas armas, mandou que oito mil homens fossem occupar as terras da contenda, em quanto reunia forças maiores, para alli conduzir em pessoa. — Fallaremos agora das cousas de *Malaca, e Maluco*, que principiaram na governança de D. João de Castro, e que elle terminou com muita fortuna. —

Achava-se Bernardim de Sousa despachado para o governo das *Malucas*, Ilhas, que sendo tão distantes de Gôa, eram por isso governadas a aprazimento de seus Governadores, quasi independentemente dos do Estado. Havia Jordão de Freitas remettido prezo para Gôa a El-Rei Aeyro, amarrado como se fôra um facinoroso, e com uma accusação de crimes mui alheios da verdade. Tendo o pobre Rei justificado plenamente a sua innocencia, em relação a todos os delictos de que era arguido, hospedou-o D. João de Castro com tratamento Real, restaurou-lhe com honras, e favores as injurias recebidas, e mandou a Bernardim de Sou-

sa, que lhe fosse dar posse em seu Reino com maior reverencia, do que aquella com que seus antepassados eram recebidos pelos nossos Governadores.

Aportando Bernardim de Sousa, á Ilha de *Ternate*, saltou em terra, e foi-se metter na fortaleza, sem o ceremonial com que o luxo d'aquelles povos costuma receber os seus Governadores. Jordão de Freitas, que na inesperada chegada do successor, e nas culpas que commettera, estava lendo o processo de suas criminosas faltas, ficou sob modo assustado, por conhecer que D. João de Castro sendo, como era, tão integro, não deixaria de o castigar pelas injurias feitas a Aeyro; por isso que este não se poderia ter justificado sem o condemnar a elle Freitas. Sem embargo d'isso entregou a Bernardim de Sousa a fortaleza, onde logo appareceram os filhos de Aeyro; mais para saberem dos castigos do pai, que para esperal-o. Bernardim de Sousa, respondeu-lhes: «que o fossem desembarcar da «náo, tão honrado, que parecia, que mais fora representar «serviços, que responder a culpas.» Os filhos duvidando ainda da certeza de tão inesperada nova, correram á praia acompanhados d'immenso povo, que avaliava como cousa rara, a justiça feita contra um poderoso, admirando-se de que nossas leis para castigar, ou premiar, não destinguissem nacionaes, de estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo: «que nossos braços lhe deram a victoria de nós «mesmos; e que da sublimidade do Governador da India «fallaria sempre com respeito, e veneração.»

Foi por via d'um proceder tão nobre, e justiceiro, que D. João de Castro conseguiu, que aquellas Ilhas não quebrassem mais a obediencia durante o seu governo, e que continuassem n'esse estado pacifico por muitos annos.

## CAPITULO II.

### ANNO DE 1547.

*Colligam-se varios Reis contra Malaca. Que faz o Capitão d'esta. O Achem desembarca, e recolhe-se logo. Parte uma esquadra nossa a procural-o; seu Commandante tem noticias d'elle, e quer seguil-o; mas os soldados amotinam-se, e elle applaca-os. Avistam, e acommettem o inimigo. Tomam-lhe a Capitania. Embaixada dos Reis colligados, e resposta do Capitão de Malaca. Faltam n'esta noticias da esquadra. Murmurios do Povo, que o P. Xavier socega, prognosticando a victoria. Cuidados do Hidalcão. Manda tropa á terra firme. D. Diogo d'Almeida vai ao seu encontro. Ordena o Governador que se recolha. Esta guerra é posta em conselho, e addia-se para mais tarde. D. João de Castro rece-*

*be participações de Dio; communica-as ao Senado, e pede-lhe ajuda. Este offerece-lhe quanto pussue, e as senhoras suas joyas. Faz igual communicação a Chaul, e Baçaim. Chegam náos do Reino. Resolve-se a guerra contra o Hidalcão. Chegam a Goa Embaixadores do Canará; o Governador ouve-os, e despede-os. O Hidalcão retira a sua gente; o Governador segue-a, peleijando D. Alvaro na vanguarda. Fogem os Mouros para o sertão. O Governador volta a Goa, e torna a Dio. Chega a Baçaim, e manda seu filho a Surrate. D. Alvaro destaca da sua esquadra a D. Jorge, e outros Capitães. Que aconteve a estes. Voltam a unir-se a D. Alvaro. O Goveruador está em Baçaim, onde se junta com seu filho. Apresenta batalha ao Soltão, e falla aos soldados. Responde-lhe os fidalgos. Torna a embarcar com as forças. Estragos que fez. Aporta a Dio; e D. João de Mascarenhas deixa o commando d'esta praça, sendo substituido por Luiz Falcão. O Governador parte na direcção de Baçaim, e causa n'esta viagem muitos damnos ao inimigo. Demora se em Baçaim, e recommenda d'aqui a El-Rei os que o serviram*

---

Achava-se *Malaca* na melhor intelligencia com os Principes visinhos, o que a fazia disfructar uma serena paz; mas, El-Rei de *Viantana* considerando-se em circumstancias de poder intentar grandes cousas, pertendeu vingar algumas offensas esquecidas, que os Reis de *Patane* haviam feito aos seus antepassados; e, como estava em relações amigaveis com os Principes de *Quedá*, *Pam*, e outros confinantes, poude sem custo chamal-os ao seu partido, tornando-os parciaes na vingança que projectava. Estes prepararam logo uma poderosa armada, ajustando, que o de *Viantana* se satisfaria com a vingança que queria tomar, e que

elles ficariam com os despojos da guerra, em recompensa d'ajudarem a vingar injurias alheias.

Simão de Mello, que então era Capitão de *Malaca*, mal soube o que expendido fica, escreveu a Diogo Soares de Mello, que estava no porto de *Patane*, pedindo-lhe que viesse áquella fortaleza; porque como todos aquelles Reis eram amigos do Estado, queria antes ser medianeiro, que parcial em suas contendas.

Diogo Soares não despresando esta participação, mandou sahir alguns navios de carga para a China, e partiu com duas galeotas para Malaca. Andava então o Achem com vinte embarcações grandes, fazendo o officio de corsario. Aprezou alguns juncos carregados de mantimentos, e insultou a muitos outros navios de Nações amigas. Tanto lhe cresceu a audacia com a fortuna, que chegou a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer, que pisára terra de nossa obediencia, tornando a embarcar mui ufano com esta gloria.

Pressintindo-se na Cidade este desembarque, sem embargo de ser feito mui furtivamente, tocou-se n'ella a rebate. D. Francisco d'Eça entrou com alguns soldados na povoação dos Chelins, por ordem do Capitão mór; mas o inimigo já então tinha embarcado, sem nenhum outro despojo mais, que a vaidade de haver saltado em terra! Simão de Mello sentindo a covardia do Achem, como se fôra uma injuria, mandou logo uma embarcação ligeira, espiar a armada inimiga, em quanto se aprestavam dous caravelões, e seis fustas, para partirem em sua perseguição. Chegou então Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, soccorro que veio muito a proposito, para reforçar a esquadra de que se tratava. Sahiu esta levando D. Francisco d'Eça por Commandante, com ordem, para

que, se em dez dias não encontrasse o inimigo, recolher ao porto, por não levar mantimentos para mais tempo.

Navegaram outo dias sem avistar a armada contraria, e chegados a uma Ilha, tiveram noticias de que estava ancorada em *Quedá*, a dous dias de viagem. Quiz D. Francisco passar á vante, porém os soldados amotinaram-se, dizendo: «que era de Capitão novato seguir a quem «fugia; que as rações estavam acabadas; que elles não «hiam a peleijar com a fome; que se o regimento do Ca-«pitão mór se estreitava a dez dias, melhor era a obedien-«cia, que a victoria, Diogo Soares de Mello, respondeu: «que todo o Official que se voltasse, havia de combater com «elle primeiro; porque maior serviço faria a El-Rei em «metter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atre-«vidos.» Estas razões fizeram serenar os amotinados, e a esquadra navegou para *Quedá*, onde souberam, que o inimigo se achava a oito legoas de distancia; D. Francisco resolveu-se a seguil-o, visto estar tão proximo.

Avistou-se n'aquella mesma tarde a Cidade de *Parlés*, em cujo porto estava o inimigo ancorado em uma enseada, pouco distante da mesma Cidade. O Capitão mór tendo mandado sondar o rio, conheceu que as caravelas podiam dar fundo, e ordenou que ellas entrassem a tempo, que duas galés inimigas, e outros navios as vinham procurar, pensando que eram embarcações mercantes, pela razão de haverem visto de terra os galeões sómente. Trazia o inimigo as ditas galés na vanguarda, as quaes escoltavam muitas fustas. Logo que viu soldados, onde julgava encontrar mercadores, quiz retroceder; mas como o rio fosse mui estreito, não o poude fazer, sem que os nossos chegassem a posição de o poderem abordar, o que dentro em pouco effeituaram. Diogo Soares entrou a galé Capitania com cincoenta bravos, e achou nos Mouros tão por-

fiada resistencia, que todos foram mortos, mas nenhum ficou prisioneiro. Combateu-se com a mesma valentia nas de mais embarcações inimigas, ficando todas em nosso poder depois d'entulhadas de cadaveres.

Em quanto isto se passava, El-Rei de *Viantana*, e os mais colligados, receberam tantas satisfações do de *Patane*, que assentaram com todas as seguranças a paz. Vendo estes sahir a nossa armada; e ajuisando que a fortaleza ficaria sem guarnição alguma, julgaram esta occasião propicia para nos tirar Malaca, tentando disfarçar-nos a guerra com o semblante da paz. Mandaram um enviado mui sagaz a Simão de Mello, significar-lhe, o sentimento, que tinham de haver o Achem dasbaratado a nossa esquadra; que sabiam, que este satisfeito com a victoria, juntava grandes forças para cahir sob a fortaleza e que, como esta tinha poucos defensores, era forçoso que o valor cedesse ao grande numero; que para nos livrar-nos de tão certa ruina, elles pediam licença para desembarcar n'aquelle porto, e remirem com seu sangue a fortaleza, d'esse infallivel estrago. Além d'esta ardilosa mensagem, vinha o enviado incumbido de contar os soldados que tinha a fortaleza, e de notar o effeito que fazia no Capitão a mencionada noticia.

Porém, Simão de Mello entendendo, que semelhante offerta era traiçoeira, e o mensageiro espião, determinou-se a oppôr enganos contra enganos. Agradeceu pois os importantes soccorros que lhe offereciam, pedindo alviçaras da victoria, que os seus navios alcançaram contra o Achem, e que acabava de lhe ser participada; que na fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem sahira d'aquelle porto fugindo; que os Portuguezes tiveram difficuldade em no alcançar, mas nenhuma na victoria. Accreditou o Mouro as palavras do Capitão, e foi dizer aos seus que, ou se lhe entendera o ardil, ou se despresára o medo.

Achava-se Simão de Mello com muito cuidado, pela tardança da esquadra, chegando a accusar-se a si proprio de temerario, por haver empenhado as forças d'aquella praça contra um inimigo, de cuja paz não tiravamos fructo, nem gloria da ruina. Assim discorria elle, quando as mulheres, e filhos dos que haviam partido na mesma expedição, começaram a queixar-se contra o Capitão, por ter querido comprar fama com o sangue alheio; sendo mais conviniente ao Estado uma paz duradoura, que uma victoria inutil. Vivia então alli o Mestre Francisco Xavier, (*) ao qual se deveu o não progredirem estes murmurios populares, que podiam ter péssimos resultados. No mesmo dia em que se deu a batalha, estando o mesmo Religioso á vista d'immenso povo, ensinando-lhe o bom caminho da vida, teve a inspiração divina, de bradar aos ouvintes: «Dêmos todos graças ao Author das victorias, porque n'es- «ta hora desbaratou Deos com os nossos braços a armada «inimiga!» O Povo ouvio esta exclamação com muita reverencia, e passou dos extremos do pezar, á mais segura alegria. — Fosse acaso, ou dom prophetico, Xavier não se enganou; no mesmo momento em que elle noticiava a victoria ao Povo, acabavam as nossas armas de a ganhar: assim o affirmam todos os sabios Chronistas, que tem escrevido as nossas proesas na Asia. —

Ficou Malaca gosando uma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador Geral em Gôa, ainda bem não tinha acabado de ganhar uma batalha, já o chamavam a outras.

Entre o Hidalcão, e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que já mencionamos, de que D. João de Castro lhe não podia dar satisfação sem

(*) E' hoje venerado como Santo.

affronta, nem negar-lh'a, sem guerra. Tendo-se os Mouros retirado de *Bardéz*, e *Salsete*, tornaram estas á nossa obediencia, florescendo o seu commercio, e agricultura, quasi debaixo das armas com que as defendiamos. O Hidalcão, como visse que continuavamos a pussuir esta parte dos seus dominios, e reputasse esta retenção injusta, cada dia nos recordava com as armas o seu direito, sobresaltado juntamente com a presença de Meale em Gôa, que era veneno que lhe acommettia o coração do Reino; e conhecendo que com as correrias sûbitas, e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado, decidiu-se a fazer-nos a guerra em campo descoberto. Mandou logo occupar as terras da contenda por outo mil soldados, em quanto preparava forças maiores para sustentar, o que aquellas ganhassem.

Mal o Governador teve aviso d'esta entrada, ordenou, que D. Diogo d'Almeida Freire fosse com novecentos Portuguezes, alguns Canarins, e uma companhia de cavallaria encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da tropa, cazo o Hidalcão viesse pessoalmente. D. Diogo d'Almeida marchou com esta gente, e fez alto na fortaleza de *Raehol*, a cuja vista teve algumas escaramuças leves com o inimigo o qual não quiz aceitar a batalha, que lhe offereciamos, talvez conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta por falta de mantimentos, e por ser o terreno pantanôso, e retalhado em esteiros, onde não podiamos estabelecer acampamento enxuto, nem manobrar com a cavallaria em todos os lugares da campanha; uns, por serem mui alagadiços, outros muito ásperos; obstaculos que os Mouros conseguiam vencer, pois que sendo naturaes d'aquelles sitios, sabiam bem os passos, e estavam affeitos ao trabalho de pizar os pântanos, com summa agilidade. Demais a mais, eram bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois, D. Diogo, que lhe faltavam mantimentos, e

que o inimigo tinha a escolher o peleijar, ou retirar-se, consultou o Governador, e este lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de *Rachol*, em quanto resolvia o que se devia obrar.

Voltou o Governador para Gôa, onde expoz n'um conselho o estado das cousas, patenteando os desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pezada, para evitar os damnos que tão repetidos acommettimentos, nos causavam. Todo o conselho foi d'opinião, que a guerra se differisse para o verão seguinte, em cuja estação podiam os nossos campear já no terreno enxuto, reforçados com os soldados do Reino, que as náos de viagem deveriam trazer.

O Governador não teve remedio senão sujeitar-se a este parecer, esperando occasião em que podesse castigar rigorosamente os atrevimentos do inimigo. Em consequencia do que, ordenou a D. Diogo que se retirasse com a sua gente, deixando comtudo a fortaleza de *Rachol* sufficientemente guarnecida, para oppôr ás correrias do inimigo este pequeno freio. Como fosse incansavel no exercicio das armas, todos os dias mandava formar a tropa, e sahia com ella ao campo, onde mandava que os soldados atirassem ao alvo, e que se exercitassem em todas as manobras militares d'aquella época. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz, viu n'uma casa terrea grande quantidade d'armas em um cabide, mui limpas, aceiadas, e bem dispostas em ordem; e tendo parado o cavallo, perguntou, quem morava alli. Acodiu o proprio dono a responder-lhe, que era Francisco Gonçalves, soldado de fortuna. O Governador mandou-lhe dar trinta pardáos, louvando-lhe muito a sua curiosidade.

Tinha já começado o mez d'Agosto; e D. João de

Castro, sempre previdente, e cauteloso, não cessava de municionar a armada, quando aportou a Goa Francisco de Moraes, Capitão d'um catur, com cartas de D. João de Mascarenhas. Dizia-se n'estas, que o Soltão de Cambaya reunia todas as tropas de seus Reinos, com intenção de sitiar segunda vez a fortaleza de Dio; que conviria muito mostrar-lhe n'este verão as armas, para que attento á segurança de sua mesma casa, deixasse de inquietar a alheia. O Governador reunio logo o governo da Cidade, e entregando-lhe cópia da carta de D. João de Mascarenhas, pediu-lhe que o ajudassem com alguns soccorros, para acabar de debellar o inimigo. Este seu pedido foi tão bem acolhido, que todos lhe offereceram os bens, e as proprias vidas. Agradecida por elle esta heroica dedicação, pediu então dez mil pardáos, quantia, que o povo lhe forneceu promptamente. As senhoras d'alguns cidadãos ricos mandaram-lhe grande quantidade de joias, queixando-se-lhe n'uma honrosa carta, de que as não houvesse aceitado, nem dispendido na sua anterior offerta; igual rasgo praticaram as de *Chaul*, ainda em maior escala. Porém, o Governador escasso no dispendio de tão importantes donativos, reenviou-os a suas illustres donas, recompensando-lhes tão opportuno serviço, com encher de honras os maridos, e filhos. Participou aos habitantes de *Baçaim*, e *Chaul* as noticias chegadas de Dio, e fez-lhes saber quaes as despesas, que exigia a armada, e o quanto precisava que o ajudassem: obteve por resposta um offerecimento identico ao de Gôa.

Corria o dia 23 de Septembro d'este anno de 1547, e o Governador andava mui occupado com os apréstos da armada, quando fundearam no porto de Gôa duas náos do Reino, que se haviam apartado da conserva d'outras. Tinham partido aquelle anno do Tejo seis, sem Capitão mór; eram Commandantes das que chegaram, Balthasar Lobo

de Sousa, e Francisco de Gouvêa; das quatro que faltavam, D. Francisco de Lima, em S. Filippe, e vinha provido na Capitania de Gôa; Francisco da Cunha, no Zambuco; Bernardo Nazer, na Burgaleza; estas trez invernaram em Socotorá, e aportaram a Gôa nos fins de Maio do anno seguinte. (*) Perdeu-se uma outra nas Ilhas *d'Angoxa* por culpa de seu piloto, e era commandada por D. Pedro da Silva da Gama filho do Conde Almirante, despachado para *Malaca*; salvou-se porém a tripulação, a qual passou depois a Moçambique, e chegou á India em outras embarcações. N'estas náos vieram cartas (**) d'El-Rei, da Rainha, e do Infante D. Luiz, para o Governador, as quaes passamos a transcrever.

---

(*) *Couto, dec.* 6.ª *liv.* 5.º *cap.* 3.

(**) Dom Joham: amigo. eu elrey vos emvio muyto saudar. A my me foy qua apontado que seria muyto meu seruiço mandar vender ao Idalquão as terras firmes de goa, que me ele alargou, asy porque a vendo as de soster, me custarião muyto, como por ser cousa dificil o poderense elas bem defender; e tambem, que nunqua em algũu tempo que delas quisese o peraque elas dizem que me são necesarias, deixarião aqueles, cujas elas fosem de dar causa por onde elas com rezam tornasem a ser mynhas; e que vendendo-as agora ao dito Idalquão, ou ao Inazamaluquo, ou a qualquer outro seu vezinho, ficaria diso huũa grande soma de dinheiro, que cada huũ deles me daria por elas. Estas rezões me pareceram todas de muyto meu seruiço; mas porque em todas as cousas ha sempre rezões por huũa parte e pela outra, e nas de tam longe nam se deve nada determinar, nem me parece bem fazelo, ouue por milhor avisarvos de tudo, e tomar niso primeiro voso parecer, crendo que mo dareys com aquele respeito e consideraçam em tudo, que em semelhantes cousas se deve de ter. e porem porque poderia acomtecer parecervos bem, e meu seruiço venderem-se estas terras,

Considerando D. João de Castro, que o Hidalcão poderia perturbar o Estado na sua ausencia, por não ficarem em Gôa forças sufficientes, para o repellir, resolveu-se a procural-o no interior do sertão, á testa de trez mil soldados Portuguezes, para o forçar a aceitar batalha. Tendo communicado esta resolução a todas as authoridades da Cidade, tanto civis como militares, pareceu a todos que devia ser levada a effeito. O Governador dividiu immediatamente a dita força em cincó columnas, nomeando para seus Commandantes a seu filho D. Alvaro, D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulveda, e Vasco da Cunha. Hia tambem D. Diogo d'Almeida Freire com du-

---

pareceo-me necesario falarvos neste caso mais declarada e resolutamente asy como deve de ser em cousa que eu ey por tamanha como esta he.

A venda destas terras he muy importante, e pode ser de muy grande meu seruiço, e he cousa em que priucipalmente convem ter se muy grande segredo: e postoque a confiança, que eu em vós tenho seja a que vós mereceys, e que se requere que eu tenha em pesoa que neso carego e lugar me serve; todavia ainda este negocio he tam grande, que nam compria a meu seruiço cometelo a outrem: mas porque, como digo, no de tam longe poderia acontecer ocasiam em que eu podese ser bem servido, tendo vós comisam minha pera o fazerdes, o que nam poderia tambem ser quando a nam tiveseis, e ouueseis desperar por meu recado: como cousa que asy pode acontecer, e tendo em vos esta confiança, pareceo-me meu seruiço dizervos o quanto averia por bem que as deseys, que he de sete centos mil cruzados pera cima quanto mais podeseys; porque daquy pera baixo nam averey por meu serviço venderense, visto a calidade delas, e quam importantes podem ser a quem as comprar: e ainda em serem vendidas mais a cada huũ dos outros que ao

zentos cavallos; e os cazados de Gôa, aos quaes se aggregaram os peões da terra, em numero de mil e quinhentos. A fortaleza de *Rachol* achava-se guarnecida por tresentos Portuguezes, e alguma infanteria dos naturaes; e era governada por Francisco de Mello, a quem o Governador mandou intimar para se lhe reunir na villa de *Margão*.

Neste tempo mandou o Rei do *Canará* uma embaixada a Gôa, propondo uma confederação com o Estado, para ter este como auxiliar n'uma guerra contra o Hidalcão seu visinho. O Governador recebeu os Embaixadores com um ceremonial d'estrondo; e tendo-lhes prestado a maior attenção, logo capitulou com elles um tratado d'alliança mui

---

Idalquão, pode ser que se acrecente no preço, e que seja milhor pera tudo. Mas asy vos deveys vos aver niso que quem as ficar comprando ainda que vos dee por elas o que digo, ou mais, fique sempre cuidando que lhe fizestes na venda muyta amizade: e porem tanto por tanto vereys se averá mais rezões de ficarem antes com o Idalquão, cujas elas primeiro foram; aindaque tambem deveys de ponderar muyto nisto, qual deles será menos perjudicial a meu serviço terdes nelas por vezinho. Neste negocio isto he o que averey por meu serviço que façaes. O como nele me aveis de servir tenho eu muyta confiança que seja como de vós espero. E parecendovos bem dardes disto conta a alguña pesoa, faloeys como de cousa, que vós mesmo a moveys, e trabalhareys por se ter niso muy grande segredo até o dito negocio se acabar de concluir; porque asy compre muito a meu serviço. Pero dalçaçoua carneiro a fez em almeirim a XIII dias de março de 1547 «Rey»

(*No fundo*) Pera dom João de crasto sobre as terras firmes de goa.

(*Sobrescrito*) Por elrey — A dom João de crasto, do seu conselho, e seu capitam mor e gouernador da India.

vantajoso a uma, e outra Corôa. O Hidalcão tanto que penetrou as intenções do Governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, procurando evitar a nossa invasão.

Constou a D. João de Castro, que os Mouros se haviam recolhido a Pondá, onde estavam abrigados com a artilheria do seu forte; alguns Officiaes foram de opinião, que se não seguisse o fugitivo inimigo; porém, o Governador mandou immediatamente marchar ávante. Tendo as nossas forças andado duas legoas, avistaram já sob a tarde o inimigo, que as esperava da outra margem d'uma ribeira, para lhes impedir a passagem, com um corpo de dous mil homens.

---

2.ª Dom Joham de castro: eu a Rainha vos enuio muito saudar, Vy as cartas que me escreuestes, e dou muitas graças e louuores a nosso senhor, pela mercê, que vos fez em vos liurar de tamanho perigo, como foy o que dizeis que vos aconteceo na viagem; e espero nele que será pera nessas partes lhe fazerdes tantos seruiço, e como sey que desejais. E de saber de vossa chegada a esas partes, e de como nelas fostes bem recebido, recebi muito contentamento, e das obras que começais a fazer, e tendes feitas no seruiço delrey meu senhor, e tem sua alteza muy grande, e eu asy mesmo pela muito boa vontade que vos tenho.

E quanto aas orfaãs que leuastes, por certo tenho, que sendo cousa de tanto seruiço de deos, e de que sua alteza e eu temos o gosto que vós sabeis, as agazalharieis tambem, e procurarieis tanto seus casamentos, como me escreueis; e aas pessoas que as tem em suas casas escreuo, e dou disso os agradecimentos, que dizeis que se lhe deuem, e vós tambem lhos day de minha parte, porque me prazerá disso.

E o cuidado que teuestes de mandar dioguo vaz ourivez a ceilam pera se loguo começarem a fazer as cousas, a que o mandey, istimo muito, e he muy conforme aa confiança, que tenho,

A nossa vanguarda, que era commandada por D. Alvaro de Castro, conseguiu vadear o rio, não obstante o vivo fogo d'arcabusaria, que lhe dirigia o inimigo. Os outros Capitães fizeram o mesmo com as suas respectivas columnas; mas quando chegaram á outra parte do rio, já os inimigos se hiam retirando para a referida fortaleza de *Pondá*, mui bem escarmentados de nosso ferro. Foram elles seguidos por ordem do Governador, o que teve lugar por cima d'alguns estrépes, que encravaram a muitos dos nossos; ao chegar-se a Pondá, viram-se os Capitães do Hidalcão em ordem de batalha, ou para a dar, ou para a aceitar. O Governador mandou acommettel-os; mas os Mouros suspeitando então, que vinha alli D. João de Castro em pessoa, e receando tu-

---

que asy folgareis sempre de o fazer em tudo, o que for de meu seruiço. E a bras daraujo escreuo, como soube per vossa carta o que me nela escreueis da boa vontade, com que trabalhou de aver os dous mil quinhentos xerafins, que pera isso mandastes buscar emprestados, e trabalha de aviar tudo o mais, que he necessario, e lho agradeço muito.

E de as pipas do moesteiro de faram, que louastes a carreguo, serem de tam maao vinho, me pesou, pelo desgosto que disso terieis: mas comtudo ainda se nelas fez proueito, e bem creyo que seria pelo cuidado, que tomastes, de as aproueitar, e muito vo lo agradeço.

E com o beijoim de boninas, e com todas as mais cousas, que me enuiastes, folgey muito, e era tudo muy boõ, e o istimo como he rezam, e se deue aa muito boa vontade, comque sey que foy enuiado.

E de achardes a gente desas partes tam contraira ao serniço delrey meu senhor, me pesa mais do que me espanto, porque lhe virá de longe esa desordem; mas espero em nosso senhor, e confio de vós que o ordenareis e fareis como sua alteza seja inteiramente seruido: e nam vos deue lembrar que podeis por isso ter

do da fama de seu nome, abandonaram o campo, retirando-se para o sertão. D. Alvaro entrou na fortaleza, a qual se achava desamparada; foram muitos de voto, que ella se demolisse; porém D. João de Castro, mandou que se deixasse aquelle abrigo aos miseraveis fugitivos.

O Governador recolheu-se logo a bordo d'uma frota, composta de sessenta fustas, de que eram Commandantes D. Alvaro de Castro, D. Roque Tello, D. Pedro da Silva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge d'Eça, D. Bernardo da Silva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Silva de Menezes, D. Jorge de Menezes o Baroche, Manuel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duar-

---

algũus immigos, pois está tam certo que de immizades tam injustas se vos nam pode seguir nenhũu danno, e de fazerdes o que deueis, e nam consentirdes que ninguem faça o que nam deue se vos segue ante deos e ante sua alteza muito merecimento: e podeis estar descansado que quando comprisse terei a lembrança, que me pediis, de tudo o que tocar a vossa honrra e descanço.

E o cuidado que dizeis que tendes, que dos quinhentos quintaes de pimenta, dé que me elrey meu senhor fez merce, pera mandar a bengala, se faça o mais proueito que poder ser, istimo muito, e folgey de pera a feitoria disso escolherdes manuel da gama, pela muito boa conta em que o tenho, e do fauor e boas obras, que sey que fazeis a elle, e a todos os outros meus cryados tenho muito contentamento, e vos roguo, que aos que o merecerem e fizerem o que deuem, folgeis de o fazer asy sempre, porque me averey nisso por muito seruida de vós.

E das nouas que me dais que elrey de tanor vos enuiou dizer, que se queria fazer xpãao, recebi muito contentamento: prazerá a nosso senhor que o traria a efeito, e se siguirá disso muy grande seu seruiço no acrescentamento de sua santa fee catholica, e e que será causa de o seu santo nome em todas esas partes ser

te Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodrigues de Távora, D. João de Attayde, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeida, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeida, Pedro de Atayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Corrêa, Sebastião Lopes Lobato, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manuel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodrigues Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varella, Luiz de Almei-

---

muito mais aleuantado. E sinaes sam eses muy claros que se há ele por seruido disso, pelo que lhe dou muitas graças e louuores e vós asy lhas deueis dar por isto ser em vosso tempo, e trabalhar quanto em vós for pera que de vossa parte nam fique nada por fazer nesta tam santa obra, como creyo que tereis feito e fareis.

E do modo que marty afonso teue conuosquo pera vos nam deixar o dinheiro que vos ficou e prometeo de dar pera a carrega de pimenta, me desaprouue pelo descontentamento que sey que disso tericis, e pela falta, que vos poderia fazer no serviço delrey meu senhor: mas eu confio de vós e de vossa prudencia e virtude, que a supririeis muy bem, e que nosso senhor vos ajudaria nisso e o primitiria asy pera que mais claro se mostre a vontade, e o desejo que tendes de seruir a sua alteza, e pera muito mais vosso merecimento e louuor. Pero fernandez a fez em almeiry a XIII dias de março de 1547 «Raynha»

(*No fundo da pagina*) Reposta a dom Joham de castro.

(*Sobrescrito*) Por a Rainha. — A dom Joham de crasto, do conselho delrey seu senhor e seu capitammor, e gouernador da India — 2.ª via.

da, Francisco de Brito, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pires, João Fernandes de Vasconcellos, Fernand'Alvares, João Soares, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunes Homem, João Lopes, Lopo de Faria, Manuel Pinto, Lopo Soares, Manuel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manuel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leão, Pero de Cáceres, Pero de Moura, Ruy Pires, Pero Affonso, Pero Preto, Luiz Lobato, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardes, Thomé Branco Patrão mór da ribeira, e Coge Percole, lingua. Haviam tambem algumas embarcações vindas

---

3.ª Honrado gouernador. Pellas cartas que escreuestes a ElRey meu senhor, e a mim, vi o discurso de uossa viagem despois da partida de Moçambique ate chegar á India, e o que nella fizeste até a partida das naáos, e o estado em que achastes a terra, e a condição dos homeẽs, e devassidão dos tratos, e a fraqueza d'armada, e como vos ouuestes co Idalcão nas cousas de meale, e assi nas cousas d'urmuz, e com os fidalgos que tinhão licenças de Marti Afonso pera leuarem lá drogas, e tudo o mais que per uossas cartas dizeẽs: e porque ElRey meu senhor vos responde a todas estas cousas em particular, o nom farei eu senão em soma; e porem nom deixarei de dizer quanto me assombrou, ca em terra, o perigo que passastes atraués da ilha do Comaro, por que verdadeiramente foi acontecimento mui grande e temeroso; e porèm eu o tomo por boõa estreea, porque me parece que vos quis nosso senhor mostrar nisto, que vos ha de saluar dos perigos da terra da India pera que he necessario tanto milagre como vsou com vosco em uos saluar de tamanho perigo, pello que lhe eu dou muitas graças e folguei de saber que dom hieronimo de Noronha vos teue companhia neste perigo, pois nosso senhor tambem o saluou delle; e he cousa de homem tão honrado, como elle

de *Cochim*, cujos Commandantes eram nossos, bem como alguns navios de particulares, que em attenção ao Governador serviram gratuitamente o Estado.

D. João de Castro aportou com toda esta esquadra a *Baçaim*, mandando d'aqui algumas espias a Cambaya, para reconhecerem as forças, e designios do inimigo. Sabendo depois, que Caracem genro de Coge Çofar se achava na fortaleza de *Surrate*, com alguma tropa; e querendo atacar algumas das praças, que escudavam o inimigo, mandou alli a seu filho D. Alvaro com sessenta velas, para que subindo o respectivo rio, desembarcasse em terra alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza a todos

---

he, participar dos perigos e trabalhos de seu Capitão. Quanto as mais cousas, que mescreueẽs, porque ElRey meu senhor vos responde a todas em particular, e eu fuí presente ás mesmas respostas, me parece escusado tornaruolas a referir; porque per suas cartas vereẽs o contentamento que tem de como nessas partes o começaes a seruir, e a boõa opinião, que agente tem de vós, e o que particularmente vos manda que façaes em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer he que estou mui contente do modo que leuaes nas cousas dessa terra, e do que nella fazeẽs, e dizeẽs; porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas vos não mudou de quem creẽs, e da conta em que uos eu sempre tiue, porque nom vos contentaes de mostrar isto assi per obras, mas alem disso vos iis sempre penhorando com palauras e demostraçõẽs a fazer o mesmo, o que eu tenho por mui certo, que vós sempre fareẽs inteiramente, quanto humanamente se pode fazer.

Do modo que escreuestes a sualteza nom estou menos contente, porque vierão nossas cartas mui bem ordenadas, e escritas, e nellas todallas cousas necessarias, e nenhũas superfluas, e bem se vee nellas o mesmo qué acima digo, e que entendeis as cousas dessa terra, e que tendes zelo e desejo de as fazer sem

os respeitos; e que no caso de lhe parecer que a podia tomar por assalto, a atacasse logo, que elle Governador immediatamente o soccorreria.

D. Alvaro ao chegar com a esquadra á entrada do rio, mandou reconhecer a fortaleza por D. Jorge de Menezes Baroche, com seis fustas. D. Jorge subiu pelo rio, remando á voga surda, até que vendo-o da fortaleza, lhe atiraram alguns tiros de peça. Mal isto aconteceu, logo as embarcações que o acompanhavam viraram de bórdo, ou por timidez, ou por cautella, sem embargo d'elle lhes gritar, que esperassem. Foi então que d'uma povoação d'Abexins, que havia n'aquella paragem, se fez algum fogo d'artilheria

---

respeito temporal damor, nem interesse, o que muito folgo de nos ouuir, porque inda que eu tenho por certo que o fareẽs assi, parece hũa grande auondança de coração, e da uirtude que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer. Pello que eu espero em nosso senhor que nos ha de cumprir uossos boõs desejos, e que vos ha de trazer dessa terra com muito uosso contentamento, e honra, porque nom pode deixar de soceder isto a quem nhũa cousa procura senão o seruiço de deos, e de seu Rey. E aindaque vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembronos que nelles está o merecimento das cousas, e que a Christo conueeo passalos pera entrar na sua gloria: e se uos parecerem as cousas dificiles, lembreuos que estas são as em que deos poem a mão, e o que ajuda a quem o serue nellas com a tenção, com que vós o sazeẽs; e os homeẽs nom podem poor mais de sua casa, que a vontade e a diligencia; e por isso são Paulo não atribuia a si mais que o plantar das cousas, porque deos ha de dar o incremento: e assi o cará elle em todas vossas cousas, como as plantardes com o zelo, que eu confiio, que uós tendes em todas: e por isso não uos espantem as grandes, nem teuhaes em pouco as pequenas; fazee igual ponderação, e os fiis dellas remetteeos a uosso senhor;

sob os nossos; o que visto por D. Jorge, saltou em terra, tomou todas as peças, e mandou-as condusir para as fustas.

Apenas D. Alvaro despedira a D. Jorge, com a frotilha mencionada, mandou na sua rectaguarda mais duas fustas, commandadas por Francisco da Silva de Menezes, e João Fernandes de Vasconcellos. Estes desejando tomar algum *lingua* em terra, surgiram proximo da dita povoação d'Abexins, donde mandaram desembarcar alguns marinheiros, para fazerem aguada. Caracem, mal ouvira o fogo dos Abexins, que temos referido, destacou a quinhentos Turcos em seu soccorro, os quaes acháram os reductos perdidos, e a artilheria embarcada; e passando mais ávante foram vistos

---

e posto que alguũs vos nom saião como desejaes, nunca entre em uas desconfiança, em quanto fazerdes as cousas com justo zelo e limpa tenção, porque muitas vezes permite nosso senhor aos que o mais seruem que fação erros pera que mereção na pacieneia, e na confiança delle, e se expertem mais nas cousas, e se acrecentem em mayor perfeição. Fazee justiça como a entenderdes, tomando sempre conselho e parecer nas cousas como fazeẽs. Conseruaiuos na limpeza de uossa pessoa, que vsaes acerca dos combates dos gostos temporaes e interesses dessa terra: e com isto venha o que vier, porque tudo sera pera bom fim.

Nas cousas, que tocão ao culto diuino, na conuersão dos infiees, vos esmerai muito, porque estas são as armas, que principalmente hão de defender a India: procurai de lançar dessa terra as despesas sobejas dos homeẽs, e as branduras e delicadezas de que vsão, e os vestidos e paramentos de casas que tratão, despondoos pera estas cousas branda e suauemente com o exemplo que lhe daes, e de uossos filhos, e com fazer fauor e merce aos que vsão do contrario: e se estas cousas logo nom poderdes emmendar nom uos espanteẽs disso, porque as que se dauão com tempo, com tempo se hão de tornar a emmendar, e nom se podem remediar

dos marinheiros, que, como dissemos, faziam aguada; os marinheiros bradáram então a Francisco da Silva, dizendo, que havia inimigos no campo. Francisco da Silva voou logo a soccorrel-os, em companhia de João Fernandes de Vasconcellos, e ambos cahiram sob os inimigos com um pelotão cerrado, destroçando-os completamente. Concorreu muito para este bom resultado, a ajuda de D. Jorge, o qual como se fosse recolhendo, visse as duas fustas surtas, e que os nossos peleijavam, em terra, desembarcou ainda a tempo de os auxiliar. Os inimigos tiveram muitos mortos n'este ataque; porém da nossa parte houve a perda d'um soldado.

Ganha esta victoria, partiram todos os nossos a de-

---

dimprouiso. por isso hi continuando em uosso boõ proposito, e fazendo as cousas segundo a disposição do tempo, e o sogeifo das pessoas em que aueẽs d'obrar, que com isto espero em nosso senhor que encaminhe todas vossas cousas a seu seruiço, e a o del-Rey meu senhor, e a vossa honra, como desejaes.

Quanto ao que me dizeẽs que procure que vossa estada seja lá breue. bem vejo que tendes muita razão de o desejar assi; e me parece mui bem desejardelo; e porem desta materia me parece que se nom pode tratar até nom uer as uossas cartas que este ano embora virão, e por isso deixo a resposta deste ponto pera o anno, que emboora virá.

E acerca do que me escreueẽs de dom aluaro vosso filho, eu falei a sualteza naquelle negocio, e sualteza o conhece bem e estaa bem informado das calidades de sua pessoa, e deseja de lhe fazer honra e merce: e porém por algũas razões que uos sualteza manda escreuer, e porque este ano escreue que nom manda lanhum despacho, ouue por bem deferir este pera responder a elle o anno que vem; e por entre tanto lhe manda fazer a merce que vereẽs per suas prouisoẽs. A mim me fica mui bõo cuidado de lembrar tudo o que a uossos filhos toca, e espero em nosso senhor que

mandar a armada. D. Jorge referindo a D. Alvaro o successo, e as indagações que fizera, todos os Officiaes foram de opinião, que não podia praticar-se a facção ordenada pelo Governador, visto achar-se a esquadra descoberta. Só D. Jorge, cujo animo não tinha limite, sustentou o contrario com muita tenacidade; porém sendo o seu parecer contrariado vivamente, seguiu-se o voto do maior numero.

Durante que D. Alvaro esteve no rio de *Surrate*, resolvera o Governador differentes negocios; e como além do seu valor, tinha muita bizarria, fez espalhar, que havia de prender o Soltão dentro em Amadabá, onde mesmo na presença da sua guarda, o havia *assar vivo*. Passados poucos

---

se faça de maneira, que elles recebão honra e merce de sualteza, como vossos filhos, a quem deseja fazer o que lhe vós merecêes; e podeês ter por certo que sualteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com que o seruiis, e mui contente do modo de que o tendes feito até qui.

Eu faley a Sualteza em Afonso de rojas, e por uosso respeito lhe fizera logo a merce, que lhe eu pedi; mas porque, como digo, mandá dizer ás pessoas, que andão na India, que este anno nom manda la nhum despacho, diferio o d'afonso de rojas pera o anno que vem, e diz que pera então lhe fará merce: eu terey cuidado, se a deos aprouuer, de uos mandar a prouisão, e folgo eu muito das booas nouas que me daes d'afonso de Rojas, e de crer he, que sendo irmão de mestre olmedo, e estando em uossa companhia nom pode deixar de ser homem de bem. O que me mandastes nas naãos que vierão me foi dado, e com tudo folguey por ser cousa de uossa mão: agradeçouolo muito: escrita em Almeirim a XVI de março de 47. «Infante dom Luis»

(*Sobrescrito*) Ao honrado Dom Johão de Crasto, do conselho del-Rey meu senhor, Capitão moor e gouernador nas partes da India — 1.ª via. —

dias foi reunir-se a seu filho na barra de *Surrate*, onde soube que a fortaleza se achava guarnecida. Seguiu depois com a armada junta a direcção de *Baroche*. Chegado a este porto despediu a Francisco de Sequeira Capitão dos Naires de *Cochim*, para sondar o rio, e informar-se do estado da fortaleza. Este bravo Official navegou pelo rio até avistar o exercito do Soltão acampado n'um extenso campo, e que, segundo se dizia, se cumpunha de duzentos mil soldados! Sequeira virou de bordo, e veio referir ao Governador o que vira; o qual ufanando-se muito por se vêr tão temido, quiz vêr as forças inimigas por crédito de sua mesma fama. Immediatamente mandou levantar âncoras á armada, e foi fundear na frente do exercito contrario. Desembarcou a sua força em terra, metteu-a em ordem, e offereceu batalha ao Soltão. Este nem aceitou, nem recusou a acção; esperou ser acommettido, como fôra procurado. D. João de Castro vendo a indecisão do inimigo, chamou perante si os Officiaes, e fidalgos, que o acompanhavam, e disse-lhes:

«Temos presente o maior Rei da Asia, com um gran-«de exercito; anda buscando a fortuna occasiões de nos «tornar famosos, para que sobre esta victoria, na obedien-«cia do Oriente, descansemos as armas. Bem reconheço «que ha grande desigualdade entre o poder inimigo, e o «nosso; porém as nossas esquadras não se contam pelo nu-«mero, senão pelo valor. Aquelles são os mesmos que ha «poucos dias destroçámos em Dio, não precisamos fazer-«lhes novas feridas, rasguemo-lhes mais as que ainda tem «abertas. Seu immenso numero os torna mais assustados, «pois que lhe embaraça os caminhos para poderem escapar-«se; se hontem nos abandonaram o campo, tendo-nos si-«tiados, como é que hão de resistir-nos agora victoriosos? «Mal sustentarão a honra de seu Rei, os que perderam «a sua. Maior é o nosso poder, que o do inimigo; escuda-

«nos a fama, e a victoria. Não acredito, que haja quem «engeite a gloria d'este dia.»

Todos os que ouviram estas razões dissuadiram o Governador, de tão arriscado acommettimento, dizendo-lhe: «que os homens grandes obravam mais em virtude da ra- «zão, que da fortuna; que olhasse pela conservação da glo- «ria adquirida, pois já lhe sobejava fama; que muito era haver «desembarcado, e offerecer batalha ao Soltão, pisando sua «mesma terra.» Deixou-se o Governador vencer d'estes raciocinios, receando mais as arguições, que o risco. O valente D. Jorge pediu-lhe quinhentos soldados infantes, para com elles dar algum rebate ao inimigo; mas D. João de Castro, não quiz lastimar o Soltão com chaga tão pequena. Como visse depois de esperar trez horas no campo, que o inimigo não se movia, mandou embarcar os soldados; o que se fez com tanta ordem, e segurança, como se aquelle porto fôra do Estado.

Navegou o Governador para Baroche, atravessando d'aqui para Dio, e ordenou que alguns navios seguissem pela enseada de Cambaya, a destruir as povoações d'aquella costa. Esta expedição talou hortas, e palmares plantados para recreio, e sustento de seus donos, abrasou muitas embarcações, e derribou soberbos edificios.

Chegou o Governador a Dio, onde o Capitão mór o veio receber á praia, e foi muito festejado pelos habitantes da Ilha. D. João de Mascarenhas recordou-lhe a licença que já tinha para passar ao Reino, a qual D. João de Castro lhe não quisera conceder, nem podia negar. Haviam já alguns fidalgos engeitado a Capitania d'aquella praça, quando chegou a ella Luiz Falcão, que acabava de governar Ormuz. O Governador tendo recebido algumas queixas contra o procedimento d'este fidalgo; e vendo que ellas não di-

ziam respeito ao seu valor, nem á justiça de sua governança, chamou-o, e participou-lhe as accusações que se lhe faziam, accrescentando: « que se o podia desculpar como amigo, o não podia fazer como superior; que porém se lhe « facilitava occasião de fazer esquecer defeitos passados, fi- « cando n'aquella fortaleza, em que S. Alteza, e o mundo ti- « nham postos os olhos. » Luiz Falcão aceitou esta proposta agradecendo ao Governador tão honrosa punição, e jurando que dispenderia na praça toda a riqueza qne adquirira em Ormuz, e a que pussuia no Reino. D. João de Castro louvou-lhe muito este brio, até mesmo com obsequios publicos.

Postas em ordem as cousas de Dio, partiu o Governador em direitura a Baçaim, causando durante esta viagem os maiores damnos ao inimigo, segundo passamos a demonstrar. Abrasou as Cidades de Pate, e de Patane na costa de Pór, e Mangalor, fazendo fugir para o sertão os respectivos moradores, com parte das suas fazendas. Muitos outros lugares da dita costa tiveram a mesma sorte, ardendo em seus portos cento e oitenta embarcações. Foi tal a íra, que presidiu a estes estragos, que mui poucos despojos couberam aos nossos; por isso que o fogo redusio a cinzas os edificios, os navios, e as fazendas!

Aportou o Governador a Baçaim, resolvido a gastar o restante do verão na guerra contra Cambaya. Mandou logo alguns individuos espiar os passos do inimigo, os quaes cumpriram tão bem a sua missão, que voltaram dentro em pouco informados do que se pertendia saber: Disseram elles a D. João de Castro, que na Corte de Amdabá havia sentimento geral por causa das muitas perdas, que as nossas armas lhe haviam causado; que o Soltão prohibira por um decreto, que se não fallasse no cêrco, e batalha de Dio, para atalhar os murmurios do povo; e que as fortalezas de Sur-

rate, e Baroche se haviam desguarnecido assim que avistaram a armada de D. Alvaro, o qual as teria tomado por assalto, se seus subalternos não se lhe oppozessem. D. João de Castro lastimou tanto que se houvesse prohibido a seu filho, o juntar mais um novo laurél á sua corôa de gloria, que chegou a accusar os Capitães da armada de covardes, e de remissos.

Occupou-se o Governador durante este breve tempo, que esteve em Baçaim, em escrever para o Reino, recommendando a El-Rei os homens que bem o haviam servido, no que mostrava gratidão para com os beneméritos, cujos feitos sublimes o haviam ajudado a ganhar um Nome glorioso. — Esta virtude é tão rara entre os chamados grandes da terra, que, se D. João de Castro não possuisse outras, bastaria esta para lhe adquirir da parte da posteridade o maior respeito, e veneração. —

## CAPITULO III.

### ANNO DE 1547 ATE' JUNHO DE 1548.

*Renova o Hidalcão a guerra. O Capitão mór de Góa quer hir ao seu encontro, mas a Cidade prohibe-lh'o. O dito Capitão avisa d'isto ao Governador. Este embarca logo na direcção de Dabul, onde D. Alvaro desembarca seguido de seu pai. E' tomada a dita Cidade. O Governador chega a Agaçaim, envéste os inimigos, e estes fogem. D. Alvaro segue-os, e elles fazem-lhe frente. Empenha-se a peleija, em que toma parte o Governador. Alcançam os nossos a victoria. Partem as náos do Reino, e vai n'uma d'ellas D. João de Mascarenhas. O Governador continua a guerra, assola Dabul o de cima, e tala os campos. Vai a Baçaim, e causa novos estragos a Cambaya. Rax Solimão chega a Adem, e degolla o Rax.*

*Sitia a Cidade, e vem a occupal-a. Os moradores offerecem-na a El-Rei de Campal. Este aceita a offerta, e resolve-se a atacar os Turcos. Que fazem estes. Os habitantes de Adem mandam um mensageiro a Ormuz. Este encontra a D. Paio de Noronha, o qual segue para Adem, onde não se conduz bem. Os moradores de Adem pedem auxilio ao Governador. Este manda-lhe seu filho com uma esquadra. D. João de Castro recebe uma embaixada de Caxem. Resposta que dá. O que se passou em Adem. Chegam Turcos a por-lhe cerco. D. Paio manda recolher os nossos. Que fazem os A'rabes. Successo de D. João de Attayde. Viagem de D. Alvaro. Faz conselho, e vai a Xael, que intenta escalar. Os A'rabes combatem até á morte. Os nossos ganham a victoria. Chega Lourenço Pires de Távora a Lisboa. Festejam aqui as novas de Dio. Manda El-Rei seis náas á India. Uma d'ellas chega a Goa, e traz para D. João de Castro a nomeação de Vice-Rei, além de muitas outras mercés. Adoece o Vice-Rei, e deixa o governo. Falla, e juramento, que faz aos do Conselho. Recolhe-se com o P. Xavier. Sua morte. Enterro, que se lhe faz. Vem seus ossos para o Reino, e são depositados em S. Domingos de Lisboa, até que se trasladam para S. Domingos de Bemfica.*

Corria o dia 20 de Novembro de 1547, quando alguma cavallaria, e infanteria do Hidalcão, tornou a occupar as terras firmes de *Salsete*, e *Bardez*. Era General d'estas forças Cala Bateção, Turco valente natural da Dalmacia, e mui experiente nas linguas, e tactica militar da Europa. Effeituou elle a dita entrada, sem encontrar a menor resistencia, recolhendo-se os poucos soldados nossos, que alli estavam, á fortaleza de *Rachol*, donde participaram para Gôa, o acontecido.

Chegada esta participação áquella Cidade, resolveu-se D. Diogo de Almeida por conselho do Bispo, que governava, e d'alguns fidalgos, e soldados, a hir desalojar os inimigos, antes que se fortificassem, e que crescendo em audacia, e forças viessem tocar as muralhas de Gôa. Porém, quando hia a marchar com alguma gente, requereram-lhe (*) os Vereadores, e governo da Cidade, que não sahisse com forças tão pequenas, pois do contrario arriscaria a segurança da cabeça do Estado; que estando o Governador em *Baçaim* com muitos soldados valentes, e victoriosos, melhor era avisal-o do que se passava, que elle voaria promptamente a castigar o inimigo.

Houve uma longa altercação entre cidadãos, e soldados,

---

(*) Sobre o que, por esta occasião, occorreu em Goa, devem ler-se as quatro cartas seguintes; o que tornará o leitor sufficientemente esclarecido, das menores particularidades dos factos em questão.

---

1.ª Senhor. Muito mais folgará de pagar a V. S. quam boas novas nos manda cada dia com lhe mandar de qua alguas boas destes mouros do balagate, he nam requerimentos, huns em contrario dos outros. Eu polo regimento, que me V. S. deixou, provi as tranqueiras de todo o necessario; he por me V. S. mamdar, que se os mouros entrasem nas terras de salsete, que então me fose á camara, he com hos veadores da fazenda, he vereadores, procuradores do povo, he cidadõis omrrados tomase aquordo, he com os seos pareceres fizese o que compria ao seruiço delrrey e ao regimento que V. S. me deixou; ho qual eu fiz asi por ter por novas dalvaro de caminha he cartas suas, que laa mamdo a V. S., como os mouros estavão junto do pagode de margão, que he no meo das terras, as quais cartas he novas lhes mostrei he lhes dise que eles me desem seos pareceres, se devia dir botar estes mouros fora, que polas cartas sabião a jente que era; he pelos

pugnando uns pela segurança da Cidade, e outros pela honra militar. Alfim serenaram os animos, com a condição de se dar parte de tudo ao Governador, visto achar-se tão proximo. Feita esta participação, entendeu D. João de Castro, que a authoridade civil pertendia dirigir os negocios da guerra, e reprehendeu-a por isso mui severamente. Agradeceu a D. Diogo de Almeida, a sua briosa conducta, approvou-lhe a resolução de sahir em busca do inimigo, e deu-lhe ordem para o hir esperar com a tropa a Pangim, onde elle Governador não tardaria a encontral-o.

Acabava D. João de Castro de depôr a penna, com que escrevera para o Reino, quando teve de empunhar a

---

mais deles me foi dito, he asi pelo veador da fazenda, que era presente, que devia dir laa botalos fora, mas que era necesario tomar alguas espias he saber ha nova mais certa, e com ela sabida, que concordava hũa com outra, que então fosemos em nome de deos: ho qual eu puz logo per obra, que mandei per eses pasos, he pelo rrio catures, em que hia payo rodrigues, he cristovão douria, em outro: he do paso dagacim me vierão duas espias que os filhos do tanadar tomarão, que dizem ho mesmo que alvaro de caminha diz nas suas cartas, que laa mamdo a V. S. que hos catures não são inda vindos; he dizendo-lhes o que dizião as espias, he acabada a pricisão, lhes dise que me vinha pera casa pera me fazer prestes pera ir dormir a agacim, he logo mamdei lamçar pregão que todo o soldado viese tomar polvora he chumbo, he se viese pera dom pedro dalmeida que era capitão da yfantaria, ao qual pregão nam acodio nimguem, nem lasquarim, nem casado; he eu estava em minha casa dando cavalos a homẽs que os nam tinhão, hos quais tomava sobre minha fazenda: he estando nisto me entrou pela porta hos juizes, he precuradores da cidade, com hum requerimento dos vereadores, he todos os que nele mais sam asinados, he asi estava no presente o veador da fa-

espada. No dia seguinte áquelle, em que recebeu o mencionado aviso, mandou levantar ferro á armada, e sahiu com esta do porto de Baçaim. Tendo navegado algumas milhas deu vista da Cidade de Dabul, o melhor dos portos do Hidalcão. Contava ella quatro mil habitantes, tinha dous fortes, e alguns reductos, que lhe defendiam a barra, e mesmo de longe se lhe viam muitos jardins, hortas, e ricos edificios: o seu acommettimento precisava ser mui discutido; porém o Governador resolveu-se a effeitual-o.

Toda aquella tarde andou a esquadra pairando em vista da mesma Cidade, notando os ancoradouros, e obras de defeza. Ao romper d'alva do dia seguinte, mandou o Go-

---

zenda, de que nam digo nada porque V. S. o saberá, he me fizerao hum rrequerimento da parte de deos, he delrrei, he de V. S., que nam pasase á terra firme como o dia dantes tinha asentado, he as rezõis que pera iso davão, V. S. as verá laa pelo requerimento, he se nam achar Johão da costa asinado, foi por lhe morrer hũa filha, mas está pera asinar logo, por que todos vierão á camara com pregão que a cidade mandou lançar com pena de cimquoenta pardaos, he nela ouve muitas diferenças, he pode V. S. crer que numqa se vio tam pouca vontade em jente de gerra, como nesta que fiqou em goa, tirando algũs fidalgos he cavaleiros, hos quaes herão tam pouqos que se nam podem nomear: asi que he o que qua se pasa: quanto ás tranqueiras elas estão bem providas, he eu as proverei he visitarei cadadia: de laa devia V. S. de mamdar algũs quatures pera lhe fazerem a gerra per estes rrios, he se a V. S. parecer bem mandar o senhor dom alvaro com alguns quinhentos ou seis centos homẽs peraque entre pelo rrio do sal, he a mim mandarme pera entrar pelo paso dagacim; he crea V. S. que lhe daremos muito bom qoqe: nisto nam falo porque V. S. determinará ho que for mais seruiço delrrei, he seu: he eu estando tomando o primeiro acordo sobre ir a terra firme,

vernador saltar em terra dous mil homens, commandados por seu filho D. Alvaro. Os inimigos opposeram forte resistencia a este desembarque; mas os nossos concluiram-no, não obstante o immenso fogo que se lhes fazia. Travou-se depois em terra a mais encarniçada batalha; de ambas as partes se derramava sangue, e se peleijava com valor, o que tornou o successo duvidoso por muito tempo. O Governador tendo acudido com o resto da tropa, carregou o inimigo de maneira tal, que o obrigou a largar-nos o campo, e a fugir em debandada para a Cidade. Esta foi tomada immediatamente; e depois de serem passados á espada muitos de seus moradores, foi saqueada, e reduzida a cinzas dentro em poucas horas, ficando segunda vez lastimosas suas

---

como acima digo, me pedirão, he me requererão que lhes amostrase o rregimento que me V. S. deixara: eu o fiz porque fui mui apertado pera iso, porque doutra maneira não ho ouvera de fazer: asi que V. S. determine agora de laa o que quer que se faça porque eu estou mui prestes com minha pesoa he fazenda pera servir elrrey, he V. S. no que me mandar, he pesa-me porque vou sendo muito mofino com estas terras firmes, mas parece-me que tudo noso senhor goarda pera V. S., ao qual noso senhor goarde he acrecente vida he estado; de goa a XXV de novembro de 47. ª Seruydor de Vosa S. dom diogo dalmeida.»

(*No sobreescrito*) Aa o senhor governador meu senhor» de dom diogo dalmeida.

2.ª Senhor — Estes negros de pondá não hestão satisfeitos com ho castigo que lhe vosa senhoria foi dar; e parece-me que armão cousas com que os castigue melhor. Tanto que se vosa senhoriª partio, por se fazerem valemtes a quem hos mamdou, sempre estiverão reinamdo esta malicia, que hagora cometerão, e averá tres dias que pasarão a salsete, e estão defronte do pagode de margão, com suas temdas asentadas, e não fazem mais mal na terra, e asy dizem que são pasados outros comtra as terras de

ruinas, por isso que já havia experimentado uma outra, tão horrivel estrago.

Ultimada esta proeza, na qual perdemos cinco soldados, e o inimigo duzentos, reembarcou-se o Governador, e seguiu para Agaçaim, onde o esperava D. Diogo de Almeida com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com muitos barcos para passar a gente. Demorou-se o Governador aqui um dia, em que se informou dos designios, e forças do inimigo; e no seguinte, que havia ser o de 20 de Dezembro, resolveu-se a atacar os Mouros.

Occupava o inimigo a Villa de Morgão, mui pouco

---

bardês. O capitão mamdou chamar a camara, os honrados desta cidade, e outros, entre os quaes eu fui, e aly pareceo bem a todos que fosemos lá, e os deitasemos fora; e fazendose prestes ho capitão, e eu com ele, pera pasarmos, oje, dia de santa caterina, á tarde, na procisão foi ho murmurar tanto dalgũs, de lhe parecer mal nosa ida, que fezerão outra vez fazer camara, onde eu não fui, e os que lá forão asentarão de fazer hum requerimento ao capitão, que não fose sem recado de vosa senhoria. Asy que hos mouros fiquam nas terras, e nós em nosas casas, até vermos recado de vosa senhoria: e meu parecer he que vosa senhoria ordene de começar de castigar de la, destroindo todos seus rios, e asy mandarnos que façamos nós de qua houtro tanto: e pois eu fui tam mofino, que me nom pude la achar com vosa senhoria neses feitos, estou muy prestes pera fazer qua tudo o que me vosa senhoria mamdar por seruiço delrey e seu .... mais a vossa senhoria, cúja vida e estado noso senhor acrecemte por muitos anos. Oje XXIIII de novembro» a seruiço de vosa senhoria — Jorge *cabrall?*

3.ª Senhor — homtem bespora de samta caterina escreveo aluaro de caminha ao capitaão desta cidade, como herãao emtrados

distante de Agaçaim; e sabendo isto o Governador, mandou dividir a sua gente em duas columnas. Compôz a primeira dos Naires de Cochim, e dos cazados de Gôa, e deu o commando d'ella a seu filho D. Alvaro, companheiro de seus triunfos. Reservou para sí a segunda; formando-a de todos os Fidalgos, e soldados da marinha, mandando-lhe guarnecer os flancos pela cavallaria da Cidade. Rompeu a marcha n'esta ordem, destacando um piquete de cavallaria para a frente, para descobrir campo.

Os Mouros, como não temessem o inimigo, ou o não esperassem, achavam-se espalhados pelo campo em desordem; porém logo que alguns divisaram nossas bandeiras,

---

os negros em salsete, e que tinhãao asemtado no campo de margãao dezasete temdas, quimze brancas, e hũa vermelha, e que elle com doze portugnezes e alguũs piães da terra fora saber quamta gemte hera, e que por seu olho vira que serião duzemtos de cavallo, e obra de mill piães, e os vio de tall maneira que quiz trauar em huũa pomta delles escaramuça, e lhe matou dous ou tres de cauallo; e algũs de pée, e lhe trouxe toucas e lamças e alguũas cousas outras de despojo, escreuendo ao capitão que prouese como lhe milhor paresese; pella quall rezãao o capitão nos mandou chamar a camara, aos vereadores, e os da gouernança e ao viador da fazemda, e aly se praticou o que aluaro de caminha escreuia e se leo sua carta, e se tomou parecer de todos se pasaria o capitao lla; e postoque ouuese pareceres diferemtes e alguus que não devia de hir, todavia foraão mais vozes que pasase loguo, e os fose deitar fora, com primeiro mandar espias, e se tornar afirmar da gemte que era, e feyto auto disto, em que todos asynamos, e pregões lamçados que se fizesem prestes, prae loguo pasarem, oje dia de samta caterina tornou a responder aluaro de caminha que a gemte nãao era mais da que tinha escrito, e que niso se afirmaua, e que emtemdia nelles que estauão

perceberam que eram buscados pelo Governador, correram atemorisados a dar parte a Cala Bateção, encarecendo as nossas forças, que o temor, ou a distancia augmentava muito mais. O Turco vendo já sobre si tão victoriosas armas, e pussuindo-se de terror por este facto, retirou immediatamente com o seu exercito. Deixaram os inimigos as barracas, bastimentos, e bagagens, e até a propria ceia, já quasi cozinhada, o que serviu para reparar aos nossos o cansaço da marcha. O Governador começou logo a tomar posse das terras, e da victoria.

Passaram-se os Mouros á outra margem d'um rio caudaloso, o qual não se podia atravessar senão por umas

---

tão fracos, que não avião desperar, como soubessem, que abalaua de quaa a nosa gemte. E o capitaão, estando prestes, com ter toda a gemte requerida, e buscado cauallos pera algus que os nãao tinhão, com se obrigar a pagar os que llaa perigasem, ou matasem; tornou á camara com parecer do lecemceado manuell mergulhão, que se nãao deuia fazer nada te primeiro o fazerem saber a vossa senhoria, e fizerãao hum requerimento ao capitão, que nãao fose, em que asynarãao esses que se acharãao acabado a precisaão: pelloque o capitão deixou de hir, e todos escreuem agora a V. S., e porque pode ser que de hua parte ou doutra se estemdão na emformação em mais do que pasou, o escreuo a V. S. e lhe certefiquo que asy pasa isto pomtuallmente, e a mim me pesa de elles o remeterem a V. S. que bem lhe abasta seus trabalhos, e o negocio parece que estaua quaa de feyção com que os negros se poderãao bem deitar fora: mais o capitão sospemdese niso pello requerimento da camara, que a sua vomtade boa era de pasar. He agora necesario que V. S. proveja nisto, pois tudo lhe fiuerem lamçar ás costas. Noso senhor acreceute a uida e estado de V. S., como deseja. De Goa dia de santa caterina de quinhentos e quaremta e sete anos. «Francisco toscano.» (*Sobrescrito*) Para o senhor governador.

trincheiras, que formavam uma ponte. Esta, foi córtada pelos inimigos; mas como o fizessem com muita pressa, não poderam evitar que ficasse em pé uma parte d'ella, para dar passagem aos nossos. Estes, pois, entraram, ainda que com difficuldade, a passar o rio em seguimento dos fugitivos; mas como o não podessem fazer senão a mui poucos, e poucos, e fosse reconhecido pelo inimigo, que podia pelejar com vantagem, voltaram os Mouros a fazer-nos frente, mostrando-nos, que se haviam retirado por estrategia.

Os primeiros dos nossos, que conseguiram pisar a outra margem, não poderam resistir á furia com que eram acommettidos, e retrocederam não sem derramar sangue.

---

4.ª Senhor — Oje que são vymte symquo de novembro chegou dom Jo. mascarenhas a esta cydade, e receby hũa carta de uosa s. que porey á comta com as outras muitas e gramdes merces, que me tem feitas, pelas quais lhe noso senhor acresemte por muitos anos seus dias de vida e estado.

Os panos de pomda ambos tenho acabados, e dom Jo. mascarenhas hos leuará, he hũa vya será sua, e outra dará ao viador da fazenda, peraque mamde em outra náo por outra vya. Não nos gabo a V. S. porque são parte. Dom bernaldo e o padre costodio vyrão ja hum acabado amtes que daquy partisem: eles o poderão dizer como testemunhas de uista, e uosa S. o poderá julguar pelo que... feito, quando embora V. S. vyer.

Nouas de qua não espreuo a V. S. porque as que me fora lycyto espreuer são as da obrygação de meu cargo, em que a prezemte não ha que dizer; porque armas e fazenda numqua forão boas amygas. Estamdo com o allforje feito pera salsete, se mudou o conselho da ida por requyrymento dos vereadores e dos que nele asynarão, que vosa S. la uerá, e não achará a my, de que me nada peza; porque não fuy, nem são de tall pareser. Dizem os butyquairos que com receita de mestres se emxaroparão estes

O Governador, que n'este terrivel conflicto se achava mui impaciente, mandou então passar o rio por differentes partes. D. Diogo de Almeida vadeou-o logo com alguma cavallaria, achando por aquella parte melhor váo, e melhor fortuna, pois que se encontrou com o General inimigo, e o atacou com muita galhardia; tanto assim, que conseguiu desmontal-o no primeiro acommettimento. Como o Turco não perdesse os sentidos ao cahir por terra, levantou-se, metteu mão ao alfange, e envestiu a D. Diogo, que ainda que não perdeu o estribo, ficou desarmado com a força do golpe, durante pequeno espaço; mas tornando a cobrar animo, cahiu segunda vez sob o Turco, ajudado por dous soldados, e deixou-o estendido no campo ferido mui gravemente.

Os de mais Capitães atravessaram o rio, ainda que com bastante custo, estimulados do exemplo do Governador, que andava peleijando entre os inimigos. Logo que se effeituou a passagem de toda a nossa gente, foi carregado o inimigo com tal valentia, que não poude resistir ao peso da batalha, e foi abandonando o campo. O Governador, vendo que os Mouros fraquejavam tímidos, e em desordem, foi-os apertando tanto, que dentro em pouco concluiu a victoria.

Tivemos n'esta memoravel acção mui poucos mortos, mas bastantes feridos; o exercito contrario soffreu grande perda, mui principalmente na fugida; os nossos não fize-

---

dous dias muytos omẽs. Noso senhor acresemte por muitos anos os dias de vida e estado ha vosa S., a que beijo muitas vezes as mãos. De guoa oje XXV de novembro de 547» Seruidor e feytura de v. s. — Amtonio fernamdes —

(*Sobreserito*) Ao senhor governador meu senhor. —

ram prisioneiro algum, pois que a todos os inimigos que se rendiam, tiravam a vida. Não ha a particularisar rasgo algum de qualquer dos Fidalgos, e Cavalleiros, que assistiram a esta batalha, porque tendo todos elles peleijado com igual valor, seriamos injustos se não dissessemos, que todos adquiriram uma fama gloriosa, tornando-se dignos do maior respeito, e veneração da posteridade!

Terminados que foram os trabalhos, e fadigas da peleija, deu o Governador algum descanso á sua tropa, e partiu depois para Pangim, escusando-se de entrar logo em Gôa, como quem pertendia fugir ás honras do triunfo. Chegado aqui tratou de despachar as náos de carga, que haviam voltar para o Reino, n'uma das quaes foi embarcado D. João de Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Aportando ao Téjo, foi recebido na Côrte com honras não vulgares. Foi Conselheiro d'Estado no curto reinado d'El-Rei D. Sebastião, e depois um dos Governadores do Reino.

Parecera a D. João de Castro, que o Hidalcão ainda não estava bastantemente castigado, e por isso se resolveu a fazer-lhe soffrer mais dura guerra. Mandou guarnecer as terras de Salsete por maior força, a qual se compunha de cento e vinte cavallos, e mil milicianos da terra, tudo commandado por D. Diogo de Almeida. Ordenou que ficassem alguns navios nos rios de Rachol, para defensa das Aldêas visinhas; pois que seus lavradores fugiam de cultivar os campos, em consequencia das repetidas invasões inimigas. Depois de pôr em prática estas, e outras disposições, entendeu o Governador, que com muita facilidade prostaria um Reino declinado, e foi continuando a guerra contra o Hidalcão. Tendo embarcado os soldados, que encontrava sempre promptos para o acompanharem a todas as empresas, mandou soltar as vélas, e foi navegando por aquella costa

inimiga, deixando por toda ella signaes indeléveis da sua passagem, por isso que arrasou immensas povoações.

Havia a duas leguas de distancia da praia outro *Dabul*, chamado de — Cima — que por se achar situado no interior, tinha em si depositadas as fazendas de muitos; não lhe valeu porém, o achar-se affastado da margem do rio, para deixar de soffrer os estragos, que tantos outros lugares haviam soffrido; porque o Governador mandou marchar na sua direcção, entregando a vanguarda a seu filho D. Alvaro. Este, quando alli chegou, já os habitantes tinham fugido para o sertão, levando comsigo as riquezas. Consequentemente, não encontraram os nossos, objectos para saquear, mas sim cousas que servissem para saciar a sede dos estragos; porque não servindo os edificios para despójos, pagaram com a ruina. Arderam até as Mesquitas, e Pagodes, e os Idolos foram feitos em pedaços, chorando os Mouros, e Gentios, tanto a miseria de seus deoses, como as suas proprias. Foram talados os campos, destruidos os palmares, e mortos os gados, para que a fome viesse a matar os inimigos, que a guerra poupasse. Emfim, ficou tudo tão assolado, que os olhos não differençavam as povoações das campinas, pela razão de se acharem tão razas umas como outras.

Recolheu-se o Governador a Baçaim, donde começou a fazer a guerra a Cambaya, mandando sahir algumas embarcações em busca das náos de Meca, que vinham fundear nos portos da enseada; no que D. Antonio de Noronha, e D. Jorge Baroche se houveram com tanta felicidade, que apresaram as ditas náos, e muitos outros navios, alcançando com isso grande reputação, e forças para o Estado. Estas, e outras victorias, que havemos relatado, fizeram nossas armas tão temidas, e respeitadas durante a governança de D. João de Castro, que a maior parte dos

Principes da Asia, voluntariamente se declararam então tributarios do Estado, para que amparados pelo nosso poder podessem defender, ou assegurar os dominios. O acontecido com os Reis de Campar, e Caxem documenta assaz esta verdade.

Todos os nossos Chronistas, e ainda mesmo os estrangeiros, escrevem com muito espanto, aquelle famoso cêrco de Dio, defendido pelo Grande Antonio da Silveira, de quem as armas Turcas receberam na India, ou a primeira, ou a maior affronta. O General que então commandou o exercito inimigo, foi Rax Solimão, que depois de haver perdido no sitio grande parte da sua esquadra, fugiu com susto das nossas embarcações, que ainda estavam fundeadas no porto, deixando em terra as bagagens, e os feridos. Porém, ao pôr em pratica esta fuga, fez tenção de não hir apresentar-se a seu Soberano; por isso que, tendo-lhe promettido tomar Dio a todo o custo, e não o tendo conseguido, receava que se lhe fizesse cortar a cabeça, em despreso de todas e quaesquer desculpas, que produzisse em sua defeza. Assim, quiz antes arriscar a fidelidade, que a vida. Entrou por tanto no porto de Adem com mostras de amigo, onde, apesar de se tornar suspeitoso ao Rei respectivo, recebeu d'elle o mais obsequioso acolhimento. Rax Solimão vendo sua traição temida, ou descoberta, resolveu-se a acommetter a Cidade por escala, mas temeu o fogo das suas fortalezas, e o valor dos A'rabes: recorreu pois a outro ardil mais vil, mas de mais seguro resultado. Consistiu elle em mandar dizer ao Rei, que visto não poder entrar na Cidade, por causa de não perder a monção, se dignasse de vir fallar-lhe a bordo, porque tinha a communicar-lhe negocios do Grão Senhor, de muito interesse para o seu Reino. O desgraçado Rei, acreditando, como sincero, tão falçario pedido, partiu a encontrar-se no mar com o Baxá; mas este monstro calcando aos pés a gratidão, a

fé, e a humanidade, mandou-lhe immediatamente cortar a cabeça, insultando-o antes com muitas chufas, e mofas.

Perpetrado que foi tão horrivel attentado, poude o malvado assassino occupar a Cidade sem custo, pois que toda ella se achava mui atterrada, em consequencia da violenta morte de seu Principe. E porque a dita Cidade nos custou tantos cuidados, e tanto sangue, passaremos a fazer a sua descripção.

Existe ella situada na costa da Arabia Felix em altura de doze gráos, e um quarto, do Polo Artico, abrigada d'uma pequena serra, onde estão collocados alguns fortes, que lhe defendem a entrada. Está assente na bocca do Estreito, o porto é limpo, e podem ancorar n'elle navios de todo o lote, ainda que descobertos aos *Ponentes*, ventos que alli cruzam nas monções do Estio. A arte, e a natureza tornaram-na defensavel por terra, assegurando-a da ambição dos Régulos visinhos, bem como das incursões dos camponezes A'rabes. Ha no porto uma pequena Ilha escassamente fortificada, á qual os naturaes chamam *Cirá*; fica-lhe fronteiro um outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde fundeam as náos que navegam para Meca. Não ha alli fontes nem rios, que reguem as terras, e em quanto a chuvas, passam-se dous e trez annos sem as haver; e remedeia-se esta terrivel falta, com virem muitas caravanas de camelos carregados d'agua de sitios remotos. A droga principal da terra é ruiva; mas o que mais lhe importa é a ancoragem das embarcações que navegam pelo Estreito. Os moradores são bellicosos, e crueis, seguem a guerra mais pelos despojos, que pela victoria. —

Achando-se o Baxá de posse da Cidade, segundo já dissemos, e vendo-se, ainda que intruso, obedecido, entrou a enfraquecer o Povo com diversas vexações, entendendo que

melhor o sujeitaria á sua tyrannia, tirando-lhe as forças. Mandou degollar os homens ricos, e confiscar-lhes os bens, sendo a vida culpa, e a riqueza delicto. Emfim, o tyranno sempre incansavel em praticar toda a casta de flagello, para massacrar os pobres miseraveis, que uma nefanda traição havia submettido ao seu jugo, tinha-se tornado o horroroso objecto de mil pragas, e maldições. Succedeu-lhe Marzão no dominio da Cidade, e tambem na crueldade. Dentro em pouco, cansaram-se os infelices habitantes de soffrer este segundo monstro; e tendo meios de offerecer a El-Rei de Campar a Cidade, e a obediencia, assim o fizeram, dizendo-lhe: «que com qualquer soccorro acometteriam os «Turcos; que estes pensando que suas victimas haviam per«dido a idéa de liberdade, e a lembrança das suas inju«rias, gosavam descuidados o seu intruso dominio, julgan«do-o quasi hereditario; que achando-se pois entregues a «esse descuido, podiam mui bem ser vencidos.»

Foi acceite esta offerta pelo Rei visinho, ou fosse por ambição, ou por humanidade. Em consequencia do que, escolheu mil soldados d'entre os seus, que julgou capazes de empreza tão grande, querendo elle mesmo ser seu companheiro, e seu Commandante. Partiu esta pequena columna no silencio da noute, e chegando á Cidade, entrou por uma porta, que os conjurados lhe abriram, e tomou posse do Castello com fraca resistencia. Marzão fez-se forte no palacio com quinhentos Turcos, conhecendo melhor o perigo, que suas causas, e authores.

Apenas rompeu a alva, appareceu o Rei de Campar á testa dos seus, e logo enviou um clarim a Marzão, dizendo: «que aquella Cidade era sua por antigos ajustes, «reforçados agora pela eleição dos proprios habitantes, que «opprimidos pela intrusão do Baxá, e sua tyrannia, não po«deram pronunciar livremente o nome de seu Principe na-

« tural; que elle os vinha soccorrer como a afflictos, e co-
« mo a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, os tra-
« taria como amigos, concedendo-lhes que levassem as ar-
« mas, e roupa que tivessem; do contrario, a justiça, e a
« victoria, o fariam duas vezes senhor de seus mesmos vas-
« sallos. »

Conheceu o Turco a conspiração, que se effeituára, e entendeu, que lhe faltavam forças, e bastimentos para se defender, o que o obrigou a obedecer á mencionada intimação. Sahiu, pois, com as bandeiras despregadas, e tocando caixas, e foi occupar um Castello, que havia na distancia de oito leguas, do qual procurou ainda retomar a Cidade, com os soccorros de Baçorá. Começou por assaltar as caravanas, que basteciam a Cidade de Adem, que recebendo agua, e mantimentos do Sertão, não tardou a soffrer grandes necessidades, pois que só a muito custo podia receber diminutos comestiveis. O desgraçado povo como se achasse a braços com a fome, pesava esta com a tyrannia n'uma mesma balança, e pussuido de desesperação chegava a optar pela ultima.

Não cessava o tyranno de engrossar o seu partido com repetidos soccorros; o Rei, vendo que não podia oppor-lhe forças iguaes, pediu conselho aos maioraes da Cidade, sob a gravidade das cousas, e todos elles foram de accordo, que se invocasse a protecção de nossas armas, como unica taboa de salvação. Em consequencia do que, mandaram requisitar auxilio ao Cpitão de Ormuz, que era então D. Manoel de Lima, offerecendo uma Fortaleza, e os rendimentos da Alfandega, e ponderando qual seria o perigo do Estado, se os Turcos se chegassem e estabelecer n'aquella praça.

Era voz geral, que o Marzão em breve receberia de Baçorá importantes soccorros; e que tão depressa isto tives-

se lugar, tomaria a offensiva contra a Cidade. O Rei de Campar informado das intenções do inimigo, cuidou logo em lhe cercar a Fortaleza com trez mil homens escolhidos, o que emprehendeu com mais resolução, que fortuna, por isso que foi morto n'um dos primeiros assaltos. Esta morte cortou tanto de temor aos A'rabes, que estes deixaram o cerco, para sepultarem o seu Rei, como se n'aquella occasião devessem antes exercer actos de piedade, que uma vinga justa...

A embarcação que navegava para Ormuz, hindo a montar o cabo de Rosalguete, encontrou-se com D. Payo de Noronha, que cruzava n'aquelle Estreito com doze navios de remo. O mensageiro A'rabe revelou então a D. Payo, a natureza da sua missão, e este parecendo-lhe este soccorro digno de todo o grande soldado, escreveu ao Capitão de Ormuz, pedindo-lhe: «que se não houvesse de tomar esta «honra para si, lha não negasse a elle.» D. Manoel satisfez este pedido, mandando a D. Payo dous navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; e aconselhou ao Embaixador d'El-Rei de Campar, depois de o haver tratado mui honradamente, que pedisse ao Governador da India uma esquadra, na certeza de que a alcançaria; pois que D. João de Castro nunca negaria amparo aos amigos do Estado, principalmente contra Turcos, cuja destruição era herança nossa.

Aportou D. Payo a Adem, cujos moradores o receberam com as mesmas honras que tributariam a seu proprio Principe, e lhe entregaram a Cidade, tanto para a defender, como para a governar. Uma bandeira nossa foi logo arvorada pelos mesmos moradores, jurando estes sob ella, que defenderiam aquella Cidade, como membros do Estado, do qual já se consideravam subditos fieis.

Porém, D. Payo portou-se de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente: calareoms aqui o que elle então praticou, em honra dos anteriores feitos de similhante varão.

Desamparados os de Adem por D. Payo, nem assim perderam a dedicação, que haviam jurado ao Estado, pois que continuaram a defender a Cidade com a voz de Portugal na boca; e como não tinham, ou não quizeram outro abrigo, senão o de nossas armas, resolveram-se a enviar um membro da familia Real ao Governador, para lhe significar o estado em que se achavam; de cujas miserias podiamos colher nova fama; que o Principe de Adem queria receber do Estado as leis, e a Corôa, de quem se faria feudatario pagando-lhe um grato, e honesto tributo.

D. João de Castro alegrou-se por ver soar seu nome, e suas victorias aos ouvidos dos Principes remotos, fazendo-os não só reverentes, mas sujeitos. Houve em Gôa grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna tornava ao Estado as felicidades da primitiva India, pois onde outras armas mal haviam chegado por noticia, as suas chegavam por imperio.

Entregou o Governador esta empreza a seu filho D. Alvaro, tão benemerito de todas, que a eleição não pareceu de pai, mas de ministro. Querendo muitos fidalgos velhos embarcar-se com elle, ordenou-lhes o Governador, que ficassem em Gôa, porque necessitava d'elles para cousas maiores; era porém tão grande o gosto da viagem, que receberam esta ordem como aggravo de todos. O Governador contentou-os, alegre de ver aquelles espiritos creados debaixo da sua disciplina. Mandou logo bastecer trinta navios de remo, e nomeou para seus Capitães a D. Antonio de Noronha, filho do Vice-Rei D. Garcia, Antonio Moniz Barreto, que

hia provido na fortaleza que se havia fazer em Adem, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, D. João de Attayde, Alvaro Paes de Sottomaior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pedro Botelho Porca, irmão de Diogo Botelho de caza do Infante D. Luiz, Alvaro Serrão, Luiz Homem, Melchior Botelho, Veador da Fazenda, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Corrêa, Diogo Corrêa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

Julgamos muito a proposito o observar n'este lugar, que El-Rei de Cambaya achando-se a este tempo cansado da continua guerra, que nossas armas lhe faziam, pertendeu celebrar pazes com o nosso Estado; e que para effeituar esta sua pertenção deu poderes a Cyde Amede, homem de grande importancia na sua Corte, para encetar as respectivas negociações com Luiz Falcão, que então era Capitão mór de Dio; que este bravo Portuguez annuiu ao convite do dito Rei, por cuja razão houve algumas entrevistas nossas com o mencionado plenipotenciario, participando Falcão circumstanciadamente (*) ao Governador, quanto hia occurrendo ácerca de tão importante negocio.

---

(*) Esta participação contem-se em quatro das seguintes cartas, que passamos a transcrever, pelas julgarmos dignas da maior consideração, e n'uma outra assignada por Antonio Mendes de Castro, valente fidalgo nosso.

1.ª Senhor — Per Francisco dallmeyda espreuy ha vosa S. como cide hamede vyera fallar comyguo, e trouxera hum formão dellrey, em que dizya que avya por bem que se fallase nas pazes, e que pera iso mamdarya hũa pesoa aseyta ha elle ha huna pera se comsertarem has pazes, e que lhe lleuase hum espryto

Antes de partir a expedição, que mencionada fica chegou a Gôa um Embaixador do Rei de Caxem, a quem os Fartaques visinhos tinham usurpado a maior parte do Reino. Este, como reinava na outra contra-costa da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida pelas nossas armas, pensando que o podiamos restaurar com a mesma esquadra, escreveu ao Governador, *que não seria acção menos meritoria fazer-lhe restituir o Reino, que defender Adem. Recordava a fiel hospedajem, que acharam nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que ancoraram alli em differentes épocas, por cuja razão elle se tornava suspeito aos Turcos*; e concluia *por offerecer além da fidelidade moderado tributo.*

Entendendo o Governador que estes soccorros davam

---

meu pera lloguo ho mamdar. Aguora me tornou cyde hamede com resposta, que ellrey lhe espreuera que dom gironemo capitão de baçaym espreuera ao bramalluquo, que tynha poderes de vosa S. pera fallar na paz; que lhe tinha respondido; e que tamto que lhe vyese recado, lhe mamdarya dizer ho que avya de fazer. Foy gramde dita emcarreguar-se dom gironemo deste neguocio; porque allem de ho elle tambem saber neguocear, he muyto mays perto caminho de cambaya ha baçaym, que ha dio. Como isto soube llevey mão de fallar mays neste neguoceo, por não danar, e parecer que desejamos tamto esta paz: e porque me temy de ser este seu recado dillação pera poderem ter tempo de mamdarem allgũas naos, mamdey dous catures ha mamguallor, por ter nova, que llamçauão duas naos ao mar, e que veyo hy ter dormuz duas terradas carreguadas demxofre. Esta fortalleza tem necesydade de navyos; porque estes, que mamdey, estavão nesta couraça feytos em pedaços, que custou bem de trabalho comsertaremse.

Dom manoell de llyma houve-se tão mall com hum navyo, que lla mamdey, e fez tam más fidallguias nos meus he em mynha fazemda, que não housarey de mamdar lla buscar mamtymemtos de que tenho nesesydade pera esta fortalleza sem huma fortycema pro-

maior lustre ao nosso nome, e que creavam amigos ao Estado, assentou que se auxiliassem os de Caxem com a mesma armada, que estava a partir, visto ser a mesma viagem, e não augmentar a despeza. E porque os de Adem, como sitiados, precisavam de prompto soccorro, o Governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustando o intento, e os gastos, despachou logo a D. João de Attayde com quatro embarcações, para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar D. Alvaro. D. João de Attayde, partiu, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou-se-lhe um dos navios, que arribou destroçado, em quanto os mais foram seguindo a sua viagem.

Em quanto isto se passava, peleijavam em Adem obsti-

---

uysão de vosa S , ha quall me vosa S. fará merce de ma mamdar por que me he nesesareo mamdar ha ormuz ha tempo que me posa qua vyr emvernar. Noso senhor acresemte vyda e estado de vosa S. por muytos dias. Desta fortalleza de dio aos quymze dias de janeiro de 548 «luis falcam.»

(*Sobrescrito*) Pera ho senhor gouernador — meu senhor.

2.ª Senhor. Pareceome bem mamdar amtonio memdez com recado a V. S. do que pasou com modoretequam; e porque de tudo o que com ele pasou dará meuda conta a V. S., nam direy neste capitulo mais.

Com toda a cortesia he acatamento que deuo, confiamdo em quam leal seruidor e amiguo temdes em mym ousey de fazer esta lembramça a V. S., ainda que pera yso nam tiuese seu poder! mas, como diguo, na confiamça de ser mais voso seruidor, que de nenhum outro gouernador que fose em men tempo, me salua da pena, se esta confiança se pode chamar erro.

Primeiramente alembro a V. S. que soo os vemcedores podem fazelapaz, como quiserem; e que V. S. tem avido em seu tempo has mores vitorias, que nestas partes temos vistas, despoys que sam descubertas, e se dixer que muito mayores das que

nadamente os sitiadores, e os sitiados, derramando-se d'ambas as partes muito sangue. Carregava o pezo d'esta guerra sob alguns Portuguezes da armada de D. Payo, que mostraram valor illustre defendendo um Reino estranho, como se combatessem pela sua Patria.

Achando-se as cousas de Adem no estado referido, appareceu a armada Turca, que constava de nove galés Reaes, e algumas galeotas. Deu ella vista da Cidade, e surgindo fora da enseada, saltaram os Turcos em terra, armaram barracas, fortificaram o acampamento, e avisaram ao Baxá que se lhes aggregasse com a sua tropa. Os A'rabes, que viram sob si tão grandes forças, acodiam remissos á defensa, ou

---

ouve roma, despois que ha romullo fundou, não erraria; como cousa ouve no mundo, como apresentar batalha a elrrey do guzarate nos campos de baroche, e matarlhe dous capitaes, e fazelo fogir, sem ousar de pelejar com V. S. com vimte soldados, que com mays se nam achou na dianteira. pois por menos vitoria se deue dauer desbaratar cymquo capitaes de Idalcão com vimte e cymquo de cavallo, digo que o ey por muito mayor feito, e mais glorioso vemcimento que o delrrey dom affonso amrriquez no campo dorique: deixo descerquar dio com morte de tamtas ymfinidades de gentes, e outras mui grandes vitorias, que vos noso senhor cadadia daa dos imigos da sua santa fee: tudo isto trago á memoria a V. S., peraque lhe alembre, que nam tem mais que fazer, pera o S. A. fazer duque, ou marquez de colares, que paz ao presemte; e aquy hacabo o primeyro pomto.

Em segundo lembro a V. S. que ha mercê que nos deos fez em nos dar adem que foy muy grande, e muito pera lha agardecermos, porque elle que nolla deu, nos dará poder pera a defendermos: mas V. S. tenha por muy certo, que se nos ordenou hũa muy trabalhosa contenda porque ho turquo alhe de ser muy nojosa ha nova da tomada dadem, e nessa mesma ora áde prover

por susto, ou por desconfiança, parecendo-lhes insuperavel o valor, e o poder dos inimigos. Formavam já reuniões particulares, onde accusavam em seu Rei a ambição de dilatar o Reino á custa do sangue do Povo. Porém os Portuguezes, que em sua companhia estavam, vendo, que dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçaram os A'rabes, mostrando-lhes que a resistencia era necessaria, e possivel, e offerecendo-se de novo por camaradas voluntarios de sua fortuna; o que fez crear-lhes outros espiritos novos, com que juraram morrer na defensa, menos pela obrigação, que pelo exemplo.

Foi a Cidade sitiada pelos Turcos, formando estes duas

---

no estreyto /per causa de mequa e de sua romagem porque hos romeiros nam amde housar de navegar com temor das nosas armadas, ainda que em adem nam aja mais que hũa so fortaleza: asy que he de crer que daquy nacerá contenda trabalhosa: ora nós nom somos tamtos pera nos repartirmos em tamtas partes, nem os rreis nosos vezinhos nam tem recebido de nós tam bõas hobras, que esperemos deles ajuda em nosos trabalhos; per onde parece ser ao presente necesaria a paz, e concemtir V. S. nella, posto que nam seja com as avantages, que hos purtugeses desejaram, mas ao tempo e ala sazam se conforme, diz o rrifam. Deste atreuimento que tomey seja perdoado pois tudo o que dixer e fizer he a fim de servir V. S. a quem noso senhor acresente por muitos dias a vida e estado. De dio, oje terça feira XXVII de feuereiro de 548 «Luis falcam»

(*Sobrescrito*) Ao senhor gouernador: meu senhor.

3.ª Senhor — Amtonio memdes de crasto foy ha Vnaa: pasarão ele, e motaremocão muytas palavras que são escusadas dizer a vosa S. fynallmente que lhe nam pôde arrymcar mays dos bofes, que ha capaz do vysorey, nem tem poder dellrey pera mais. Meu parecer hera que Vosa S. me deve de dar lycemça

batarias com algumas peças de grosso calibre, inclusivé duas que chamam Quartaos, e que jogavam balas de quatro palmos de circumferencia. Começou a artilheria a bater os muros, fazendo-lhes grandes ruinas, ás quaes os cercados oppunham reparos, e travezes por dentro, com que entretinham, e rebatiam os assaltos, e faziam aos Turcos duvidosa, e custosa a victoria. Porém D. Payo de Noronha, (arrastrado por algum fatal destino) privou os A'rabes do triunfo, e os nossos da honra, mandando avisar secretamente a todos os Portuguezes, que viessem reunir-se a elle, desamparando a defensa do Principe feudatario, e amigo, faltando ás obrigações do cargo, e do sangue. Obedeceram-lhe os Portuguezes, exceptuando Manoel Pereira, e Francisco Viei-

---

pera mamdar amtonio memdez e cyde amede, porque per algũas mostras que amtonio memdes vyo nestes mouros, parece que se fará a paz de muita aventage, do que se aquy fará com estes cães; e a omra deste negocio deve destar no proveyto. Ellrey de cãmbaya he gram senhor, e muy cheo de vaydade, e com lheu espreuer que nâo quero fazer a paz com os seus capytaes, senam com sua A., porque se neste negocyo lhe fyzer algum servyço, a ele quero que seja feyto; parece-me, que será camynho pera se este negocyo fazer mylhor. Se o vosa S. ouver asy por bem, he necesaryo levar amtonio memdes algũ presente, que de ser hum par de cavalos, e nese baçaym os nam ouver, eu os teuho muito bõos. Ho mota remocão estava ja pera se partyr quamdo amtonio memdes chegou, e aguora ao despedir-se dele lhe pydio que ha resposta lhe mandase loguo, porque com ela se havya olguo de partyr. Vosa S. me deve de mandar, o mays cedo que puder, resposta, porque a que lhe eu ouver de mamdar será com tamtos vagares, como hos eles tem em todas suas cousas.

A rezao porque aquy diguo que va cyde amede em companhya damtonio memdes he por ser testemunha de nâo querer fazer a paz com motaremocão, e mamdarmelos ambos louvar em

ra soldados de fortuna, os quaes responderam: «que aquel-«la Cidade era d'El-Rei de Portugal, e que na defensa d'el-«la haviam de perder as vidas.» Sustentaram estes a Cida-de até ao ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruina, que os Turcos na victoria.

Apenas os A'rabes souberam, que Portuguezes se ha-viam retirado, começaram logo a tratar de capitulações; mas o Principe não quiz ouvir fallar em tal, dizendo: «que «antes sahiria da Cidade desbaratado, que rendido; que «aquella bandeira d'El-Rei de Portugal não havia deixar «ganhal-a aos Turcos, sem nódoas de sangue:» este pro-ceder era digno, sem duvida, de ser melhor auxiliado pe-

---

sua A., pera que ele dê a sentença neste negocyo, e cyde amede como pera teyra he o que deseja este camynho, porque sabe de nos ha que nam poderemos fazer a paz senam com a pesoa dellrey e a my asy mo parece pelo que tenho conhecydo de mouros e de suas vaydades: mas como vosa S. emtemde todas estas cousas mylhor que nynguem, não ha mays que neste negocyo lhespreo uer. Noso senhor acrecente a vyda e estado de vosa S. por mui-tos anos. De dio a seis de março de 548 «Luis falcam»

(*Sobrescrito*) Ao seuhor guovernador — meu senhor.

4.ª Senhor — Se deixei despreuer a vosa S. todas as pala-vras, que pasey em vnaa com motaremocão, foy por me parecer cousa justa deixalo a luys falcam, pera o ele esprever a vosa s., mas se o deixou de fazer seria por saber que vosa s. estaua doen-te, e não no quererya emfadar com tamtas palavras como mouros dizem: mas comtudo peço perdão a vosa s. de lhe nam esprever o que com eles pasey, porque verdadeiramente que me pareceo que nam fazya nysto erro, e a merce que quero de vosa s. he que me perdoe este, com portestação de nunca cayr em outro desta calydade.

O que pasey depoys de vyr de baçaym foi chegamdo a esta

las nossas armas. Continuou o inimigo os seus assaltos, mas os moradores resistiam fracamente, e tornavam a fallar em entregar-se, ao que o Principe se oppôz sempre, fiel á sua palavra. Até que o perigo, a fome, e a desconfiança dobraram alguns dos ditos moradores para abrirem uma porta secreta ao inimigo, por onde este entrou na Cidade. O Principe desempenhou com a perca da vida, a fidelidade promettida ao Estado, combatendo com estupendo valor. Manoel Pereira, e Francisco Vieira salvaram a um Infante, que conduziram a Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

D. João de Attayde, que deixámos no mar com trez

---

fortaleza esprever hũa carta ao motaremocão em como eu era chegado de baçaym, e que achara aquy hũa carta do cyde u amede, que viera depoys deu ser partydo, em que mespreuya, que lhe mandase a reposta do que luys falcam dizya, e que sua merce que estava pera se yr, pelo quoall o queria yr ver amtes que se peralyse: e loguo ao outro dia me mamdou hũa chapa sua pera poder ir seguro, eu e os que comyguo fosem. E com este seguro fuy sem ficar nesta fortaleza mays premda, nem pareceo necesaryo, por m' ele da outra vez ter dito, que sem refeẽs, nem seguro podia yr eu e os que comygo fosem, seguramente, asy a vnaa, como hamadavade, se compryse, porque este hera o custume dellrey de cãobaya, que estamdo tão mall hele, e o moguor, comes'yverão, e temdolhe tomado ho reyno, hyão e vynhão recados dũa parte, e doutra sem nunca se fazer nojo aos que nysto amdavão.

Depois de chegar ha vnaa me dixe o motaremocão, que tardara muitos dias, e que ja estaua com as temdas fora do lugar pera se yr, quamdo a mynha carta lhe chegáraa, e o que eu soube era ter mamdado recado a ellrey do que pasara comyguo, e esperar per reposta, e nam lhe ser ymda vymdo; e a causa de tar-

navios, foi fazendo viagem, e como encontrou ventos de servir, viu dentro em poucos dias a costa da Arabia, e foi demandar a Cidade de Adem. Ao entrar a ramo na bahia d'esta, viu que as galés Turcas estavam alli surtas; e por que ainda sopravam os Levantes, tornou a sahir para o mar. Os Turcos, mal viram os nossos navios, levantaram as âncoras, e foram-nos seguindo apressadamente; dando-lhes os remos tanta vantagem sob os nossos, que sem duvida aprezariam os navios de Gomes da Silva, e de Antonio da Veiga com toda a tripulação, se estes Capitães ao verem que nem podiam fugir nem resistir, não houvessem varado os navios em terra, que lhe ficava perto, salvando depois as vidas.

D. João de Attayde, como hia em melhor embarcação,

---

dar tamto he por ellrey estar muito anojado de se lhe yr hum capytão per nome hetenyde-cão, que hera muito seu privado, e muito aseyto a ele, dizem que se foy pera os patanes, e ellrey o tem mamdado buscar per muitas partes perá o desagravar, e o seu agravo dizem que foy sobre ellrey lho tomar huns lugares que lhe tinha dados: asy que com esta vollta não he vymda a reposta ao motaremocão, nem se yrá de vnaa ate lhe nam vyr, e ysto soubo dos seus propyos paremtes e cryados.

Pergumton-me o motaremocão que poys fôra a baçaym, que lhe dixese se estaua vosa S. achegado a rezão, e que era o que dizya neste negocyo da paz. A ysto lhe respomdy que quamdo vosa s. mouvyo o que heles dyzyão acerca das pazes, que asemtara o visorey, que samta glorya aja, e que hesas farya aguora ellrey de cambaya, que vosa s. se ryra disto, e mais semdo a cydade nosa, e temdo-a ganhada pela pomta da espada. Dizeme que parecia que vosa s. querya fazer as pazes á sua vomtade, e nam como fose rezão; e que ellrey de cambaya hera o que estaua arrezoado, e nós outros muito fora da razão: de maneira que pasamdo estas e muitas outras palavras, a que lhe eu respomdy o que me pareceo que comprya pera este negocyo, lhe dixe o que me

foi mettendo de ló tudo quanto poude, vendo-se muitas vezes perdido, até que sobre-vindo a noite fez-se na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no ilhéo de Mete, que faz frente ás Cidades de Barbara, e Zeila. Os que se salvaram em terra, foram buscar o abrigo de El-Rei de Campar, onde encontraram a Manoel Pereira, e a Francisco Vieira, de quem souberam os successos, que temos referido. Foram hospedados, e providos de tudo com amor, e abundancia.

Partíra D. Alvaro de Castro, com toda a esquadra reunida; e como navegasse com o vento em popa, fez a viagem tão breve, e tanto ávante, que encontrou D. João de At-

---

luys fallcam mamdou, scilicet, que foy, se ellrey de cãobaya nos dese estas allfandegas e cydade, e as terras de manora, que fae ryamos a paz, e ysto lhe tinha ja dito da outra vaz que lá fuy: ao que mé respomdeo que não fora nesesaryo esperar em vnaa tamtos dias, nem heu tornar lla, se a reposta avya de ser aquela; porque ellrey de cãobaya amtes avemturarya todo o seu poder e estado, que perder a jurdição e nome de dio ser seu. Asyque ao que vyemos per derradeiro foy, que pois ele dizya que ellrey não farya paz com perder a jurdição de dio, e nome que tinha de ser seu, que vosa s. lhe daria ametade das allfamdegas, e a jurdição. comtamto que ellrey de cãobaya tornase a dar a vosa S. as terras de manora, que ja o soltão bador dera a nuno da cunha, quamdo lhe deu baçaym, e guora as tinhão os capitães dellrey de cambaya em seu poder; e tornando-lhe estas terras, que vosa S. lhas daria na cidade a parte que atrás diguo, e que faria hese seruiço, e amizade a ellrey de cambaya.

Respomdeo-me a isto que ellrey hera gramde senhor, e que se nós o seruisemos, que muito mores merces nos faria; mas que ateguora os seruiços que lhe tinhamos feitos por nos dar baçaym com todas suas remdas, e depois a fortaleza em dio, e após isto

tayde, nos Ilhéos de Canecanim. Contou-lhe este fidalgo tudo que acabamos de narrar a respeito de Adem, e que se livrára das galés Turcas com o favor da noite. Foi esta triste nova mui lastimada por D. Alvaro, e mais Capitães, e Soldados, tendo todos em menos conta a perda d'aquelle Reino, que o desar de nossas armas. O Embaixador, e parente d'El-Rei de Campar, que hia na armada, sentiu extremamente a morte do cunhado, e do sobrinho, consolando-se porém muito com saber que não ficaram devendo nada á honra, nem á fidelidade que haviam jurado ao nosso Estado.

Decidiu-se n'um Conselho convocado por D. Alvaro,

---

a remda e parte nallfamdegua, fôra matarmos o soltão bador, e roubarmoslhe a sua cydade e tomarmoslhe toda a sua armada e artelharya e que hatéguora não tinhão vistos outros seruiços noso per onde merecesemos ellrey fazermos de novo mercê, e que o seruysemos doutra maneira, e que era muito pouco fazer ellrey o que nós queryamos: mas que aguora visto ellrey ter de nós recebidos tamtos agravos, que deviamos deseytar a paz como ha tiuhão feita com ho visorey; e depois diso que mamdase vosa S. a corte a vigitar ellrey, e que tudo o mais faria ellrei como semtise em nós vomtade de o seruirmos.

A isto lhe respomdi o que heu sabia destas cousas, que hera sermos nós a causa dellrey de cambaya ser oje em dia rei; porque se nam fora com ajuda de uuno da cunha os moguores numca foram llançados de cambaya; e que se ellrey se fora pera meca como se ia, e nuno da cunha o nam aconselharia, que se nam fose, e nam ajudara; que tarde tornára a restaurarse em seu reino, e que hele nos tinha armado traição pera matar nuno da cunha, e tomarnos a fortaleza; e que por isto lhe dera deus o paguo: e que quamto aceitarmos a paz que fizera o visorey, que nam fallase niso; porque depois tiveramos até o tempo da guerra o meio das

que visto não se poder soccorrer Adem, se navegasse em direitura a Caxem, segundo a instrucção que trazia a armada, e em attenção a terem os Fartaques visinhos tomado a fortaleza de Xael, parte integrante do mesmo Reino de Caxem.

Seguiu a armada para Xael, e tendo surgido em frente do castello, receberam-na os Fartaques com mostras de amizade, sem duvida por causa do medo que os pussuia. O forte tinha tão poucas obras de defeza, e era tão pequeno, que estava só guarnecido por trinta e tantos Soldados. Estes ficaram mui aterrados com a chegada dos nossos navios, e apressaram-se a mandar-nos um parlamentario, que fallava Por-

---

allfamdegas, e que haguora estava vosa S. mui arrezoado, por nam pedyr mays, que as terras de manora que forão nosas, e eles nysto não davão nada, poysera tornaremnos o que o soltão bodor nos dera: e que se ele a ysto não tynha mays que dizer, que ho que me ja tynha dito, que me dese licemça pera me tornar pera dio. Dixeme que me vyese embora, e que dese comta dysto ao capytão, porque ele não tinha licemça dellrey pera mais que pera a paz do visorey, e que lhe mandase a reposta do que ho capytão dezia, porque com ela se queria yr.

Eu vim a esta fortaleza e dei disto comta a lluys fallcão. Dixeme que respomdese a cyde amede, e a reposta que lhe mamdei foi, que eu dera comta ao capitão do que com ele e motaremocão pasara, e que o capitão se espantára muito diso, porque ele cy de amede lhe tinha dito, por muitas vezes, que ellrey de cambaya faria a paz como nós fosemos comtemtes, e que haguora falavão mui fóra de preposito: que se motaremocão tinha mais poder dellrey, do que me tinha dito, pera poder falar neste negocio da paz, que mo espreuese. A isto me respomdeo cyde amede, que hele, nem o cão não tinhão mais poderes, que ho que me tinhão ja dito; mas que ymda nam viera a reposta dellrey: e que

tuguez, e que levado á presença do Capitão mór, disse-lhe — «que os Fartaques tinham muita sympatia pelo Estado; que se vinha-mos a conquistar aquella fortaleza, nol-a largariam logo.» — Foram muitos dos nossos de opinião, que se acceitasse esta proposta, mas votaram outros, que por authoridade de nossas armas, se ordenasse aos preponentes, que se entregassem á discrição.

O parlamentario logo que entendeu esta resolução, disse— «que os Fartaques haviam de morrer defendendo as vidas, «e o castello.» — Os Mouros cumpriram á risca esta promessa de seu enviado, pois que tendo D. Alvaro mandado acommetter a fortaleza por escala, e por differentes partes

---

por ele, e eu nam perdermos e trabalho, que tinhamos llevados que lhe parecia bem irmos ambos a ellrey, e que hele do seu dinheiro daria huũ cavallo, e que eu dese outro, e com isto faria, ellrey tudo o que fose rezão, e nós quigesemos; porque ellrey de cambaya hera grande senhor, e muito vão, e que nam queria mais que verem huũ portuges em hamadavade, pera na propia ora se acabarem dasemtar as pazes, como fose rezão; e que muito milhor se avião dasemtar com ellrey, que com o motaremocão. A isto lhe tornei a respomder, que eu nam ousara de fallar nisto ao capitão; que hele podia qua vir se quigese e que o dixese ao capitão e que eu o ajudaria no que pudese; mas soo que me não hatervia por arrecear mandarme o capitão premder, se lhe nisto falase: e domimguo XI de março ja muito tarde me tornou a esprever hũa carta, que querya qua vyr fallar ao capytão, e que veria terça feira até quarta. Asi que fica a cousa desta maneira e pelo homem que me trouxe a carta soube nam ser inda vimda a reposta dellrey, e a rezão he pela ida do itemidecão, que nam ousão a fallar a ellrey em negocios. Asi que isto he o que ate hoje treze de março pasei: e a volltas da carta do cyde amele me trouxerão hũas poncas de cinouras, que mamdo a vosa S. Praze-

oppozeram a mais heroica resistencia, ficando a final todos mortos. Concluida que foi esta conquista, entregou-a D. Alvaro ao Embaixador d'El-Rei de Caxem, cujo beneficio agradeceu, fornecendo a esquadra de todo o necessario, e com a sincera amizade que depois tributou ao Estado. Feito isto partiu D. Alvaro para Gôa, onde foi recebido com as mais honrosas demonstrações de alegria.

Chegára Lourenço Pires de Távora ao porto de Lisboa com as cinco náos da sua conserva, depois de uma curta, e prospera viagem. Dissemos já que n'uma d'ellas vinha D. João de Mascarenhas, cheio de fama, e de merecimentos. As novas de Dio derramaram-se logo pelo povo, ajuizando

---

rá a noso senhor, que o tomarão ja em desposição que posa comer delas. Noso senhor acrecemte a vida e estado de vosa S. por muitos anos, e lhe de muita saude. De dio a XIII de março de 548 «Amtonio memdes de crasto.»

(*Sobrescrito*) Ao senhor guovernador — meu senhor.

5.ª Senhor — Quinta feira demdoemças mespreueo cyde amede hũa carta, em que me dizia que hera ja vimdo recado dellrey, o quoall estaua muito menencorio por nós deribarmos a sua fortaleza e todas as casas de dyo; mas comtudo que me fose ver com ele a naguina, que he ha hũas duas pallmeiras, homde os rumes fizeram agoada, quamdo se foram: á quall lhe respomdi o que V. S. verá pelo terlado da que lhespreui: e ao dia de pascoa veo ter a gogolla, e com eu estar doemte de febres, fui ter com ele, homde pasamos muitas palavras, amtre os quoaes foi tornar-lhe a certeficar que como ellrei de cambaia não dese a vosa S. as terras de manora, e ametade destas allfamdegas, que nam faria vosa S. a paz, como fose menos disto hũm só quilate. A isto me respomdeo que ellrei nos daria os dous quimtos das allfamdegas: dixe-lhe que estaua mall desposto; que não gastase tempo deballde; e que me queria tornar pera a fortaleza. E ao que veo por

cada um como entendia, da paciencia do cerco, e da resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa aos louvores de D. João de Castro, como gente sem inveja das pessoas, e de fortunas maiores. Os fidalgos, e grandes do Reino tambem tomaram parte n'este regosijo universal; e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

Vestiram galas a Familia Real, e a Côrte, determinando El-Rei o dia para dar graças na Capella, cuja festa solemne se fez com o maior estrondo, havendo offertas pias, e Reaes. El-Rei participou a victoria ao Summo Pontifice, e aos maiores Principes da Europa, e todos a celebraram,

---

derradeiro foi que elé como homem que tinha trabalhado neste negocio, á hum ano, desejaua fazerse a paz, não que ellrey lhe mamdase dizer isto, que hera que nos darião ametade das allfamdegas com comdição, quê nós da nosa parte desemos algũa cousa pera ajuda de se comsertarem as casas dellrey, que nós derribaramos: e quamdo isto nam quigesemos, que fose mamdarmos cada hano a ellrey algũs cavalos. A isto lhe respomdi, que ellrey noso senhor nam pagava pareas a nimguem, amtes nesta terra lhas pagavão muitos reys: que se querião fazer a paz, que falase em cousas, que podesem ser, e nam nestas tão fora de rezão. Dixeme que dese comta disto a luis fallcão, e lhe mamdase a reposta, porque hele que desejaua muito fazer-se esta paz, e mais aguora, que ho idallcão mamdara de novo embaxadores a ellrey de cambaia pera jurarem em seu nome de não fazer paz com portugueses demtro em cimco anos, e que se mamda disculpar de não fazer a guerra a goa, quamdo a qua fzierão em dio; que se o deixou de fazer foi pela guerra que trazia com ho zamaluco: asi que por isto queria muito ver esta paz feita comnosco. Esprevo isto que me dixe a vosa s., porque pode muito bem ser que não sejão mais que feros, como os mouros custumão a fazer, e que nam será

como a mais illustre façanha do Oriente. Na carta, que D. João de Castro escrevera a El-Rei, pedia-lhe licença para regressar ao Reino, e que em compensação de seus serviços, Sua Magestade houvesse por bem dar-lhe duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Cintra, e rematam em um pequeno cabeço, chamado ainda hoje o monte das Aviçaras. D. João III. tendo entendido pelas participações recebidas, que a segurança da India precisava de ter sempre forças promptas para todas as occorrencias do Estado, fez logo aprestar quatro náos, e duas caravelas com oitocentos soldados, as quaes para maior commodidade dividiu em duas esquadras. Commandou a primeira Martim Corrêa da Silva, embarcado na Urca; e os outros Com-

---

verdade nada do que diz cyde amede. Eu por nam deixar de esprever tudo o que me dixe, o faço nesta. O comqne me despedi dele foi, que vosa s. tinha destroido todos os portos e terras do idallcão, e tinha jurado de nam fazer pazes com ele, mas amtes esperava em maio por muita gemte de portugall, e que nam avia de descamsar ate que lhe nam fose tomar bilguão porque todas as outras terras per derredor do goa lhe vosa s. tinha ja tomadas; e com isto me vim pera esta fortaleza e dei disto comta a luis falcão, e tardei dous dias em lhe respomder, e no fim deles, que foi a segunda oitava de pascoa, veo hum abexim de cyde amede a matacavalo, ter a gogolla com hũa carta sua pera mi espamtamdo-se de lhe nam respomder ao que pasára comiguo em gogolla: e que depois dele de qua ir, viera outro recado dellrei, em que mandava que se nam fizesem pazes senam com lhe darem os dous terços nallfamdega, como mais meudamente vosa s. verá pelos terlados asi das cartas de cyde amede, como da reposta que lheu mamdei, os quoaes são estes que com esta mamdo a vosa s. E a setè dabrill veo d'una hũm pyão per quem lhe mamdei hus frascos d'agoa rozada; me tornou a esprever outra carta, em que me diz que ho que falou comiguo em gogolla, que se avia

mandantes eram Christovam de Sá, da caravela Rosario, e Antonio Pereira da outra caravela. Por estes navios escreveu El-Rei a D. João de Castro, mandando-lhe a patente de Vice-Rei, e prorogação de mais trez annos de Governo, e fazendo-lhe mercê de dez mil cruzados para pagar as suas dividas! e a seu filho D. Alvaro de Castro nomeou General do mar d'aquelle Estado, com dous mil cruzados de ajuda de custo.

Martim Corrêa da Silva sahiu no primeiro de Novembro de mil quinhentos quarenta e sete, e espalhando-se-lhe os navios no começo da viagem, tornou-os a reunir em Moçambique. Partiram d'aqui a quinze de Março d'este anno de

---

de fazer, porque bera muito bom; e isto que me tornou a esprener foi depois de lhe ter esprito o desengano, e que se fosem muito embora. Ele e o cão imda estão em unaa, e verdadeiramente que me parece pelo que vejo nas cartas do cide amede que se nam hão dir d'unaa até lhe nam vir resposta delrey; porque cyde amede lhespreveo o que aguora pasara comiguo em gogolla: por que seles nam tiveraõ mais poder delrey do que me cyde amede espreveo, depois de vir a gogolla, que ellrey mandára, não ousára a tornarme de novo a esprever sobre o que falamos em gogolla Prazerá a noso senhor, que ordenara isto, como for seu serviço, e delrey noso senhor, e mais homra de vosa s. A gemte da terra da per novas matarem os resbutos certos capitaes a ellrey de cambaya, e querem dizer, que emtra neles carasem, e o bor moluco, he isto se diz ha doze ou quinze dias. Prazerá a deos, que serão estas novas certas, he que poucos he poucos bos destroirá a todos: e porque pelas cartas que cyde amede mespreveo, de que mamdo o terllado a v. s., e asi da minha reposta verá todos as palavras, que mespreveo, e eu a ele, não diguo nesta mais, senam pedir a noso senhor, que acrecemte a vida, e estado de vosa s. por muitos anos. De dio a IX dabrilde 548 » Amtonio memdes de crasto.

mil quinhentos quarenta e oito, e achando calmarias na Linha, dilataram-se muito. Antonio Pereira levado pelas correntes de Socotorá, vendo-se já no fim de Abril, aportou a Ormuz no mez de Maio, onde invernou. Corrêa da Silva chegou a Angediva a vinte oito do mesmo mez, e ficou alli invernando, remettendo os doentes, e os officios para Gôa. Christovam de Sá tendo seguido melhor rumo, entrou em Gôa em vinte e dous de Maio.

A segunda esquadra, sahiu de Lisboa no principio de Dezembro do dito anno de quarenta e sete, sendo commandada por Francisco Barreto, embarcado na náo S. Salvador; D. Heytor Aranha, e Pedro de Mesquita eram os outros Commandantes, o primeiro a bordo do S. Diniz, e o segundo em Santa Catharina. Invernou toda ella em Moçambique, por haver chegado tarde, e em Agosto do anno seguinte é que entrou a barra de Gôa.

Apenas D. João de Castro soube, que chegára embarcação do Reino, (a caravela Rosario) mandou desembarcar os doentes, e foi em pessoa visital-os, provendo-os de todo o necessario. Ao saber das mercês, que El-Rei D. João lhe fizera, e a seu filho D. Alvaro, declarou serem ellas de muito maior valor, que o de seus serviços, exaltando as obsequiosas expressões, que o mesmo Soberano lhe dirigira. Tambem se não pagou menos das honrosas cartas, que nessa mesma occasião recebeu da Rainha D. Catherina e do Infante D. Luiz; e nós para não privarmos nossos leitores, da leitura de tão importantes documentos, passamos a transcrevel-os.

*Carta d'El-Rei D. João III.*

«Viso-Rey amigo. Eu elRey vos envio muito saudar. «A victoria, que Nosso Senhor vos deu contra os Capitães

« de elRey de Cambaya, foi de tão grande contentamento « para mim, como era razão, que eu tivesse por tal, e ta- « manho vencimento, e por quão grandes mercês, e ajudas « nisso recebestes de Nosso Senhor, pelas quaes elle seja « muito louvado; e muito se deve á vossa prudencia, e « grande animo, que naquelle dia mostrastes; e assi no « que fizestes no grande, e apressado soccorro, que man- « dastes á fortaleza de Dio em tão desvairado tempo, of- « ferecendo ao mar vossos filhos, em que se vio quanto mais « pode com vosco o que importa a meu serviço, que o af- « fecto natural de pay; o que eu assi estimo, como he ra- « zão, vendo, que não sómente desbaratastes tão grande po- « der de inimigos, mas ainda déstes muita segurança a to- « da a India, no grande receo, que aos inimigos d'ella fi- « ca com tamanha victoria; cujo serviço assi he razão, que « eu tenha na conta que elle merece, como que tenha d'el- « le o contentamento, que se requere. E do fallecimento de « vosso filho Dom Fernando recebi mui grande desprazer, « assi por ser elle vosso filho, como porque hia bem mos- « trando naquella idade, quem houvera de ser em toda a « outra; e pois acabou tão honradamente, e em tão gran- « de serviço de Nosso Senhor, e meu, deveis de sentir me- « nos sua perda, e dar graças a Nosso Senhor por como « foi servido, que acabasse; o que sei, que vós fizestes, « mostrando ainda no esquecimento da morte do filho, a « lembrança do que cumpria a meu serviço; das quaes cou- « sas assi serei sempre lembrado, que não sómente volas « conhecerei com grande contentamento d'ellas mas ainda « com muita mercè; a que agora quiz dar principio nas que « faço a vós, e a vosso filho Dom Alvaro, guardando o re- « mate d'ellas para o cabo de vosso serviço, que eu con- « fio, e tenho por mui certo, que será tal, como forão os « que atégora me tendes feitos; e com esta confiança, e « com a experiencia, que eu d'isso tenho, desejando mui- « to neste tempo vos fazer mercè em tudo, considerando

« porèm quanto isto cumpria a meu serviço, e vendo por « vossas obras, quanta mais conta tinheis com elle, que « com todas vossas cousas, houve por bem de vos não dar « licença para vos virdes, como me pedieis. Polo que vos « encommendo muito, e mando, que o hajais assi por bem, « e que nesse carrego me queirais ainda servir outros tres « annos, no fim dos quaes vos mandarei licença para vos « virdes embora. E eu espero em Nosso Senhor, que vos « dè mui boa disposição para o fazerdes. Porèm se por si- « ma do que tanto cumpre a meu serviço, como he ficar- « desme ainda servindo nessas partes por este tempo, vos « a vós parecer, que tendes todavia necessidade de vos vir- « des, folgarei de mo escreverdes, e entretanto esperareis « minha reposta. Pero de Alcaçova Carneiro a fez em Lis- « boa a vinte de Outubro de mil quinhentos quarenta e se- « te. = REY.

*Carta da Rainha Dona Catherina.*

« Viso-Rey. Eu a Rainha vos envio muito saudar. Vi « a carta, que me escrevestes, na qual particularmente ma « dais conta do que tendes feito, e provido em todas as « cousas, que vos pareceo, que cumprião ao serviço d'el- « Rei meu senhor, e á defensão, e segurança d'essas par- « tes; e de tudo ser tão conforme a quem vós sois, e á « grande confiança que S. Alteza de vós tem, recebo tanto « contentamento, como he razão, assi por ver, que S. Al- « teza he de vós tão bem servido, como pola muita honra, « que nisso tendes ganhada. E quanto ao cuidado, e dili- « gencia, com que logo entendestes no corregimento, e « provimento da armada, foi grande principio, e mui ne- « cessario para remedio de tamanhas cousas, como depois « se offerecèrão; e por certo tenho, que por mui grande, « que fosse o trabalho, que nisso levastes, seria maior o « contentamento, que terieis de ser tão bem empregado.

«E a guerra, que fizestes ao Hidalcão, foi cousa mui bem «acertada, pois tão claro se vio nella o contrario da opinião, «que dizeis se tinha, que da guerra dos Portuguezes lhe «não podia vir dano; o que seria causa de a mover tantas «vezes, nem de sua paz se lhe seguia proveito, polo que «não estimaria quebrala. E se elle soubera quem vós sois, «e quanto mais vos lembra a honra, que o proveito, nem «curará de vos fazer o offerecimento, que vos fez ácerca «de Meale; mas a pouca impressão, que fez em vós, e «vosso claro desengano, lho daria a conhecer. E quanto «ao negocio do cerco, e guerra da fortaleza de Dio, foi «mui grande mercè de Nosso Senhor a victoria, que vos «alli deu contra tamanho poder, e numero de inimigos «de sua sancta Fé Catholica, que de tão diversas partes «alli erão juntos, e mui claro sinal de elle ter de sua mão «o Estado de essas partes, e lhe dou por tudo tantos lou- «vores, como he razão, e lhe devo. E muito acrescenta «no grande contentamento, que elRey meu senhor, e eu «temos de tamanho vencimento, ver com quanta pruden- «cia, e discrição provestes em todas as cousas, que para «se poder alcançar, erão necessarias, e quão animosamen- «te vos houvestes no dia da batalha, e com quanta pres- «teza soccorrestes aquella fortaleza, offerecendo a isso vos- «sos filhos em tão fortes tempos; o conhecimento, que S. «Alteza, e eu temos de todas estas obras, e do grande «fructo, que d'ellas se seguio, he mui conforme á quali- «dade, e grandeza d'ellas; e assi confio, que o S. Alteza «mostre, na honra, e mercè que vos fará, e porque tudo «se vos deve; e bem o deu a entender no gosto, e con- «tentamento, com que logo quiz dar a isso principio, nas «que agora fez a vós, e a vosso filho Dom Alvaro, segun- «do vereis por sua carta. E do fallecimento de Dom Fer- «nando vosso filho, recebi mui grande desprazer, assi por «quanto sei, que o havieis de sentir, como pola perda de «sua pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle feito,

« se póde bem ver, que foi grande; mas eu tenho tal co-
« nhecimento de vós, e de vossa muita prudencia, e vir-
« tude, que sei certo, que em todo tempo, em que Nosso
« Senhor o levára para si, vos conformáreis vós com sua
« vontade, e tomáreis de sua mão; quanto mais sendo na-
« quelle, em que por defensão de sua Fé, e em tamanho
« serviço de S. Alteza, tão honradamente acabou, e cum-
« prio com a obrigação de quem era, que são razões mui
« grandes para vós muito o deverdes fazer assi, e muito
« menos sentirdes sua morte. E quanto ao que me pedis
« acerca de vossa vinda, em que Dona Leonor vossa mu-
« lher (que eu muito folguei de ver polo merecimento de
« sua pessoa, e virtudes, e pola muito boa vontade que
« lhe tenho) me fallou de vossa parte, como em cousa que
« tanto deseja; estimára eu muito de bom gosto, e conten-
« tamento de elRey meu senhor, poder nisso satisfazer a
« vós, e a ella; mas polo muito, que S. Alteza tem de
« vosso tão bom serviço, e pola grande falta, que lá poderia
« fazer em tal tempo vossa pessoa, houve por bem de se
« servir ainda lá de vós, outros tres annos, segundo por
« sua carta vereis. E tenho por muito certo, que por todas
« estas razões o havereis assi por bem, e vos rogo muito,
« que assi seja, e espero em Nosso Senhor, que vos dará
« saude, e forças para o poderdes fazer, e vos ajudará, e
« esforçará em todos vossos trabalhos, pois d'elles se segue
« tanto seu serviço; e pois sabe, que o principal respeito,
« porque S. Alteza o ha assi por bem, he saber, que será
« elle lá de vós inteiramente servido. E na lembrança,
« que entre tamanhos trabalhos, e tão importantes nego-
« cios, tivestes d'aquellas cousas minhas, que levastes a
« cargo, se vê bem, quanto desejo tendes de nisso, e em
« tudo me servir, o qual eu estimo, como he razão. E
« quanto o que toca a Diogo Vaz, por outra carta vos es-
« crevo o que nisso folgarei, que se faça. Com o benjoim
« de boninas, e com todas as mais cousas, que me envias-

« tes por Lourenço Pirez de Tavora, recebi muito prazer, por « ser tudo tão bom, que bem parece ser enviado com tão boa « vontade, a qual eu ainda mais estimo, e tudo vos agrade- « ço muito. E dos criados meus, e pessoas, que me escre- « veis, que lá tem bem servido, e assi das cousas, em que « vos parece necessario prover, farei lembrança a elRey meu « senhor, como pedis, que faça. O que S. Alteza houver de « prover, assi nas mercês, que houver de fazer a todos os « que lá o servem, ha de ter tanto respeito ao que vós em « tudo lhe escreverdes, e pedirdes, como he razão, que se- « ja; e muito vos agradeço a boa informação, que a S. Al- « teza dais dos meus criados, que naquelle feito de Dio se « achárão, e assi o muito favor, e boas obras, que sei, que « a todos lá fazeis por meu respeito. Pero Fernandez a fez em « Lisboa a trinta dias de Outubro de mil quinhentos quaren- « ta e sete. — A Rainha.

*Carta do Infante Dom Luiz.*

« Honrado Viso-Rey. Recebi vossa carta, que veo nes- « ta armada de Lourenço Pirez de Tavora, em que me di- « zeis, que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos « mandei; e agradeçovos muito dizerdesme, que vos parecè- « rão bem as lembranças, que vos fazia, e muito mais o por- « delas em obra; e bastava para o eu crer, que seria assi, « ainda que vos eu não conhecèra, ouvir o que lá fazeis, e « ver, que com a boca chea me escreveis vossos trabalhos, « pobreza, e abstinencia, cousas com que se vence o Diabo, « o Mundo, e a Carne, que nessas partes da India tem tanto « poder; o que he maior victoria, que a d'elRey de Cam- « baya, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em « quanto viverdes não deveis de temer cousa alguma, mas « antes esperai em Nosso Senhor, que vos ajudará, como « agora fez na defensão, e batalha de Dio, em cuja victo- « ria vós tendes muito que lhe louvar, pois vos fez instru-

«mento de tanto serviço seu, e d'elRey meu senhor, e de «tanta honra vossa, e de todos os Portugueses, assi dos «que se achárão com vosco, como dos que estivérão ausen- «tes. E certo, que vós tendes feito nesta jornada desde pri- «meiro dia, que tivestes novas do cerco de Dio, até o de «vossa, e nossa victoria, tudo o que entendo, que hum «valeroso, e astuto Capitão podia fazer, assi na presteza «dos soccorros, como em pordes vossos filhos por balisas da «fortuna, e perigos do inverno, e mares da India, para «que os outros os tivessem em menos; no que se mostra «bem claro, quanta mais parte tem em vós o serviço d'el- «Rey meu senhor, e a obrigação de vosso cargo, que os «effeitos naturaes de pay, que são os que mais forção a «natureza. E no sofrimento, que mostrastes na morte de Dom «Fernando de Castro vosso filho, se confirma bem esta o- «pinião; e certo, que eu o senti por mim, e por vós, e «houve por mui grande perda, por quão certos sinaes nel- «le via de seu grande esforço, e creo, que nisso lho quiz «Deos pagar com o tirar de vida tão trabalhosa por meios «tão honrados, e de tanta gloria sua. que deve ser gran- «de causa de vossa consolação. Dom Alvaro de Castro vos- «so filho não empregou mal sua jornada, pois com tantos «trabalhos, e perigos soccorreo a fortaleza de Dio, a tem- «po, que sua chegada foi por então o remedio d'ella; e de «como se nisto houve, e no dar nas estancias dos inimigos, «e em tudo o mais lhe lanço muitas bençõs por vossa par- «te, e minha. E tornando a vossa determinação de aven- «turardes vossa pessoa, e o Estado da India, por soccor- «rerdes Dio, foi mui boa, pois de o não fazerdes estava «tanto mais aventurado; e o chegardes a Dio, e ordenar- «des vossa embarcação, e mandardes, que os navios co- «mettessem a terra a tempo que havieis de dar a batalha, «e o modo de cometter, que nisso tivestes, tudo me pa- «receo digno de agora, e sempre darmos muitas graças a «Deos Nosso Senhor, e de S. Alteza vos fazer muitas mer-

Botelho lith. Off. de M. A. r. do Crucefixo Nº 13.

D. JOÃO DE CASTRO

*jura que a sua probidade*
*o tem levado a ultima indigencia.*

«cês, a que agora dá principio, como vereis acerca de vós,
«e de vosso filho, e assi o deve fazer, e fará aos fidalgos,
«e Cavalleiros que nessa jornada com vosco o servirão, em
«especial a Dom João Mascarenhas, que se houve no pe-
«so d'esse cerco, como honrado Capitão, e esforçado Ca-
«valleiro. Folguei muito de ver o modo, que tivestes no
«escrever a S. Alteza sobre os serviços, que os fidalgos e
«Cavalleiros, que nessas partes andão, lhe fizérão no ne-
«gocio de Dio, no que se vio, que tinheis com seus tra-
«balhos conta. Isto fazei sempre por amor de mim; e fol-
«gai de louvar os homens, porque ja que está certo, não
«faltar quem diga d'elles os males (que haveis de castigar
«os que nelles sentirdes) razão he tambem, que os bons os
«levanteis, para que os que lá não poderdes galardoar, S.
«Alteza por vossa informação o faça. Eu fallei sobre vossa
«vinda, como me escrevestes, que me elle não concedeo,
«e me deu para isso duas razões, que a meu parecer ain-
«da que vós tenhais muitas para vos desejardes de vir, S.
«Alteza tem muitas mais para vos mandar rogar, que o sir-
«vais nesse governo outros tres annos, o que haveis de fol-
«gar de fazer por servirdes a Nosso Senhor pola grande
«mercê, que vos tem feito, e a S. Alteza pola confiança,
«que de vós tem, e contentamento de vosso serviço. E con-
«fiai em Deos, que vos dará forças para poderdes com os
«grandes trabalhos, e desordens da India, e eu espero nel-
«le, que fazendoo vós assi, venhais encher estes picos da
«serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victorias, e que
«as visiteis, e logreis com muito descanso vosso. Nas cou-
«sas particulares vos não fallo, porque elRey meu senhor
«vos escreve o que ha por seu serviço em reposta da car-
«ta geral, que lhe escrevestes, que vinha em muito bom
«estylo, e em muito boa ordem. Escrita em Lisboa a vin-
«te e dous de Outubro de mil quinhentos quarenta e sete.»
—O Infante Dom Luis.

Pouco tempo se gosou D. João de Castro do titulo de Vice-Rei, porque não tardou que enfermasse gravemente. Como a doença désse logo indicios de mortal, e elle o reconhecesse, chamou á sua presença o Bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, Chanceller Mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobatto, seu Ouvidor Geral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha, Veador da Fazenda, aos quaes entregou o governo do Estado. Ordenou tambem que se lhe apresentassem os Membros do governo popular da Cidade, o Guardião de S. Francisco, Fr. Antonio do Casal, S. Francisco Xavier, e os Officiaes da Fazenda d'El-Rei, e fallou perante elles nos seguintes termos:

« Não terei, senhores, pejo de vos dizer, que ao Vi-« ce-Rei da India, faltam n'esta doença as commodidades, que « acha nos hospitaes o mais pobre soldado (!!) Vim a servir, « não vim a commerciar ao Oriente, a vós mesmos quiz em-« penhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da « barba, porque para vos assegurar, não tinha outras ta-« peçarias, nem baixellas. Hoje não houve n'esta casa di-« nheiro, com que se me comprasse uma gallinha; porque « nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os sa-« larios do Governador, que os soldos do seu Rei; e não é « de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Pe-« ço-vos, que em quanto durar esta doença, me ordeneis « da fazenda Real uma honesta despeza, e pessoa por vós de-« terminada, que com modesta taixa me alimente. » Pediu logo um Missal, e jurou sobre os Evangelhos, que até ao momento presente, não era devedor á fazenda Real de um só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de Christão, Judeu, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaias, que as que trouxera do Portugal; e que a mesma prata, que no Reino fizera, tinha já gasto, nem tivera jámais possibilidade para

comprar outra colcha, que a que na cama viam; que só a seu filho D. Alvaro mandára fazer uma espada guarnecida de pedras inferiores, para passar ao Reino. Que d'isto lhe pedia mandassem lavrar o respectivo termo, para que se n'algum tempo se achasse outra cousa, El-Rei, como a perjuro, o castigasse. (*) Esta prática escreveu-se nos livros da Cidade, onde ainda se pode lêr, e reverenciar como regimento governativo preciosissimo, deixado por tão Illustre Varão aos seus successores.

Conhecera o Vice-Rei, que os seus ultimos momentos de vida tinham chegado; por isso apartando da ideia todos os cuidados mundanos, recolheu-se com S. Francisco Xavier, procurando para tão duvidosa viagem tão déstro piloto. Como na India não adquirira riquezas, de que dispôr de novo, não precisou fazer outro testamento; declarou que já o havia feito no Reino, e que elle existia nas mãos do Bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro. E tendo recebido os Sacramentos da Igreja, entregou a alma a Deos no dia seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito annos de sua idade. Acharam-se na sua camera trez tangas larins, e umas disciplinas, com signaes de muito uso, e os cabellos da barba, que havia empenhado. Seu corpo, em consequencia de sua ultima vontade, foi

---

(*) Mui felizes seriam as Nações, se todos os homens em cujas mãos é depositada a authoridade publica, caprixassem em não tirar proveito pessoal do poder que exercem, como fizera o Grande D. João de Castro; dizemos felizes, porque a receita publica chegaria sempre para a despeza de seus precisos encargos, de que resultaria não pezarem enormes dividas internas, e externas sob o thesouro respectivo, e consequentemente não morrerem á mingoa nove décimos dos funccionarios do Estado, conforme se tem visto por esse Mundo, e se continua a ver...

depositado em Francisco de Gôa, para que d'alli se trasladassem os ossos á sua Capella de Cintra. Teve lugar o respectivo funeral com a maior solemnidade, derramando copiosissimas lagrimas todas as classes do Estado, tanto as illustres como as plebeas.

Passados alguns annos vieram seus ossos para o Reino, onde foram recebidos com reverente, e piedoso applauso, ultimo beneficio, que com suas cinzas ha recebido a patria. Foram depositados no convento de S. Domingos de Lisboa, celebrando-se-lhe sumptuosas exequias. Foram d'aquí trasladados para a Igreja de S. Domingos de Bemfica, onde estiveram alguns annos em Capella estranha, até que seu neto o Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, lhes mandou fazer sepultura propria, não excedida na traça, e na esculptura, por nenhuma outra.

## CAPITULO IV.

### ANNO DE 1548 A 1549.

*Garcia de Sá é nomeado em Góa Governador d'aquelle Estado. Manda-lhe o Hidalcão uma embaixada, queixando-se-lhe contra D. João de Castro. O novo Governador ajusta a paz com o dito Rei, com outros Principes da Asia, e com o proprio Sultão de Cambaya. Manda El-Rei D. João III. partir 11 Náos para a India. Chegam estas a Góa. Aporta aqui uma outra esquadra vinda do Reino. Determina o mesmo Soberano Portuguez, que se reforme o systema de colonisar o Brazil. Thomé de Sousa é nomeado Governador Geral d'este Estado, parte para alli com algumas embarcações, onde desembarca depois de feliz viagem.*

*Decide-se El-Rei D. João III. a diminuir o numero das praças da Barberia, e primeiro que tudo a abandonar Arzilla. Luiz Loureiro é encarregado d'esta delicada missão, e parte para alli com uma armada. Emprehende o Capitão Francisco Orelhassa a conquista do rio Amazonas, porém é mal succedido na empresa. Tenta Luiz de Mello da Silva o mesmo, porém não é mais feliz que Orelhassa. Morre Luiz Falcão Capitão mór de Dio, bem como o Governador Garcia de Sá.*

Abertas as successões segundo as formalidades do costume, acharam-se nomeados na primeira, e na segunda D. João de Mascarenhas, e D. Jorge Tello de Menezes. Porém, como um e outro houvessem voltado para o Reino, abriram a terceira, que estava toda a favor de Garcia de Sá, e foi este logo aclamado, entregando-se-lhe a posse do governo. Fôra mui acertada similhante escolha, por isso que o illustre Cavalheiro em quem recahira, era assaz digno de exercer tão importante cargo. Havia elle vivido sempre na India, até á idade de setenta annos, que então contava, e tinha alli adquirido uma grande experiencia dos negocios publicos, uma alta reputação no campo da batalha, e merecia a confiança, e a estimação geral dos Portuguezes, e dos Indios, pelas muitas virtudes, que adornavam a sua pessoa.

O primeiro dos effeitos d'esta estimação, foi a paz que se celebrou com o Hidalcão. Apenas este Principe fôra informado da morte do Vice-Rei, e da elevação do seu successor, mandou a este uma embaixada queixando-se da conducta de D. João de Castro para com elle, e tornando novamente a renovar as propostas, que já havia feito a res-

peito de Meale. Garcia de Sá dirigiu esta negociação com tanta sabedoria, que o Hidalcão confirmou a doação das terras de Bardez, e Salsete, mediante a obrigação de Meale ficar guardado em Gôa, e não poder ser transportado a outra parte sem seu consentimento. Seguiu-se a esta paz a renovação dos tratados antigos que havia com Çamorim, Nizamaluco, Cotamaluco, e outros Principes da India.

Achava-se El-Rei de Cambaya constantemente em armas, ameaçando hostilidades contra o Estado, por cujo motivo o Governador se decidiu a hir atacal-o em seu mesmo Reino, embarcando n'uma poderosa armada no principio do anno de 1549. Mas logo que aportou a Baçaim, chegaram alli Embaixadores do Sultão Mahamud, pedindo-lhe a paz. Foi esta concluida quasi com as mesmas condições dos tratados precedentes, exceptuando a do muro de separação entre a Cidade de Dio, e sua fortaleza, e a da partilha nos direitos de transito, de que o Governador não quiz ouvir fallar, sendo preciso que o mesmo Sultão desistisse d'essa exigencia.

Ficou então a India em perfeita tranquillidade, com grandes vantagens dos Portuguezes, e muita gloria para o novo Governador, o qual tinha conseguido mais no seu pouco tempo de governo, que muitos dos seus antecessores.

Sem embargo dos reforços mandados á India em 1547, ordenou El-Rei D. João III no seguinte anno outro armamento, que constava de onze naus, com mil soldados a bordo, divididas em trez esquadras; a primeira de cinco, e cada uma das outras de trez. (*)

(*) *Chronica de D. João III. Part, 4. Cap.* 30. — *Barreto de Rezende Couto, Dec.* 6. *Liv.* 7. *C.* 2. — *Faria, Asia Portugueza.*

Sahiu a primeira esquadra nos principios de Março, compondo-se das naus Trindade, Santa Catharina, Ajuda, Santa Maria a Nova, e S. Sebastião, das quaes eram Commandantes Manuel de Mendonça, Jorge de Mendonça, Alvaro de Mendonça, Manuel Rodrigues Coutinho, e Sebastião de Attayde. — Compunha a segunda das naus Esperança, Gallega, e Flor do Mar; eram seus Commandantes João Henrique, Aires Moniz Barreto, e Antonio de Azambuja. — Constava a terceira das naus S. Pedro, Victoria, e Espirito Santo, commandadas por João de Mendonça, Fernão Alvares da Cunha, e Rodrigo Rebello: estas duas ultimas esquadras sahiram do Tèjo até 20 de Março do dito anno de 1548.

Todas estas embarcações aportaram a Gôa em Septembro com prospera viagem, á excepção da nau Gallega, que na travessa de Moçambique para a India abriu tanta agua, que não a podendo vencer, tratava já a sua tripulação de deitar a lancha fóra, para se salvarem os que n'ella coubessem, quando parando subitamente a agua, seguiu sua viagem, e chegou a Gôa na fim de Outubro.

Conhecera El-Rei D. João III. por experiencia, que o systema estabelecido para colonisar o Brazil precisava reformado, pelas mudanças acontecidas no estado politico do Paiz, achando-se fundadas varias Colonias, mais ou menos prósperas, em S. Vicente (Santos), Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, e Pernambuco, além d'outras, determinou crear n'aquelle continente um Governo central, de que dependessem todos os Donatarios, que por si, ou seus procuradores regiam as suas particulares Capitanias. Para conseguir este importantissimo fim, revogou as authoridades criminal, e civil de que gosavam, e ás vezes abusavam os Donatarios, e as reuniu todas na pessoa do Governador Geral, com amplos regimentos, e instrucções

para a direcção, e manejo dos negocios publicos. Como fosse necessario escolher-se o ponto mais vantajoso para estabelecer a nova Capital, julgou-se com razão, dever-se dar preferencia á Bahia de todos os Santos, onde Francisco Pereira Coutinho, primeiro Donatario d'aquella Capitania, havia muito antes organisado uma Colonia dentro da Ponta do Padrão, ou Ponta de Santo Antonio, a qne se chamou depois Villa Velha, e na qual sustentou encarniçadas guerras com os Tupinambas, acabando tragicamente por elles devorado.

Nomeou El-Rei a Thomé de Sousa, fidalgo de muita probidade, e talentos, para exercer o dito cargo de Governador Geral, e deu-lhe uma pequena esquadra composta de trez náus, duas caravelas, e um bergantim, com trezentos e vinte soldados, e muitos artifices de todas as classes. Foi igualmente nomeado Pedro Borges para Ouvidor Geral, Pedro de Goes para Chefe da Marinha, Antonio Cardoso de Barros para Vedor da Fazenda, e muitos outros individuos para Officiaes Civis precisos para o bom regimen da Cidade.

Partiu Thomé de Sousa, de Lisboa no 1.º de Fevereiro de 1549, e chegou a 28 de Março seguinte á Bahia, onde duas caravelas que El-Rei tinha feito partir adiante, já haviam noticiado a sua hida. Os poucos Portuguezes que alli se achavam, receberam-no com muita alegria; por quanto, não obstante viverem em paz com os Indios, receavam os effeitos do seu caracter inconstante.

Trez dias depois desembarcou o Governador, com toda a tropa, e este desembarque infundiu muito terror nos naturaes da terra, que acudiram a vêl-o em multidão, e sem arcos. O Governador, logo que acabou de examinar o local de Vilha Velha, onde levava ordem de edificar a Ci-

dade, não o julgou capaz para a nova fabrica, e resolveu levantal-a em outro sitio, por não ser aquelle accommodado para preencher as intenções d'El-Rei, como o haviam informado em Portugal. Não querendo porém tomar sob si a responsabilidade d'esta contravenção d'ordens, pôz o negocio em conselho, e todos concordaram em que a Cidade se deveria construir meia legua ao Norte d'aquella Povoação, n'um lugar conveniente para defensa propria contra os ataques inimigos, ou estes viessem por mar, ou por terra. Em cumprimento d'esta decisão pozeram-se logo mãos á obra com tanta efficacia, que no ultimo dia de Abril estava prompto um forte de madeira, e terra, guarnecido de artilheria, e a Cidade quasi toda cercada de paliçadas, e construidas as officinas necessarias. Tal foi o principio da Cidade de S. Salvador, assim chamada por determinação d'El-Rei. —

N'este mesmo anno (*), depois de muitos Conselhos, resolveu El-Rei diminuir o numero das praças, que occupavamos na Barberia, tanto para economisar despezas, como porque algumas d'ellas já não preenchiam os fins para que haviam sido adquiridas; e mesmo porque havendo o Xarife Muley Hamet, Principe guerreiro, conquistado proximamente o Reino de Féz, creando assim uma Potencia formidavel, havia grande difficuldade em sustentarmos parte das mesmas praças, pela rasão de estarem sujeitas a ser invadidas por inimigo tão poderosos.

Para obstar aos seus projectos contra a fortaleza de Alcacer, de que era Governador Alvaro de Carvalho, e que por estar pouco fortificada, se achava muito expos-

(*) *Chronica d'El-Rei D. João IIIo Part. 4. Cap. 34. 39. e 43.*

ta, augmentou-se-lhe um forte sob um monte que a dominava. El-Rei encarregou esta obra a D. Affonso de Noronha, Governador de Ceuta, ao qual revestiu de amplos poderes, e enviou um reforço de quatro mil soldados, parte Portuguezes, e parte Hespanhoes, alistados na Andaluzia, com mil e tresentos artifices, e trabalhadores, tudo em muitos navios de guerra, que sahiram a barra de Lisboa em Abril de 1549. D. Pedro de Mascarenhas partiu em seguida com trez embarcações de guerra, sendo duas d'ellas commandadas por Thomé de Sousa, e Manuel Jaques, e levando em sua companhia o grande D. João de Mascarenhas ex-Capitão mór de Dio, e os engenheiros Manuel da Arruda, e Diogo Telles. Consistiam as ordens dadas a D. Pedro de Mascarenhas, em examinar novamente o estado das praças de Africa, incluindo Alcacer, para com verdadeiro conhecimento de causa se poderem escolher as fortalezas, que seria conveniente conservar.

Como se concordasse depois em se abandonar Arzilla, pela ruindade do seu porto, tratou El-Rei de assim o levar a effeito. Ordenou, pois, a Luiz do Loureiro, official mui distincto, que partisse com uma nau, e vinte e cinco navios de guerra, e de transporte, que reunisse ao seu commando a esquadra, que cruzava no Estreito de Gibraltar commandada por Luiz Coutinho, e que constava de seis caravelas bem armadas; e que afretando mais embarcações até prefazer o numero de sessenta, passasse a Arzilla, recolhesse os militares, e habitantes, que deviam hir estabelecer-se em Tanger, bem como as munições, artilheria, e mantimentos, arruinando depois com minas castello, muralhas da Villa, e as Igrejas.

Estava-se no mez de Junho, quando Luiz do Loureiro partiu a executar esta delicada commissão; porém, chegando logo noticia a El-Rei de que Dragut, pertendia pas-

sar o Estreito com uma numerosa armada de galés, mandou apressadas ordens a D. Pedro de Mascarenhas, para que suspendesse a evacuação de Arzilla, reunisse os seus navios aos do commando de Luiz do Loureiro. e se dirigissem ao porto de Santa Maria, e ajuntando-se com D. Bernardino de Mendonça, General das galés do Imperador Carlos 5.º, procurassem o Almirante Othomano, e lhe dessem batalha. Enviou-lhe ao mesmo tempo uma náu grande, e mui bem guarnecida, prevenindo-o, que se precisasse mais forças o avisasse logo, porque náo tardaria a reforçal-o com outras embarcações. Porém a noticia da armada Turca foi falsa, e proseguiu-se na empresa de Arzilla.

A 11 de Maio d'este mesmo anno de 1549, (*) sahiu de S. Lucar o Capitão Francisco Orelhassa com trez navios, nos quaes hiam quinhentos homens de tropa, para emprehender a conquista do rio das Amazonas. Ao tocar nas Ilhas de Cabo-Verde, e das Canarias, adoeceram-lhe muitos soldados; chegado ao Amazonas, pertendeu subir por elle, mas perdeu gente e navios; por fim acabou de trabalhos e desgostos, recolhendo-se a Marguerita aquelles dos seus, que escaparam á doença, e ao naufragio.

Em seguida a este triste acontecimento, vagava pela costa de Pernambuco Luiz de Mello da Silva, fidalgo mui ousado, e de espirito aventureiro, em um navio armado á sua custa, com o projecto de fazer descubrimentos. Tendo aportado a Marguerita, impellido pelos ventos, e correntes, deram-lhe alguns soldados de Orelhassa noticias do rio Amazonas, persuadindo-o a vir a Portugal pedir licença a El-Rei para fazer aquelle reconhecimento, e

(*) *Annaes Historicos do Maranhão liv.* 1.º

conquista. Luiz de Mello seguiu effectivamente para Lisboa; e tendo obtido a Capitania, de que João de Barros desistira, sahiu do Téjo com trez navios redondos, e duas caravelas, e foi-se perder nos mesmos baixos, em que naufragára aquelle grande Historiador, não escapando mais que uma só caravela, onde elle se recolheu a nado, e voltou para o Reino. —

A este mesmo tempo parecia levantar-se uma tempestade da parte de Ormuz, que dava alli bastante cuidado. Um Abexim chamado Abdalla, homem de reputação, tinha-se revolucionado contra o Rei, fazia corsos, roubava as caravanas, e embaraçava o commercio. D. Manuel de Lima Capitão mór d'aquella praça, havia enviado contra elle diversos destacamentos; mas Abdalla tinha desbaratado alguns, e escapado a outros. O negocio estava mui serio; porém Lima vendo que a força descuberta não lhe aproveitaria, julgou ser-lhe licito pôr em pratica um ardil. Mandou a um soldado seu, que fosse apresentar-se áquelle rebelde como desertor, e que depois de lhe haver ganho a amizade, o apunhalasse: este engano teve o resultado que Lima pertendia.

Socegára esta morte o Governador Geral Garcia de Sá, a respeito das cousas de Ormuz; mas o seguinte acontecimento fêl-o pussuir de bastante mágua. Luiz Falcão Capitão mór de Dio, estando sentado á sua porta perto da noute, foi morto com um tiro de arcabuz que lhe fizeram de fóra, sem que nunca se podesse descubrir o author d'este assassinato, apesar das muitas diligencias que se fizeram. O Governador enviou para alli Martim Corrêa da Silva, e depois partiu para Gôa. Chegado aqui entrou a occupar-se do bem do Estado fazendo reparar os armazens, e espalmar os navios, dando em tudo provas d'uma grande capacidade, e d'um grande zelo pelo bem publico;

porém, quando elle assim cumpria tão dignamente os deveres de seu cargo, perdeu a vida em consequencia d'um ataque de cólica, a que era sugeito, aos 13 de Julho de 1549. Foi geralmente lastimada a sua morte, pois que as pessoas de todas as classes tinham fundado n'elle grandes esperanças; já pelas suas muitas virtudes, já pelo seu grande talento, e actividade.

Havia-se elle despojado de todos os seus bens em favor de suas duas filhas, as quaes tinham cazado pouco antes da sua morte, uma com Manuel de Sousa e Sepulveda, e outra com D. Affonso de Noronha, o mais bello cavalheiro que havia na India, mas que viveu pouco. Cada uma d'ellas teve de dote 20:000 cruzados. D. Leonor de Sá era já celebrada pelo voto, que tinha feito de cazar com um simples soldado n'uma tempestade; porém ainda o veio a ser muito mais pelo horrivel naufragio, de que para o diante faremos menção.

## CAPITULO V.

### ANNO DE 1549 A 1551.

*Jorge Cabral Capitão mór de Baçaim, succede a Garcia de Sá no Governo da India. Desembarcam Castelhanos nas Malucas. Sollicita o Rei de Cota o soccorro de nossas armas, contra um seu irmão. Jorge Cabral vai a Cochim, e volta depois de diversos acontecimentos para Gôa. Desintelligencia entre os Reis de Pimenta, e de Cochim. Assenhorea-se o primeiro da Ilha de Bardelle, auxiliado pelo Çamorim. Combate entre os dous referidos Reis desintellegentes, sendo o de Cochim coadjuvado por alguns Portuguezes. O Rei de Pimenta morre queimado no seu palacio. Pertendem os Naires vingar-lhe a morte, e conseguem apunhalar*

*o Rei de Cochim. D. Affonso de Noronha é nomeado Vice-Rei da India por El-Rei D. João III, e parte de Lisboa com uma esquadra para Gôa. Marcha o Çamorim com um exercito a tomar posse de Bardelle, e consegue-o. O Capitão mór de Cochim, participa este acontecimento a Jorge Cabral. Este prepara uma grande armada para hir encontrar uma esquadra Turca. Esta é desarmada, por isso não tem logar o dito encontro. Manuel de Sousa e Sepulveda é mandado bloquear Bardelle, com quatro vasos. Jorge Cabral parte com uma poderosa esquadra em direitura a esta mesma Ilha, queima diversas Cidades inimigas na sua viagem, e aporta depois a Cochim. Quer que dezoito Principes, que se haviam colligado com o Çamorim, se lhe entreguem. Recebe o dito Governador a noticia da chegada do Vice-Rei D. Affonso de Noronha a Coulão. Encontram-se este com Jorge Cabral em Cochim, e começa a exercer o seu novo cargo. Embarca Jorge Cabral para Lisboa, e tem aqui distincto recebimento.*

Em consequencia da quarta successão, aberta por morte de Garcia de Sá, foi Jorge Cabral declarado seu successor. Achava-se elle então exercendo o cargo de Capitão mór de Baçaim, para onde lhe foi logo dirigido o aviso da sua nova nomeação. Não lhe causou admiração alguma esta noticia, pois que sabia ser o primeiro a pertencer-lhe aquelle cargo depois do fallecimento de Garcia de Sá. Esteve indeciso por muito tempo na acceitação do dito emprego, tanto porque temia perder quatro annos de soldos, que lhe deviam, como por ter receio de que passado um mez, ou o mais tardar um anno, lhe fosse dado um successor, segundo o estilo que tinha tomado a Côrte de Por-

tugal; o que de certo lhe acabaria de arruinar os poucos teres, por não lhe dar tempo para se aproveitar dos interesses do cargo de Governador Geral. Estas razões solidas, que venciam o seu animo, cederam comtudo á vaidade de sua esposa, que sendo formosa, moça, e ambiciosa, preferiu o goso de uma honra vã, e o gosto de se vêr a primeira senhora da India, a outras vantagens de maior pezo.

Partiu pois, de Baçaim para Gôa, onde foi recebido com todas as honras devidas á sua importante dignidade, bem como com todas as demonstrações de alegria, que correspondiam á ideia, que já se fazia do seu merecimento pessoal. Estas demonstrações justificou-as o tempo, pois que o seu governo ainda que curto, assim como o do seu antecessor, foi um dos mais singulares, que teve a India. Governou sempre com muita justiça, e desinteresse; foi assaz zeloso pelo bem do serviço, aborrecia o fausto; era facil em dar audiencias, e prompto em impedir os murmurios da tropa, pagando-lhes pontualmente á custa da sua bolça, quando faltava o dinheiro de El-Rei. Além de todas estas excellentes qualidades, tinha mais outras condições particulares, que lhe adquiriram a confiança de toda a gente. Consistia a primeira na facilidade que tinha de tomar conselho ácerca dos negocios publicos, mandando até fazer caixas para se lançarem os pareceres, que lhe quizessem dar desconhecidamente, e permittindo tambem que isso tivesse lugar, por cartas anónimas. Consistia a segunda, em entreter sempre no povo um espirito de alegria, procurando-lhe divertimentos, que fazia succeder uns aos outros continuamente. Para conseguir este fim, dividiu todos os generos de trabalhos, pôz na frente officiaes de consideração, e formou assim diversos bandos de obreiros, que das suas obras passavam ás danças, e aos jogos, que elle animava com o gôsto, que n'isso mostrava ter.

Não lhe faltaram negocios de ponderação de que tra-

tar, quando tomou posse do governo. Corriam as cousas muito mal nas Malucas, e era preciso cuidar em remedial-as. Os Castelhanos haviam tornado a ellas; e os Portuguezes que alli se achavam, não só andavam discordes entre si, mas até estavam em muito má intelligencia com os Reis das mesmas Ilhas. Uma nova desharmonia entre os Reis de Cochim, e o Çamorim, obrigou Jorge Cabral a tomar partido contra sua vontade, e a começar uma nova guerra. O Rei de Cota na Ilha de Ceilão, implorou logo o seu soccorro contra seu irmão. O Soberano de Candêa na mesma Ilha, fingindo, que queria fazer-se Christão, pediu-lhe igualmente tropas para se fortificar contra os vassallos, a quem a mudança de Religião, não podia deixar de desagradar. Em fim, tinha-se tambem divulgado o rumor, de que os Turcos aprestando uma poderosa armada em Suéz, queriam vir atacar alguma das nossas fortalezas.

Jorge Cabral, tendo pezado maduramente tão delicados negocios, transportou-se a Cochim, onde a sua presença era necessaria: a sua viagem foi curta, mas pouco feliz. Inimisou-se com o Rei de Cochim, pela facilidade que teve em consentir, que Francisco da Silva Capitão mór da fortaleza, homem imprudente, e fogoso, fosse saquear o Pagode de Palurt, d'onde julgava tirar um grande thesouro. Esta empresa temeraria foi tão mal executada, quanto tinha sido injustamente emprehendida. O thesouro não se achou, e os Indios escandalisados d'uma tentativa, que lhes pareceu tão sacrilega como injusta, tomaram as armas contra os nossos. Morreram n'este conflicto alguns Portuguezes, e muitos outros ficaram feridos. A indignação de que o Rei de Cochim se pussuira, por motivos d'este acontecimento, fez que o Governador não podesse regular os negocios, que alli o haviam chamado; e esta circumstancia junta aos avisos que elle recebêra da proxima chegada dos Rumes, forçaram-no a voltar para Gôa.

Apenas partira o Governador, o Rei de Cochim, como se achasse mui precisado de soccorros, não teve remedio senão reconciliar-se com Francisco da Silva: esta reconciliação, porém, serviu mais para perturbar o estado das cousas, que para as acommodar.

Havia nas visinhanças de Cochim um pequeno Principe, a quem os Portuguezes chamavam — Rei de Pimenta — porque dos seus Estados é que tiravam todos os annos para Portugal, a maior quantidade d'aquella especearia. Era elle vassallo do Soberano de Cochim, e tinha para com este uma especie de filiação, fundada sob os principios da sua Religião, e da Nação. O Rei de Cochim tratando-o mais como senhor, que como pai, tinha-lhe feito muitas injustiças, de que elle se havia queixado inutilmente. Não podendo pois obter justiça, havia-se ligado com o Çamorim, em virtude do que devia este Principe succeder ao dito Rei de Pimenta no caso de morte, e este succeder a Çamorim, na falta de seus sobrinhos.

Formada esta alliança, foi o Rei de Pimenta soccorrido pelo Çamorim com dez mil Naires, e atacou com esta força a Ilha de Bardelle, que fazia o motivo da dissenção, e assenhoreou-se d'ella. O Rei de Cochim, e Silva pozeram-se logo em campo com as suas tropas, em cujo numero entravam seiscentos Portuguezes.

Antes de haver o menor combate entre as duas forças, annuiu o Rei de Pimenta a ter uma conferencia com Silva; e como só desejasse um ajuste, consentiu em tudo, convindo mesmo em se entregar nas mãos do Capitão mór, e em vir a Cochim, e á fortaleza, com tanto que alli estivesse debaixo da fiança do mesmo Silva: porém, este, teimou sempre em querer que elle se entregasse á discripção do Rei de Cochim. Uma proposição tão extravagante,

e fóra de razão, escandalisou tanto o conquistador de Bardelle, que o fez logo partir para os seus, voltando as costas a Silva. Então este pussuido d'um furor sem limite, nem esperou que a sua tropa acabasse de desembarcar, para a pôr em ordem de batalha, e cahir sob os soldados do Principe com muita impetuosidade. O combate foi mui encarniçado; porém, sendo ferido o Principe, pozeram-se os Naires em retirada até ao seu palacio, no qual tendo-lhe os Portuguezes lançado fogo, morreu queimado o Principe, e suas proprias mulheres.

Os Indios, que militavam debaixo das ordens de Silva, advertiram-lhe muito a tempo que se retirasse, antes que uma multidão de desesperados o viesse acommetter: mas Silva era mui pouco prudente para se render a esta advertencia. Não tardou que o inimigo o viesse atacar com furia tal, que os nossos soldados não podendo resistir a esta primeira envestida, fugiram na mais completa debandada. Silva, assim abandonado dos seus, combateu como um desesperado, até perder a vida, traspassado de muitas feridas. Cincoenta Portuguezes cuja fuga precipitada não poude salvar, tiveram a mesma sorte. O Rei de Cochim cobriu-se de muita gloria, pois que apezar da sua pouca idade, conseguiu pela sua muita prudencia, salvar do perigo a muitos dos seus soldados.

Ainda não constava publicamente a morte do Rei de Pimenta, quando cinco mil Naires, seus affeiçoados, cortaram metade da barba, e dos cabellos, para, segundo o seu antigo uso, mostrarem a vontade de morrerem, vingando o seu Soberano. Estes homens furiosos, tendo a vida na menor conta, marcharam sob Cochim, e foram dar um assalto no bairro dos Indios, que era situado nos suburbios. Henrique de Sousa, que então commandava na fortaleza, fez-lhes frente, e matou-lhes quinhentos, mas estas vidas foram vendidas por grande preço.

Augmentára-se o furor dos Naires com esta perda, e muito mais quando lhes constou que o Çamorim preparava um grande exercito, para vingar a morte de seu amigo. As contínuas correrias que os mesmos Naires faziam até ás pôrtas da Cidade, espalharam alli tal terror, que o Rei de Cochim, não se julgando seguro em seu palacio, passou para a fortaleza com grande parte da sua côrte. —

El-Rei D. João III, logo que teve noticia da morte de D. João de Castro, e de que este fôra substituido no governo por Garcia de Sá, fidalgo de avançada idade, nomeou para Vice-Rei da India a D. Affonso de Noronha, segundo filho do Marquez de Villa Real: (*) acontecia isto no anno de 1550.

A esquadra que devia acompanhar o Vice-Rei, constava de cinco náus com dois mil soldados, entre os quaes se contavam trinta e tantas pessoas da primeira grandeza. Embarcou D. Affonso de Noronha no galeão S. João; e os outros Commandantes D. Alvaro de Attayde da Gama, no S. Pedro; D. Jorge de Menezes, na Santa Cruz; D. Diogo de Noronha, na Flor do Mar; e Lopo de Sousa, no galeão Biscainho. No fim de Março fez-se a esquadra de véla, e hindo a embarcação chefe só, com o traquete, começou a deitar tanto á banda, que foi obrigada a dar fundo. Convocou-se então uma vistoria de mestres, e pilotos, á qual assistiram o Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda, o Vice-Rei, e o Provedor dos Armazens. Concordou-se em que o defeito procedia do pouco lastro, e muita carga, que o navio tinha na coberta. Tirou-se-lhe, pois,

---

(*) *Faria, na Asia Portugueza, Pedro Barreto, Chronica de El-Rei D. João III. Parte 4.ª Capitulos 69 até 75.*

parte d'essa carregação, ordenando El-Rei a D. Affonso de Noronha, que se até á Ilha da Madeira se conhecesse que o galeão corria perigo; se passasse para a náu S. Pedro, e ficasse o Commandante d'esta com o galeão na mesma Ilha, para o reparar, e seguir depois viagem.

Começou então a ventar do mar, e só a 15 de Abril se poude mover a esquadra; porém antes de sahir a barra, tornou o vento ao mar, o que obrigou o Vice-Rei a surgir na enseada de Santa Catharina. Conheceu-se n'esta curta digressão, que o galeão estava incapaz de seguir viagem, sem se alastrar de novo, por cujo motivo passou o Vice-Rei para o S. Pedro, e elle ficou em Lisboa para se lhe fazer o concerto necessario. O vento mareiro durou até 3 de Maio, que a esquadra poude sahir, e o galeão sahiu a 27 do mesmo.

Em seguida a esta sahida, (*) mandou El-Rei a Jeronimo Ferreira, e a Francisco Machado com duas boas caravelas, que levavam cem soldados, para andarem de guarda-costa de Cabo Verde para Guiné.

Partiu igualmente para o Algarve D. Pedro da Cunha com cinco caravelas, e quatro bergantins, hindo a bordo d'estas embarcações quatrocentos soldados. Após esta esquadra sahiram a 3 de Junho duas caravelas commandadas por Simão Rodrigues, e Ruy Fernandes, com instrucções para se reunirem na Ilha Terceira a outras trez, que Pedro Annes de Castro estava aprestando, e a um galeão que alli se reparava; e o commando d'esta esquadra foi dado a João da Silva Couto, filho do dito Annes de Castro, sendo os seus navios guarnecidos por mais de qui-

(*) Chronica de El-Rei D. João III.

nhentos soldados. O seu destino era cruzar nos Açôres até chegarem as náus de torna-viagem da India, para as escoltar a Lisboa como se fazia todos os annos.

Corria ainda o referido anno de 1550, quando achando-se em Lisboa o Soberano de Belez, (*) e querendo retirar-se, mandou El-Rei trez navios bem armados para o transportar, cujo commando deu a Ignacio Nunes Gato, o qual se devia reforçar na viagem com duas caravelas, que cruzavam no estreito de Gibraltar. Chegada esta pequena esquadra ao porto de Belez, e salvando com toda a artilheria no desembarque do Rei, aconteceu achar-se nas lagunas, perto de Belez, o Rei de Argel Arde-Arrais, acabando de espalmar vinte e quatro galés, e ouvindo o ruido da salva, se embarcou a toda a pressa; e chegando a Belez, viu a esquadra Portugueza ancorada. Ignacio Nunes, que não podia mandar velejar, por estar calmaria podre, metteu á espia, e reboque os seus navios em linha o melhor que lhe foi possivel; e como as galés tinham a vantagem do remo, tomaram as posições convenientes, cercaram os nossos navios, e atacaram-nos simultaneamente. Era impossivel resistir a forças tão superiores; mas os nossos bravos oppozeram uma resistencia tão obstinada, que a victoria custou muito, e muito cara aos inimigos. Afinal todas as nossas embarcações foram tomadas, e condusidas para Argel, onde os captivos foram depois resgatados por El-Rei. — Continuaremos a narração das dissenções entre o Çamorim, e o Rei de Cochim. —

Apenas o Çamorim soube da morte do Rei de Pimenta, poz-se em campo com um exercito de cento e quarenta mil homens, auxiliado pelos Principes seus feudatarios, e partiu a tomar posse da Ilha de Bardelle, e dos Estados

(*) *Chronica de D. João III. Parte 4.ª Cap. 66.*

do Principe defuncto, de que fez reconhecer o sobrinho por herdeiro. Os Capitães móres de Cochim, e de Cananor fizeram quanto poderam para lhe estorvar todas as passagens; mas não impediram com isso, que elle se apoderasse de Bardelle, onde fez entrar quarenta mil Naires, commandados por dezoito dos seus Principes alliados: convém observar, que entre estes mesmos Principes havia alguns vassallos do Rei de Cochim, os quaes se recusaram então a servil-o, pela razão de Martim Affonso de Sousa os ter privado de certas pensões, com que El-Rei de Portugal os remunerára, por serviços que elles, e seus antecessores nos haviam feito nas primeiras guerras contra o Çamorim.

Henrique de Sousa Capitão mór de Cochim, mandou logo participar para Gôa, tudo quanto se passava. Ordenou ao mesmo tempo a Antonio Corrêa, seu cunhado, que sahisse para o mar com trinta embarcações de remo, e que impedisse que os Principes fechados na Ilha, se communicassem com o Çamorim, que estava da parte de Chambé.

O Governador Geral Jorge Cabral, preparava a este tempo uma grande armada para hir ao encontro de uma outra Turca, que segundo os immensos avisos que a toda a hora recebia, não poderia tardar a sulcar aquelles mares. Todas as Cidades da India lhe testemunharam n'esta occasião, a muita estima que lhe consagravam, pois cada uma d'ellas engrossou esta expedição com muitas embarcações á sua custa, pela impossibilidade em que elle estava de o poder fazer á custa de El-Rei. Achava-se já a referida armada prompta para se fazer de vêla, quando o Governador Geral recebeu participação official, de que as galeras Turcas se haviam desarmado em Suéz, por ordem do Grão Senhor; consequentemente não poude ter lugar a expedição.

Jorge Cabral vendo-se livre por aquelle lado de todo

o temor; e tendo recebido o aviso, que lhe fizera Henrique de Sousa, fez partir Manuel de Sousa de Sepulveda com quatro navios para as aguas de Bardelle, ordenando-lhe que bloqueasse esta Ilha o mais estreitamente possivel, até elle mesmo alli chegar: a frotilha de Sousa foi seguida de mais doze embarcações, commandadas por Gonçalo Vaz de Távora. Sousa cumpriu tambem a sua missão, que a Ilha foi logo redusida ás ultimas necessidades, vindo os soldados inimigos entregar-se-nos, opprimidos pela fome.

Não tardou que Jorge Cabral se embarcasse, constando a sua armada de perto de cem vélas, nas quaes entravam vinte galeões, muitas caravelas, galeras, fustas, bergantins, e outras embarcações de remos, com quatro mil homens de desembarque. Na sua derrota queimou Tiracol, Coulete, e Pananes, Cidades que pertenciam ao Çamorim; e igual sorte teria feito soffrer a Calicut, se o seu conselho não lhe representasse — «que era muito mais «importante para elle, aportar quanto antes a Bardelle, «onde tinha como em seu poder todas as Potencias do Ma-«labar.» — Seguindo este parecer fez força de véla, e foi surgir na barra de Cochim, onde o respectivo Rei o esperava com quarenta mil homens pagos. Tomou tambem dois mil Portuguezes, e logo no dia seguinte se foi collocar em frente da dita Ilha, que fez cercar por todas as embarcações ligeiras. Estando já regulada a ordem do ataque, e hindo este a começar-se, arvoraram os inimigos uma bandeira branca, pedindo capitulação. Começaram as respectivas negociações, mas como os sitiados achassem mui duras as condições, que os nossos lhes propunham, nada se decidiu pelo espaço de trez dias. Em fim, a ultima exigencia do Governador, foi, que se entregassem os dezoito Principes nas suas mãos, salvas as vidas, e que depois se regulariam os outros artigos do tratado nos termos da honra, e da amizade. Como os Pricipes se recusassem a aceitar uma proposição tão terrivel, resolveu-se o Go-

vernador a atacal-os ao amanhecer do dia seguinte. Aconteceu, porém, receber elle n'essa mesma noute um aviso de D. Affonso de Noronha, em que este lhe participava que havia chegado a Coulão revestido da authoridade de Vice-Rei, e lhe ordenava que não fizesse nem paz, nem guerra, em quanto elle não se unisse á armada. Foi isto um raio para Cabral, pois via roubarem-lhe a gloria da mais bella acção, que se podia dar nas Indias, e da qual se podiam colher os melhores resultados.

Não obstante a participação recebida, todos os Officiaes queriam que elle passasse ávante, e que se aproveitasse da occasião que a fortuna lhe deparava, para se immortalisar. Tendo elle reflectido um pouco, respondeu-lhes: «Agradeço-vos, senhores, o interesse que tomais pela mi-«nha gloria; porém, pensando bem, eu não poderia ter «gosto algum n'uma victoria, que vos deve inimisar com «o Vice-Rei, ao qual não podereis agradar, começando «por lhe desobedecer. Não preciso poupal-o para mim; mas «necessito muito poupal-o para vós. Fazendo-vos eu este «serviço, pode ser que adquira mais gloria, do que se ti-«vera vencido uma grande batalha.»

Tendo D. Affonso de Noronha chegado a Cochim, Cabral logo o foi alli encontrar, sendo recebido por elle mui friamente. Cabral não deu o menor signal de ressentimento, e cuidou só em apressar a sua partida para o Reino, excusando-se ao convite que o Vice-Rei lhe fizera, de hir em sua companhia concluir o negocio de Bardelle. Pediu-lhe depois o Vice-Rei, que cuidasse na carga dos navios, que segundo as ordens de El-Rei, deviam voltar para Portugal, mas tambem se recusou a fazel-o, e só quiz ter cuidado no que era seu. Guardou comtudo as maiores attenções para com o Vice-Rei, até o momento de se embarcar para Lisboa, onde foi honrosamente recebido por El-Rei, e pela Côrte; o que elle assaz merecia, em premio da distincta maneira porque governára.

## CAPITULO VI.

### ANNO DE 1551 A 1554.

*O Vice-Rei D. Affonso de Noronha, recebe embaixada do Çamorim. Manda que partam para Portugal os navios de carregação, n'um dos quaes se embarca Jorge Cabral. O mesmo Vice-Rei faz a sua entrada em Gôa. Cochim é novamente acommettida pelos subditos do defuncto Rei de Pimenta. Renova-se a guerra na Ilha de Ceilão. O Rei de Cota é morto com um tiro de arcabuz. Madunc seu irmão apodera-se-lhe do Reino, em prejuizo de Bramabella seu sobrinho. O Vice-Rei tem noticia d'esta usurpação, e vai a Ceilão disposto a combatel-a. Pratica alli não poucas extorsões, combate a Madune, e saqueia a Cidade de Ceita-*

*vaca. Regressa a Gôa, deixando João Henriques incombido de lhe prender Tribuli Pandar pai de Dramabella. João Henriques morre sem cumprir esta ordem, porém um fuão Deça executa-a, Tribuli Pandar livra-se da prisão por astucia de sua esposa, e tira uma vingança horrivel do mal que soffréra. Traição de Deça. Pandar conclue um tratado com Madune, que se não executa. Fernando Carvalho succede a Deça no emprego, e na conducta. Parte de Cochim uma esquadra para Portugal, commandando uma das respectivas embarcações Manuel de Sousa de Sepulveda. Narração do tremendo naufragio d'este infeliz Capitão. El-Rei D. João III. indigna-se muito contra o proceder de D. Affonso de Noronha, para com o Soberano de Cota, e manda restituir a este tudo quanto aquelle lhe extorquira. D. Affonso de Noronha combate o Rei de Cambe. Luiz Figueira é aprizionado no mar por um armador Turco, e depois morto. Solimão Imperador da Turquia manda sitiar Ormuz com poderoso exercito. O Vice-Rei decide-se a hir fazer levantar este cêrco, mas tendo noticia em Dio de que elle se levantára, volta para Gôa. Morad-beg vai a Baçorá. Valor extraordinario de Gonçalo Pereira Marramaque. Alechelubi corsario Turco vai a Baçorá. Combate junto de Moscate com uma frota Portugueza, e esta alcança victoria. Apodera-se um pirata Turco de Punicial, fortaleza nossa. Que se seguiu a esta tomada. O Vice-Rei vai a Cochim com uma grande esquadra. O Sultão Mahamud é assassinado por um dos seus fidalgos. O que se segue a este acontecimento. D. Affonso de Noronha, termina o seu Vice-Reinado por ordem Real, sendo substituido por D. Pedro de Mascarenhas.*

O novo Vice-Rei não tratou de concluir a brilhante empresa, que Jorge Cabral começára, pois que partiu pa-

ra Gôa, sem fazer a guerra, nem a paz com os Principes colligados, excepto com o Çamorim, de quem recebeu os Embaixadores. Ignorou-se comtudo as condições com que essa paz fôra celebrada, bem como o que Noronha passava na Ilha de Ceilão com um filho de Madune Rei de Ceitavaca, a quem concedêra uma audiencia particular.

Antes porém, de fazer-se á véla, proveu os differentes postos, que se achavam vagos, expediu os navios de carregação, n'um dos quaes se embarcou Jorge Cabral. Despachou ao mesmo tempo cinco navios para o estreito de Méca, dando a Luiz Figueira o commando d'esta frota, depois de o tirar a Jeronimo de Castello Branco, o qual estimulado d'isso desafiou a D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei, pelo haver pedido para o dito Luiz Figueira. Tendo-se despedido do Rei de Cochim, embarcou, e visitou de passagem as fortalezas de Challa, e Cananor, deixando D. Antonio de Noronha filho do Vice-Rei Garcia de Sá, com vinte embarcações de remo para cruzar na costa do Malabar. Dirigiu-se depois para Gôa, onde foi recebido com todas as honras, e festejos publicos, que em taes occasiões se prodigalisam a quem de novo vem.

Os Naires, que eram affeiçoados ao fallecido Rei de Pimenta, accommetteram ainda uma vez a Cidade de Cochim, logo depois da partida do Vice-Rei, no que derramaram muito sangue, e practicaram muitas crueldades. Acudindo porém, os Portuguezes, foram os inimigos escarmentados, o que nos custou a perca de cincoenta vidas.

Renovara-se a guerra na Ilha de Ceilão. Madune, que só havia esperado que partisse o Vice-Rei, achava-se no campo, e fazia grandes estragos. Achavam-se só cem Portuguezes em Cota, e Columbo, ás ordens de Gaspar d'Azevedo, que servia de Feitor, e Alcaide mór. O Rei logo

os fez armar, e nomeou para General do seu exercito a Tribuli Pandar seu cunhado. Partiu este a procurar o inimigo, e depois de varios encontros em que sempre o vencera, forçou-o a passar o rio de Calasse, e ficou acampado na margem d'aquem. Como a armada estivesse fundeada perto do mesmo rio, foi o Rei de Cota ao acampamento, levado da curiosidade de ver comer os Portuguezes n'um terraço, ou varanda onde se achavam; mas quando hia a chegar a uma fresta, foi morto por um tiro de arcabuz.

Por muito tempo se atribuiu aos Portuguezes uma tão grande aleivosia; nem se duvida que Madune houvesse peitado algum para o praticar; porém, para os desculpar, disse-se depois, que um dos mesmos Portuguezes chamado Antonio Barcellos, confessára á hora da morte, que havia morto o Rei de Cota, por acaso, fazendo pontaria a um pombo bravo.

Causára a dita morte grande abalo nos espiritos; mas como se ignorava quem fôra o author, não se cuidou na sua vingança. Não ficou nos corações mais do que odio, odio proporcionado á gravidade do crime, e á horrivel ingratidão a respeito d'um Rei, que não havia feito outra cousa, senão bem aos Portuguezes; mas as circumstancias em que se achavam os vassallos da victima, obrigou-os a dissimular.

Tribuli Pandar levantou logo o campo para tornar para Gôa, e fazer alli as ultimas honras ao defuncto cunhado. Queria depois d'isto collocar no Throno o Principe Dramabella o mais velho de seus proprios filhos, o qual tendo nascido d'uma irmã do Rei morto, devia succeder-lhe, segundo as leis de successão estabelecidas na mesma Ilha. Tinha elle sido já reconhecido em Portugal, havia alguns annos. Seu tio ao fazer-se vassallo da Corôa Portu-

gueza, enviou a El-Rei D. João III. um busto de Dramabella, e um Diadema de pedras, supplicando-lhe que o fizesse coroar, e confirmasse como seu legitimo herdeiro: a ceremonia foi celebrada em Lisboa, com muito apparato.

Isto não impediu Madune, de se declarar herdeiro. Pertendeu que o Reino lhe estava devoluto pela morte de seu irmão, com preferencia a seu sobrinho: cuidou em chamar os grandes a seu partido, mas inutilmente. Tribuli Pandar, que além de ser primeiro Ministro, se achava á frente de um exercito, sustentou os direitos de seu filho com as armas, e fel-o com fortuna.

Instruido o Vice-Rei d'esta revolução, e pedindo-lhe o novo Rei, que o soccorresse, pôz no mar uma poderosa esquadra para passar á Ilha de Ceilão. Mostrou porém pela sua conducta, que tinha sido levado menos pela justiça da causa d'este Principe, do que por uma avareza insaciavel, da qual ha poucos exemplos, segundo vâmos demonstral-o. Apenas desembarcou em Columbo, começou a inquirir violentamente onde estavam os thesouros do defuncto Rei, como se elles lhe pertencessem de direito. Não satisfeita ainda a sua ávida curiosidade, metteu em ferros os principaes Modeliares, ou fidalgos, e á força de tormentos procurou que elles confessassem, o que não sabiam.

Este proceder bárbaro, e iniquo alienou furiosamente os naturaes da Ilha, e obrigou seiscentos dos mais principaes a passarem para o campo contrario. Como elle não encontrasse o que procurava, mandou dar busca ao palacio do Rei, e fez-lhe tirar todo o ouro, prata, joias, e pedras, que alli se acharam. A quantia de dinheiro excedeu a cem mil cruzados, afóra o que se desencaminhou. Concluida uma tão violenta extorsão, que nenhum titulo decente justificava, o Vice-Rei tirou ainda a este desgraça-

do Principe vinte mil pardaus em compensação das despezas, que havia feito para esta guerra; cem mil pagos logo, e os outros depois, sem limitação de tempo, ajustando que ambos reuniriam as suas tropas, para hirem combater Madune, o qual não abandonariam sem o destruirem completamente. Foi igualmente regulado, que o Vice-Rei repartiria com o Rei os despojos, que se tirassem ao inimigo. Em execução d'este tratado, o Rei de Cota vendeu logo as joias, e pedras preciosas, a baixela de ouro, e a prata de seu serviço, que salvára do roubo do seu palacio com este pretexto. Esta venda produziu-lhe oitenta mil pardaus, que entregou a D. Affonso de Noronha.

O exercito forte de quatro mil Ilhéos, e de trez mil Portuguezes, tendo o Rei de Cota, e o Vice-Rei á sua frente; pôz-se em marcha. Foram tomados os desfiladeiros em que Madune se havia fortificado, e este Principe salvou-se nas montanhas acompanhado simplesmente por cem homens. A Cidade de Ceitavaca vendo-se sem o seu Rei para a defender, abriu as portas ao Vice-Rei, e foi posta por este a saque, como se houvera sido tomada por assalto. D. Affonso de Noronha alojou-se no palacio Real, e fez n'elle o mesmo, que tinha feito no de Cota, e de Columbo. Saqueou o pagóde, que tinha n'outro tempo respeitado, e que encerrava em si riquezas immensas, taes como Idolos de ouro, e de prata adornados de muitas pedrarias, e muitos outros moveis do mesmo metal, e valor, destinados para o serviço do culto gentilico. Todas estas preciosidades foram carregadas nos livros de conta do Estado; porém tão confusamente, que ficou um vasto campo para satisfazer o interesse pessoal, de quem pertendesse praticar extorsões.

Metade da pilhagem pertencia ao Rei de Cota, em cumprimento do ajustado; porém D. Affonso de Noronha negou-se a esta entrega, pretextando, que havia esgotado

o thesouro da India, com a poderosa armada, que tinha posto no már para soccorrer o mesmo Soberano. Madune, não deixava de se restabelecer, e de tornar a começar a guerra com mais força, que nunca. O Rei de Cota pediu a Noronha quinhentos homens para seguir o inimigo, mas recusaram-lh'os, por elle não estar em circunstancias de pagar os vinte mil pardaus, que faltavam para os cem mil, que devia ter dado.

Servindo-se o Vice-Rei d'este pretexto para faltar á sua palavra, e fingindo pressa de hir dar ordens aos navios de transporte, que deviam partir para Portugal, tomou o caminho de Columbo. Antes porém de se embarçar, quiz ser pago dos vinte mil pardaus, que se lhe não deviam, e fez altas diligencias para haver ás mãos Tribuli Pandar, pai do Rei, o qual sendo d'isto avisado salvou-se. Em falta d'este, mandou Noronha prender o Vigario Geral, que fôra achado só, e fêl-o responsavel pela dita quantia. O Vigario, se quiz sahir da prizão, foi obrigado a vender um cinto de ouro por cinco mil pardaus, os quaes entregou, e obrigou-se por escripto a satisfazer os outros quinze mil.

Finalmente, D. Affonso antes de partir quiz obrigar o Rei a fazer-se Christão, como se tudo quanto elle acabára de praticar, não obrigasse este Principe a desprezar uma Religião, que um de seus crentes revestido da maior authoridade desacreditava com excessos, que faziam horror aos proprios Gentios. O Rei de Cota, porém, escusando-se por seu Throno estar ainda vacilante, por ser atacado por um competidor tal como seu tio, e porque obraria contra todas as leis da politica, e se exporia a uma revolução, fez comtudo que um de seus parentes se baptisasse, mostrando por este facto, que desejaria muito fazer-se Christão. Estas razões foram aprovadas pelo Vice-

Rei, o qual levou comsigo o recem-baptisado ao partir para Gôa.

João Henriques, a quem o Vice-Rei ordenára que prendesse o pai de Dramabella, e que lho enviasse para Gôa, tentou no principio fazêl-o; porém o Rei penetrando as suas intenções, rogou-lhe: — «que suspendesse a «execução d'uma tal ordem, e que attendesse á circunstancia dos tempos. Que seu pai estava actualmente com «o Principe de Colas seu primo, contractando o seu casamento com uma filha d'este mesmo Principe. Que com «o favor d'esta nova alliança tudo se reuniria contra Madune, que tinha invadido os seus Estados, ameaçando-o «com uma nova guerra.» — Henriques, como fosse homem honrado, capacitou-se d'estas razões, e deu um salvo conducto para Tribuli Pandar, que voltou logo para Cota, e marchou contra o inimigo para o impedir de se fortificar mais.

Morrendo João Henriques, Diogo de Mello, que occupou o seu cargo, não respeitou a alliança contrahida; e attrahindo o pai de Dramabella a Cota, prendeu-o na torre onde guardavam a polvora. Trez dias depois d'esta prizão, foi Diogo de Mello substituido no cargo por Duarte Deça; e a mãi do Rei, mulher de grande valor, e que indignada do tratamento feito a seu esposo, tinha sahido de Cota, levando tropa, procurou tratar amigavelmente do seu livramento. Porém Deça não escutou as suas propostas, e tornou a sorte do prezo mais cruel. O Rei, e sua mãi não se desanimaram; e crêndo que, se Tribuli Pandar se fizesse Christão, conseguiriam livral-o dos ferros, pediram aos padres de S. Francisco, que diligenciassem convertel-o. Estes religiosos concluiram esta tarefa, baptizando-o occultamente, receando, que Deça a isso se oppozesse. Effectivamente este indignou-se tanto,

quando soube este acontecimento, que augmentou os tormentos ao infeliz prisioneiro, prohibindo até aos ditos religiosos, que o vissem.

A Rainha mãi seduzindo então alguns Portuguezes á força de dinheiro, estes, fazendo rebentar uma mina junto do Convento dos Franciscanos, tiraram Tribuli Pandar da prizão. Tanto que elle se viu em liberdade, collocou-se á frente das tropas, que sua esposa lhe tinha apromptado, espalhou-se como uma torrente por toda a costa de Galle, arrasou todas as Igrejas, passou á espada todos os Ilhéos Christãos, que cahiram em seu poder, queimou um navio Portuguez, que estava prompto no estaleiro, e poz-se em estado de guerrear os Portuguezes a ferro, e a fogo.

Deça abismado d'uma vingança tão espantosa, escutou com mais facilidade as representações de Dramabella, o qual lhe fez comprehender, que o arriscava a perder uma Corôa que conservava a fé, e homenagem da de Portugal, do que resultaria grave prejuizo ao Rei seu senhor, e a todos os Portuguezes. A paz foi feita, e jurada, e logo Dramabella fez entregar a Deça mil cruzados, em recompensa da obrigação que este contractou, de o soccorrer com cincoenta homens. Deça tendo recebido a dita somma reduziu esta força a vinte homens, e a final não quiz conceder nenhum, e praticou novas extorsões.

O mais infame dos actos, que então praticou Deça, foi, vender-se n'este mesmo tempo a Madune, recebendo d'este Principe valiosos presentes. Esta venda não foi tão secreta, que Dramabella não fosse logo avisado d'ella, o que o obrigou a retirar as suas tropas com temor de alguma traição. Comtudo, o pai do Rei vendo esta intelligencia do Capitão Portuguez, e de Madune, e temendo ser victima d'ella, procurou reconciliar-se com o ultimo, e fez com

elle um tractado em virtude do qual uma néta de Madune devia esposar um seu segundo filho, irmão do Rei de Cota.

Dramabella sabendo d'este tratado, e vendo-se abandonado de seu proprio pai, sentiu bem que este redusido a uma triste situação, trabalhasse menos na segurança da sua pessoa, que a metter-se elle mesmo no perigo de ser desapossado dos seus Estados. Mas este tractado, não se cumpriu então: a avó de Dramabella, mãi de Madune, impediu-lhe a execução, hindo ella mesma procurar Tribuli Pandar, ao qual fez comprehender as consenquencias terriveis d'uma tal alliança.

Fernando Carvalho, que succedôra a Deça, igualou este na conducta; pois que recebendo quinhentos cruzados para dar cincoenta soldados, não deu estes, nem restituiu o dinheiro, que havia recebido. O Rei de Cota não contando senão com as suas proprias forças, desbaratou com ellas as de Madune, obrigando este a recorrer á sua clemencia; ao que segiu fazer-se a paz entre estes dous Principes. —

A 3 de Fevereiro do anno de 1552 (*) sahiram de Cochim para Portugal seis náus, das quaes chegaram quatro a salvamento. As outras duas eram o S. Jeronimo, Capitão Lopo de Sousa, que nunca mais appareceu, e o galeão S. João, que commandava Manuel de Sousa de Sepulveda, fidalgo, que se havia tornado mui benemerito na India, e levava comsigo sua esposa D. Leonor de Sá, com dous filhos de peito. Esta náu, cuja carga excedia o valor de um milhão, vinha mui mal fabricada, com uma unica andaina de panno, e essa em tal estado, que de contínuo

(*) *Historia Tragico — Maritima Tom.* 1.°

se arreavam as vélas para se remendarem, perdendo assim as occasiões de aproveitar os bons ventos, que teve para adiantar caminho, e dobrar o Cabo da Boa-Esperança em monção favoravel.

Tendo dado vista da Costa de Africa, seguiu ao longo d'ella prumando com tempo bonançoso até ao Cabo das Agulhas, e a 12 de Abril estava a vinte e cinco leguas ao mar d'ella N. E., S. O.; e no dia seguinte ao anoutecer passou o vento a O., e O. N. O. com cerração, e fuzís, dando signaes de Inverno; por cuja causa arribou, e correu cento e trinta leguas, onde o vento saltou ao N. E. com tanta furia, que o forçou a voltar para o Sul. O mar, combatido então de dous ventos oppostos, cresceu tanto, que o galeão, apezar de ser o maior navio da carreira da India, quando se achava entre duas vagas cruzadas, mettia agua por ambos os bordos. Trez dias correram assim com as bombas na mão, e no fim do quarto acalmou o vento, ficando o mar mui grosso, e banzeiro, o que fazia jogar tanto o galeão de pôpa á prôa, e de bombordo a estibordo, que se lhe partiram trez machos do leme, dous dos quaes eram da cabeça.

O vento saltou então mui rijo a Leste, e o galeão querendo arribar em pôpa, não deu pelo leme, antes veio todo de ló, levando-lhe uma rajada a véla grande pelos ares. Os Officiaes correram a carregar o traquete, para o não perderem; mas o galeão ficou atravessado sem seguimento, e recebeu trez mares tão fortes, que com os balanços que deu, rebentaram-lhe os ovens, e costaneiras do mastro grande, da banda de bombordo, ficando-lhe só trez ovens. Cortou-se o mastro, para se evitarem as avarias, que poderia causar a sua queda; e depois com uma antenna, e uma verga armaram uma guindola, em que largaram uma véla feita de pedaços de lona velha; e por

fim conseguiram arribar, posto que o galeão não governava pelo mau estado do leme. Correram d'este modo com o tempo; mas tornando a crescer o vento, destruiu-lhe a guindola, e levou o velacho; e atravessando-se o galeão, deitou o leme fora, ficando-lhe os machos mettidos nas fêmeas; desarvorou do gorupés, e começou a fazer agua.

Os navegantes, julgando-se n'este critico estado a vinte leguas de terra, trabalharam com muito afinco em armar outra guindola, aproveitando um intervallo de bonança, em fazer outro leme, no que gastaram dez dias; porém o galeão não poude governar com elle, por sahir curto, e ficou por tanto á mercê das ondas.

No dia 8 de Junho houveram vista da Costa: Manuel de Sousa de Sepulveda chamou a conselho os Officiaes, e resolveu-se unanimemente encalhar no lugar mais proprio para salvar as vidas. Em consequencia do que, mandou-se um escaler a examinar a terra, hindo o galeão entretanto rolando para ella com quinze palmos de agua no porão. Estando a menos de meia legua da Costa, voltou o escaler, e disse a tripulação, que defronte da paragem onde estavam, havia uma boa praia, e tudo o mais era penedia. Foram pois governando com a guindola até acharem sete braças, em que deram fundo, e arriando a amarra, largaram outra âncora a tiro de fuzil da praia, tendo o vento abonançado. Deitou-se a lancha fóra, e assentou-se em conselho, que se fortificassem alli, e das madeiras, e mais cousas do galeão construissem um caravelão, em que podessem hir para Moçambique, ou Sofala, ou mandarem pedir auxilio a qualquer d'aquellas Praças.

Tomada esta resolução, e reunidos na tolda, e tombadilho os mantimentos, armas, polvora, e roupas, que

se poderam tirar das cobertas, embarcou-se primeiro Manuel de Sousa com sua esposa, e filhos, e trinta pessoas das principaes, ficando a bordo o Mestre Christovam Fernandes, o Piloto André Váz, o Contra-Mestre Duarte Fernandes, e o Guardião. Desembarcados em terra os primeiros, voltou a lancha, e o escaler a buscar mais gente, e fizeram trez, ou quatro caminhos, em um dos quaes se voltou o escaler, afogando-se algumas pessôas. Durou esta faina trez dias, que parecia tempo sufficiente para salvar toda a guarnição, e munições necessarias; mas não aconteceu assim, porque passado este prazo, crescendo o vento, faltou a amarra do mar, e o Mestre, e o Piloto embarcaram-se na lancha, a qual chegou a terra despedaçada, ficando ainda a bórdo do galeão dusentos Portuguezes, e trezentos escravos. O galeão continuou a cahir sobre a outra âncora até tocar, e em breve se desfêz todo, cobrindo-se o mar de fardos, caixotes, e madeiras, e morrendo afogados quarenta Portuguezes, e setenta escravos!

Sepulveda convocou então os Officiaes, e pessoas principaes para deliberarem ácerca do que convinha fazer, pois que o navio se havia inteiramente desfeito, e não era já possivel construir embarcação alguma das suas reliquias, nem tão pouco havia lancha. Concordaram todos que se devia marchar por terra a buscar a Bahia de Lourenço Marques, á qual vinha todos os annos um navio de Moçambique a negociar marfim; e que como os feridos, e doentes eram bastantes, se dilatassem n'aquella praia até se restabelecerem. O Piloto, observando o Sol, achou que estavam em 31° de latitude Sul. Passados trez dias, apparecêram ao longe alguns Cafres, que não quizeram chegar á falla; e mandando Sousa dous homens a reconhecer o Paiz, andaram quarenta e oito horas sem acharem mais do que algumas cabanas abandonadas.

Tornaram depois d'isto sete Cafres com uma vacca, os quaes estando já em preço para a vender, surdiram outros de um monte, que os obrigaram a retirar; o que se consentiu pelos não escandalizar. Dez dias se demoraram os naufrágos n'este lugar, e convalescidos os doentes, fez-lhes Sousa um discurso enérgico, e acabou rogando-lhes, que tivessem attenção nas fadigas que hiam supportar, á fraquesa de sua esposa, e de seus filhos. Sousa teve sobejos motivos de louvar a obediencia, e amisade de tantos infelizes, determinados a executar quanto elle lhes ordenasse.

As penas, e os trabalhos, que soffreram na jornada podem facilmente avaliar-se, quando se saiba que tinham a percorrer uma distancia de cento e oitenta leguas, para chegarem á referida Bahia de Lourenço Marques, e isto por caminhos intranzitaveis, e que na sua maior quantidade eram habitados por antropóphagos. Foram pois caminhando, sempre com a morte diante dos olhos; e para maior fatalidade, quando lhes não faltavam mais do que trinta leguas a andar, torrentes despenhadas, rochedos inaccessiveis os obrigaram a fazer taes rodeios, que o resto da viagem excedeu a cem leguas.

Findos trez mezes chegaram á terra d'um Rei, chamado Oinhaca, que vivia já perto do rio tão desejado, e foram acolhidos por elle benignamente. Havia já commerciado muito com os Portuguezes, e teve cuidado em previnir Sousa, de que o seu visinho, que se chamava Fumo, e por cujo territorio hiam tranzitar, era um homem perverso, e cruel. O desejo ardente de chegar a um estabelecimento Europeu foi superior a esta salutar advertencia, e impelliu os Portuguezes a passar o segundo dos trez braços, pelos quaes este rio entra no mar. Bem depressa viram, que se dirigiam a elles duzentos Cafres bem ar-

mados, e apesar da sua extrema fraqueza, puzeram-se em defensa. Os inimigos recorreram então á dissimulação, para se apossarem sem combate de todos os seus despojos. Convencionou-se, que os nossos esperariam em lugar prefixo as ordens do Rei, que os bárbaros afiançavam serem favoraveis.

Haviam-se demorado alguns dias, quando Fumo lhes mandou communicar, que independente da falta de viveres, que tinha obstado até então á sua boa vontade, havia sido embaraçado tambem pelo terror, que as armas de fogo inspiravam á sua Povoação. Promettia-lhes toda a segurança, e auxilio, se em prova das suas pacificas intenções, se deliberassem a entregal-as.

Consentiu Sousa n'esta insidiosa proposta, e tentou persuadir os seus a entregarem as armas, declarando ao mesmo tempo, que elle ficava com a sua familia; e os que quizessem passar adiante o podiam fazer. Votaram alguns dos circunstantes pela entrega das armas; outros não; e D. Leonor disse a seu marido: «Que nas armas estava «todo o seu remedio, e que lhe pedia pelo amor de Deus, «que tal não fizesse.» Porém, as faculdades intellectuaes de Sousa estavam alteradas, este entregou as armas, e por fatalidade fizeram todos o mesmo, conhecendo o seu estado de *demencia*. Concluida esta entrega, repartiu Fumo os Portuguezes pelos Ancoses, ou Chefes das Povoações, os quaes antes de chegarem a ellas os despojaram de tudo no caminho, e ás pancadas os expulsaram para longe. Manuel de Sousa, e os da sua companhia ficaram na Aldeia do Régulo, que lhes fez igual tratamento, e dizia-se, que lhes tirára mais de cem mil cruzados de joias; e em seguida a isto ordenou, que sahissem da mesma Aldeia.

Então D. Leonor, dirigiu algumas ternas queixas a

seu marido, e seus companheiros, por causa da sua funesta confiança, e recommendando-lhes sua memoria se elles fossem tão ditosos, que podessem ainda regressar á sua patria commum, cravou-se na areia, bem resolvida a achar alli a sepultura. Esta scena dolorosa gerou no coração de Sousa a maior desesperação; e como não havia de acontecer assim, se elle era esposo, e pai!.. Mas bem depressa tornando a si, da estúpida immobilidade em que ficára, corre de todos os lados a procurar algum alimento para sua mulher, e filhos. Nú, desarmado, debaixo d'um céu de fogo, e entre povos tão ferozes, que poderia elle encontrar? Volta depois de mil inuteis fadigas, e encontra Leonor morta de fome, bem como a seus filhos! Então elle parte desesperado pelos áridos dezertos, e nunca mais houve noticia d'elle.

Os Portuguezes que se haviam opposto, a que os Cafres lhes tirassem os vestidos, foram assassinados; outros muitos expiraram de fome; e só oito, e quatorze escravos restavam, de perto de quatrocentos d'uns, e outros, que tinham escapado do naufragio. Estes restantes, guiou-os a Providencia ao territorio de outros Cafres mais humanos, que lhes deram algum milho, de que viveram muito tempo, até que chegou ao rio de Inhanbane um pangaio de Moçambique, commandado por um parente de Diogo de Mesquita, Governador d'esta Ilha, que vinha comprar marfim; e sabendo pelos naturaes, que no sertão andavam alguns naufragos Portuguezes, destacou pessôas intelligentes com missangas, que os resgataram.

O Commandante do pangaio recebeu-os depois com o maior affecto, e caridade, vestindo-os, e curando-os a todos, e provídos do necessario os transportou a Moçambique, onde chegaram a 25 de Maio de 1553; e o Governador não menos humano, e generoso, os veio rece-

ber á praia; e hospedando em sua casa a Pantaleão de Sá, que já havia governado aquella Praça, bem como a Tristão de Sousa, entregou os outros aos moradores mais abastados, e todos se restabeleceram em breve das fadigas passadas. Pantaleão de Sá, e Tristão de Sousa passaram á India; correram depois as cousas de tal sorte, que fallecendo Diogo de Mesquita, casou Pantaleão com a sua viuva, e foi segunda vez Governador de Moçambique. — Continuaremos a tratar das cousas da Ilha de Ceilão. —

El-Rei D. João III. possuira-se de muita indignação contra a conducta, que D. Affonso de Noronha tinha tido com o Rei de Cota; e attendendo ás queixas, que este Principe lhe havia dirigido, ordenou, que tudo lhe fosse restituido. Porém, esta ordem foi tão mal executada, que Dramabella não cobrou senão vinte mil pardaus em differentes prazos, e davam-lhos com a mão direita para lhos tornarem a tirar com a esquerda. Foi isto causa de que os Commandantes, que se succediam em Ceilão, aproveitando-se do máu exemplo, que lhe déra o Vice-Rei, e da falta de punição, que o governo da Metrópole dava a tão grandes excessos, excediam muito os seus predecessores em extorsões, injustiças, e perfidias. Tanto assim, que Affonso Pereira de Lacerda, que substituira Fernando de Carvalho, ajustou-se ainda mais claramente com o inimigo, recebendo dinheiro de ambas as partes, resultando d'esta traição, que Madune sendo velhaco, e sagaz em extremo, conseguiu accender a discordia entre os Portuguezes, e augmentou as esperanças que concebêra de expulsar uns, e submetter inteiramente os outros.

N'este mesmo tempo, impedia o Rei de Cambe a carregação dos nossos navios, que deviam voltar para Portugal, occupando os rios, e dando caça a todos aquelles, que trasiam mercadorias para Cochim. Apenas o Vice-Rei o sou-

be, cuidou em formar uma armada de todas as embarcações pequenas, que havia por aquellas paragens, embarcou n'ella 4,000 Portuguezes, e foi procurar o inimigo, que tinha um campo de 20,000 homens, e que tentou em vão imperdir-nos o desembarque.

A vanguarda Portugueza, que D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei commandava, fez recuar os inimigos; e ganhando o terreno, todo o resto das forças desembarcou sem trabalho. Houve alli comtudo um combate não pequeno, morrendo n'elle alguns quarenta dos nossos, em cujo numero entraram algumas pessoas de distincção. Os vencedores saquearam as Cidades, e principalmente os pagodes, cortaram as palmeiras, e dessolaram as terras. O Vice-Rei, contente d'esta expedição, partiu para Cochim, e d'alli para Gôa, deixando n'aquella D. Fernando de Menezes com 500 homens, e mandando commandar a esquadra que andava a côrso na Costa do Malabar, por D. Antonio de Noronha filho do ex-Vice-Rei Garcia de Sá.

Luiz Figueira, que havia sido enviado com cinco fustas para o estreito, para ter noticias dos Erotas dos Turcos, deixando escapar a ocasião de combater um célebre armador Turco por nome Zafar, que corria por estes mares com cinco galiotas, encontrou-o depois para infelicidade sua. Figueira atacou Zafar mui denodadamente; porém abandonando-o os Capitães das outras quatro fustas, foi morto, e a sua embarcação tomada pelo inimigo. Um d'estes quatro cobardes não ousando mais tornar ás Indias, navegou para a Costa da Abissinia, onde entrou ao serviço do Imperador da Ethiopia. Os outros tendo aportado a Gôa, foram presos, e passado tempo livres; porém viveram sempre no despreso da sua Nação, a qual não supporta os fracos. Estes miseraveis tiveram depois companheiros da sua infamia, por um caso todo similhante.

Solimão Imperador dos Turcos, um dos maiores Principes Musulmanos, altivo com as prosperidades d'um longo reinado, e com os progressos rapidos, que havia feito nas trez partes do antigo Mundo, estava cuidando em estender as suas conquistas da parte da Arabia, e da Persia. Lisongeando-se muito com a tomada de Adem, e de Baçorá, havia concebido a esperança de se tornar senhor de todo o gôlfo Pérsico. Dissemos já, que no fim do vice-reinado de D. João de Castro, é que os Turcos haviam entrado n'esta ultima Praça, auxiliados por alguns Principes A'rabes. Bem reconheceram os Portuguezes, quão fatal lhes poderia ser a visinhança de inimigo tão poderoso; mas elles deixaram de tomar as medidas necessarias para o affastar. Porém, a tomada de Catife, que o Bachá de Baçorá effeituou igualmente por intelligencia secreta, despertou-os do lethárgo em que jaziam. A Praça pertencia então ao Rei de Ormuz; e este Principe perdendo alli um grande rendimento, devia temer a Ilha de Baharem.

D. Affonso de Noronha tendo sido avisado do acontecido em Catife, despachou seu sobrinho D. Antonio de Noronha para Ormuz, entregando-lhe 1,200 homens, sete galeões, e quarenta e duas embarcações de remos.

D. Antonio logo que chegou a Ormuz, reforçou a sua força com trez mil soldados do Rei respectivo, commandados por Seraph, que era alli primeiro ministro. Marchou este exercito sobre Catife, cuja guarnição se defendeu corajosamente pelo espaço de oito dias; mas que vendo a final muitas brexas nas muralhas, retirou de noute sem isso se lhe perceber, senão quando não era já tempo de se persiguir. Entrada a Praça, sem maior efusão de sangue, foi logo destruida, pois que Seraph não se quiz obrigar a defendel-a, nem a têl-a guarnecida. Quarenta Portuguezes perdêram a vida n'esta destruição, por ter sido mui precipitada a explosão das minas.

Por este tempo, tratava Solimão de fazer armar vinte e cinco galeras em Suéz; e logo que estiveram promptas, entregou o seu commando a um Official de reputação, chamado Pirbec, dando-lhe ordem de condusir aquella esquadra ao gôlfo Persico, sem commetter as menores hostilidades, mui principalmente contra Portuguezes, aos quaes elle devia pelo contrario occultar-se, se fosse possivel, até á sua chegada a Baçorá, onde encontraria novas instrucções. Estas, consistiam n'uma ordem enviada ao respectivo Bachá, para elle reunir as suas forças ás de Pirbec, e hirem ambos depois pôr cêrco a Ormuz, com o maior segredo possivel, e não o levantarem sem tomar a Praça.

Pirbec partiu a cumprir a missão, que lhe havia sido ordenada, mas não seguiu á risca as instrucções que recebêra; por isso que, ou por se estimular de o submetterem ás determinações do Bachá, ou por se deixar possuir da ambição de fazer alguma prêza, ou finalmente por se julgar habilitado para executar elle só grandes empresas, foi acommetter Mascate, que então era nossa. João de Lisboa, que alli commandava, não tendo ás suas ordens senão sessenta Portuguezes, entregou-lhe a Praça com condições, que o bárbaro não cumpriu, pois que os fez pôr todos a ferros, depois de lhes prometter a liberdade.

Apenas se soube em Ormuz, da chegada dos Turcos a Mascate, derramou-se alli tão grande terror, que a Cidade foi logo abandonada. Os moradores mais abastados retiraram-se para a Ilha de Queixome, ou para os campos; porém fizeram isto com tal precipitação, que não levaram a maior parte das suas riquezas. O Rei, recolheu-se á fortaleza, com as suas mulheres, filhos, e os principaes Ministros. D. Alvaro de Noronha seu Capitão mór, tinha perto de 900 homens para a defender, e tinha-a municiado sobejamente.

Dentro em poucos dias chegou Pirbec á Cidade, e tendo-a achado abandonada, saqueou-a, e redusiu-a a ruinas. Começou depois a sitiar a fortaleza, e logo que teve estabelecido as precisas baterias, entrou a dirigir contra ella contínuo fogo de artilheria. Este era respondido com igual vigor, e com bastante felicidade, pois que um artilheiro nosso fazia pontarias tão certeiras, que introduziu muitas balas pelas bôcas dos canhões inimigos, e desmontou muitos outros.

Pirbec, vendo a final que todos os esforços que empregava para tomar a fortaleza, seriam baldados, e tendo-lhe os nossos tiros dizimado muitas vidas, resolveu-se a levantar o cêrco; porém antes de o fazer, mandou um parlamentario ás portas da mesma fortaleza, para negociar o resgate dos Portuguezes aprisionados em Mascate. Este parlamentario era um Comitre Italiano, em cuja companhia vinha a mulher de João Lisboa, e dous velhos, que haviam sido aprisionados com ella n'uma embarcação, onde seu marido a embarcára antes do cêrco, para a salvar. Pirbec mandava entregar este trez prisioneiros a D. Alvaro, por civilidade; mas estes negou-se a recebel-os, por pensar que João Lisboa se havia rendido por cobardia. Querendo comtudo mostrar-se reconhecido a esta generosidade do General inimigo, enviou-lhe alguns Turcos, que conservava em seu poder; e Pirbec apreciando muito este comportamento de D. Alvaro, fez-se á véla para a Ilha de Queixome. Chegando aqui sem ser esperado, fez uma preza importante, e seguiu depois para Baçorá.

Informado ao Vice-Rei do cêrco de Ormuz, dispôz-se a hir pessoalmente fazêl-o levantar, para o que se embarcou n'uma esquadra de oitenta vélas; mas tendo aportado a Dio, soube alli da retirada de Pirbec. Em consequencia do que se decidíra n'um conselho, voltou para Gôa, donde

fez partir diversas embarcações para cruzarem n'estes mares, até a Abril, e cujo commando entregou a seu sobrinho D. Antonio de Noronha.

Conseguira Pirbec escapar-se a duas frotas nossas, que o observavam, e chegar a salvo a Constantinopla, onde foi recebido com insultos, e apupadas geraes, por isso que já alli se sabia da sua desobediencia, e de tudo quanto obrára no desempenho da sua commissão: o Grão Senhor, fez-lhe logo cortar a cabeça. Por esta mesma occasião constou n'aquella Côrte, que duas poderosas esquadras nossas andavam no mar, uma d'ellas cruzando no golfo Persico, e a outra no estreito de Meca. O Grão Senhor mandou partir immediatamente a Morad-beg, para Baçorá, dando-lhe ordem para tomar alli quinze galeras, que deixára Pirbec, e hir guardar depois as gargantas do mar Rouxo.

Morad-beg tendo chegado a Baçorá no fim de Julho de 1552, não tardou a pôr-se no mar com as embarcações referidas, que guarneceu de melhor artilheria, e gente experimentada, e forneceu de muitas munições de guerra, e de bôca. Diogo de Noronha, que havia succedido a D. Antonio, e que reuníra a sua frota á de D. Pedro de Attayde, tinha-se feito á véla no principio do mesmo mez. Navegando da Costa da Arabia para o golfo Persico, encontrou-se aqui com as galeras de Morad-beg, e acommetteu-as. Começado o combate, não tardou que o galião em que hia D. Diogo, soffresse um rombo ao lume de agua; o que o fez hir a pique, tendo passado o General antes disso para um outro. Como calasse o vento pelas dez horas da manhã, ficaram as nossas embarcações em calmaria podre, e muito affastadas umas das outras, sem poderem manobrar nem soccorrer-se. O inimigo aproveitando-se então da sua superioridade, investiu o galião de Gonçalo Pereira Marramaque, que se achava mui separado dos outros, e tor-

nou-o dentro em pouco tão razo, que lhe não restava senão a carcassa. Pereira defendeu-se como um heróe, e tanto elle como toda a sua gente, ficaram cobertos de feridas.

Refrescára o vento sobre a tarde; e Morad-beg satisfeito com a sua jornada, mandou velejar para o Euphrates, onde a nossa frota o não poude seguir. Noronha tornou para Ormuz, sem ter feito mais do que dar caça a um navio que Pirbec nos tomára, até o fazer encalhar, e despedaçar.

Morad-beg não tendo passado á vante, para hir ao lugar, a que era destinado, mereceu por isso severas reprehensões do Grão Senhor, e não recebeu louvor algum pelo que fizéra. Alechelubi famoso corsario, homem de immensa riquesa, e mui acreditado em Constantinopla, ambicionando substituil-o, censurou altamente a escolha que d'elle Morad-beg se fêz, dizendo: «Que não deviam «ter esperado outra cousa d'um homem, que tinha defen«dido tão mal Catife, e que o abandonára cobardemente.» Correspondeu o resultado d'esta accusação aos desejos de Alechelubi, pois que foi nomeado para a commissão, que tanto ambicionava, sendo mandado logo a Baçorá.

Achava-se D. Fernando de Menezes filho do Vice-Rei cruzando perto do estreito de Meca, com ordem de tornar depois d'um certo tempo a Ormuz, para vigiar as ditas galeras Turcas; no que se houve tão bem, que foi instruido muito a proposito da sua sahida. Bernardino de Sousa, que então governava Ormuz, concertou-se de tal modo com Menezes, que logo que as referidas galeras entraram no golfo Persico, foi occupar a embocadura do Euphrates com um galião, e cinco navios mercantes, que armára á sua custa, a fim de lhes cortar a passagem, e a esperança da retirada, no caso que D. Fernando conseguisse cortar-lhes o caminho, e obrigal-as a retroceder.

A frota inimiga, porém, passou o estreito de Ormuz, e entrou no mar da Arabia. D. Fernando seguiu-a, e offereceu-lhe batalha junto de Mascate. Alechelubi mostrou recusal-a, e encostou-se á terra o mais que lhe foi possivel, ficando fechado pela nossa esquadra. A maior difficuldade, que o General inimigo tinha a vencer, era a de dobrar um cabo. Conseguiu a final, que nove das suas galeras o dobrassem, mas as seis restantes foram-lhe cortadas, e abordadas pelas nossas caravelas, ficando em poder dos nossos depois d'um encarniçado combate.

Reconhecendo Alechelubi, que se fosse aportar a Constantinopla, ser-lhe-hia cortada a cabeça, não ousou seguir a derrota d'aquelle porto, e velejou para Cambaya; perseguido sempre pela nossa esquadra. Sete das suas galeras entraram no porto de Surrate, e estiveram alli bloqueadas por Jeronimo de Castello Branco, Nuno de Castro, e Manuel Mascarenhas, até que por um ajuste feito com Caracem Commandante da mesma Cidade, foram despedaçadas. Igual sorte tiveram as outras duas na costa de Damão, e de Daru, em resultado da persiguição que lhe fez D. Fernando de Monroi, e Antonio Valadares; de sorte, que nem sequer escapou uma das quinze embarcações, que compunham a armada inimiga.

Não cessavam os Principes alliados do Malabar, de estar em armas, causando sempre grande quebra ao nosso commercio; tanto assim, que os nossos navios de transporte não podiam metter carga, e eram obrigados a voltar sem ella, ou a carregarem por conta dos particulares, em prejuiso do Estado. Para acabar com este mal, mandou o Vice-Rei a Cochim Francisco Barreto. A usual pericia, e valentia d'este benemerito Capitão, foram vencidas n'esta empresa pela estrategia d'um Malabar de Nação, e Christão chamado Vasco. Achava-se este homem ao serviço dos

ditos alliados; commandava uma infinidade de pequenos catures armados em guerra, com os quaes corria sobre todos os bateis, que conduziam especiarias, e os aprezava; zombava de toda a persiguição que se lhe fazia, por isso que sendo Cochim um composto de terras alagadiças, e de uma immensidade de Ilhotas, fechadas por pequenos canaes, escapava-se por entre os escondrijos d'este labyrintho, com tanta felicidade, que se achava em toda a parte onde tinha prêsa que fazer, e dasapparecia aos olhos de quantos o procuravam; o que fazia possuir Barreto da maior desesperação.

Por este mesmo tempo um pirata Turco, que andava a côrso com quatorze embarcações, foi cahir sobre os Paravás nas Costas da pescaria, e tomou depois Punicial, onde commandava Manuel Rodrigues Coutinho, que tinha ás suas ordens uma guarnição de setenta Portuguezes. Estes defenderam-se com heroico valor, até que não podendo já resistir contra forças tão superiores, retiraram-se para os dominios d'um Naique visinho, que violando a respeito d'elles a fé publica, os metteu em ferros. Apenas chegou a Cochim a nova d'este infeliz successo, pediu Gil Fernandes de Carvalho á Cidade, que lhe fornecesse embarcações para o vingar, que elle se encarregava de as municiar á sua custa. Satisfez-se-lhe o pedido, e elle partiu a procurar o inimigo; e logo que o encontrou, soffreu um grande revéz. O navio de Lourenço Coelho tocou sobre uma ponta, que Carvalho não poude dobrar, e toda a sua gente foi passada á espada, sem poder ser soccorrida!

No dia seguinte, que foi o de 15 de Agosto de 1554, o corsario offereceu o combate. Peleijou-se de ambas as partes com muito valor, porém a victoria pertenceu aos nossos, ficando os inimigos completamente destruidos. O perfido Naique consentiu então no resgate dos seus pre-

sioneiros, e Manuel Coutinho voltando a exercer o seu cargo, recobrou grande parte dos objectos, que o corsario lhe havia roubado.

A pouca felicidade que Barreto tinha em Cochim, obrigou o Vice-Rei a hir alli pessoalmente. Consequentemente, partiu n'uma poderosa armada, e encontrou a pequena distancia a de Diogo de Noronha, o qual voltava de Ormuz em companhia de Gonçalo Pereira Marramaque. Decidiu-se n'um Conselho, que então teve lugar, que para se castigarem os Principes alliados, se fosse fazer estrago em certas Ilhas do Principe de Bardelle, que se denominavam — Mergulhadas — o que se effeituou com a maior presteza. Concluida esta destruição voltou o Vice-Rei para Gôa, deixando Gomes da Silva para continuar a guerra. Este fez as cousas com menos gente, e mais vantagem, devido isso á moderação, com que se portára. Obrigou o inimigo a pedir a paz, que lhe foi concedida com as obrigações, que se lhe quizeram impôr.

Havia perto de Dio uma Cidade pertencente ao Rei de Cambaya, chamada Novadaguer. Abix-Cão, Abexim de Nação, que a commandava, começou a inquietar os Portuguezes, que alli se achavam estabelecidos; e quanto mais elles se queixavam, mais elle os massacrava. D. Diogo de Almeida, que então era Capitão mór de Dio, fez uma irrupção na Cidade inimiga com 500 homens, e depois de a ter alagado em sangue, entregou-a ao saque. Abix-Cão mudou então de conducta para com os nossos, pediu perdão a D. Diogo, que alcançou, e mostrou-se-nos mui agradecido durante que alli governou; mas Cid-Elal, seu successor, renovou as insolencias contra os nossos.

D. Diogo de Noronha Corcós, que tambem a este tempo havia succedido a Almeida, não foi maior paciente

do que seu antecessor; cahiu sobre Novadaguer com 600 homens, e atacou Cid-Elal, que se achava mui bem fortificado n'um ponto importante, o qual estando para ser escalado, foi rendido por ajuste, ficando os sitiados com as vidas salvas. Abix-Cão correu a soccorrer os seus com 4,000 homens, e poude ainda perturbar a vantagem, que Noronha alcançára; pois que Fernando Castanhoso tendo sido mandado ao seu encontro com 120 homens; e havendo-lhe cahido em cima trezentos cavallos da vanguarda inimiga, teve que mandar retirar, e foi degolado com dezesete soldados! Noronha tendo depois feito retirar a cavallaria inimiga, destruiu a fortificação do mencionado ponto, fez fechar as portas da Cidade, e dispôz a sua tropa, e a artilheria sobre as muralhas, rompendo com isto todas as medidas de Abix-Cão, que se apresentou no seguinte dia inutilmente.

Governava D. Affonso de Noronha a India havia quatro annos, quando El-Rei D. João III. lhe enviou um successor, cujo merecimento era capaz de fazer sombra a qualquer outro Vice-Rei dos mais benemeritos. Era este D. Pedro Mascarenhas, que já havia concorrido para o mesmo governo com Lopo de Sampaio, o qual depois de haver sido longo tempo o terror dos Mouros em Africa, no governo de Azamor, veio a final naufragar sobre as Costas de Portugal.

O Vice-Reinado das Indias, que para outro qualquer seria uma grande recompensa, foi para D. Pedro uma desgraça, e uma especie de desterro. Encarregado da educação do Infante D. João herdeiro da Corôa, o seu caracter exemplar acommodando-se pouco com a idade d'um Principe, que começava a tornar-se ríspido, desagradou pelo mesmo motivo, que devia tornal-o bem acceito do Rei. As Indias abriram uma porta honrada para

o affastarem. Escusou-se elle pela sua idade de 70 annos; mas tanto as suas representações como as lagrimas de sua esposa fôram inuteis, e elle foi forçado a fazer um novo sacrificio da sua obediencia.

Chegou pois, a Gôa, para alli morrer passados quatro mezes e sete dias de Vice-Reinado, não tendo tempo para fazer mais do que começar os negocios, que o seu successor resolveu, conforme logo diremos.

## CAPITULO VII.

### ANNO DE 1555 A 1558.

*Francisco Barreto toma posse do governo da India, por ordem das successões. Ardem dez galiões, que estavam no Arsenal de Góa. Vai o Governador a Pondá. Deixa aqui D. Fernando de Monroi, e volta a Góa. D. Alvaro da Silveira guerreia o Çamorim; e logo que este requer paz ao Governador, vai destruir a Cidade de Mangalor. Miguel Rodrigues Coutinho, causa iguaes estragos nas Costas de Cambaya. Francisco Barreto sahe de Góa com uma poderosa armada, e vai a Chaul e Baçaim §. §. Recebe perto de Damão uma embaixada do Rei de Dulcine. Toma Pedro Barreto Rolim a Cidade de Tata. Soffre uma hor-*

*rivel tempestade. Queima a Cidade de Dabul, em companhia de Antonio Brandão, e recolhe-se a Góa. Guerra com o Hidalcão. Francisco Barreto parte a combater o inimigo. Peleija-se perto de Pondá. Volta Francisco Barreto a Góa, e celebra a paz com o Hidalcão. Pede permissão a Nizamaluco, para mandar construir uma fortaleza junto de Chaul. Este Principe retarda-lhe a resposta, e é elle quem manda fazer uma fortaleza. O Governador Geral manda impedir esta obra, e a final vai elle mesmo em pessoa. Nizamaluco manda-lhe uma embaixada amigavel. Resultado que ella teve. Tem fallecido El-Rei D. João III.; succede-lhe o Principe D. Sebastião ainda menor, ficando a Rainha D. Catharina Regente, bem como o Cardeal Infante D. Henrique. Chega a Góa D. Constantino de Bragança revestido da dignidade de Vice-Rei.*

Francisco Barreto era digno pelas suas muitas virtudes, de exercer o cargo de Governador Geral da India; por isso tendo sido nomeado para succeder a D. Pedro Mascarenhas, foi muito applaudida esta nomeação. Desde o primeiro momento em que tomou posse, tratou de justificar o alto conceito em que era tido; pois que as primeiras cousas que fez, foi proteger todas as creaturas, e domésticos de seu antecessor, e confirmar tudo quanto elle havia ordenado.

Quiz porém, a desgraça, que logo n'um dos primeiros dias da sua governança, ardessem dez galiões, que se achavam no Arsenal, inutilisando-se todos os immensos esforços que se fizeram para apagar o fogo, desde o seu começo.

Governava ainda o Estado D. Pedro Mascarenhas, quando alguns vassallos do Hidalcão, se revoltaram contra este Principe, e que para justificarem esta revolta enviaram uma embaixada ao mesmo Vice-Rei, pedindo-lhe a entrega de Meale, que queriam restabelecer sobre o seu Throno usurpado. Meale, que segundo já dissemos, se achava retirado em Gôa, deu mais força á dita embaixada offerecendo o territorio de Conção, e todas as suas rendas, que chegavam a um milhão, caso se annuisse á exigencia de seus partidarios. Uma offerta tão vantajosa para a Corôa Portugueza, fez com que se acceitassem as propostas dos conjurados, e Meale foi declarado em Gôa Rei do Visapur. Feito isto, foi Meale conduzido a Pondá pelo Vice-Rei em pessoa, com toda a pompa possivel, e entregue nas mãos dos seus partidarios, que o fôram coroar a Bilagam, com magnificencia conforme aos seus usos.

Tendo tido lugar a morte de Mascarenhas logo em seguida a este successo, dirigiu-se Francisco Barreto a Pondá, onde Meale o veio encontrar, e confirmou o tratado do fallecido Vice-Rei. O Governador Geral voltou depois para Gôa, deixando Fernando de Monroi junto a Meale, e mandando D. Antonio de Noronha para Conção, a receber alli os respectivos direitos.

A fortuna de Meale passou como um relampago; pois que o Hidalcão tendo obtido poderosos auxilios de Nizamaluco Rei de Narsinga, conseguiu sem muito custo desbaratar as pequenas forças do seu adversario. Meale, e Inelmaluco, e Salabateção seus Ministros, passaram para os dominios de Nizamaluco depois de alcançarem um salvo-conducto. Porém, este Rei quebrou logo a fé jurada, mandando matar a Inelmaluco, e a Salabateção; e posto que não mandasse fazer o mesmo a Meale, conservou-o comtudo na posição de prisioneiro.

Francisco Barreto temeu ter a combater todas as forças do Hidalcão, por causa da protecção, que o Estado havia dispensado a Meale. Effectivamente não tardou a saber, que o exercito de Cambaya engrossava todos os dias, e que já algumas tropas vinham marchando para territorio nosso; pelo que, receando que acontecesse alguma desgraça a D. Fernando de Monroi, e a D. Antonio de Noronha, mandou-lhes ordem, que viessem para Gôa, e abandonassem os seus póstos, adiantando elle mesmo alguma tropa para os sustentar. Monroi, e Noronha obedeceram com repugnancia ao segundo aviso do Governador, e retiraram em boa ordem á vista do inimigo, o qual não ousou perturbal-os na sua marcha.

D. Alvaro da Silveira, que o Governador mandou então a cruzar sobre a Costa do Malabar, fez uma guerra activissima ao Çamorim. Occupou-lhe no principio a entrada dos rios, para lhe cortar as provisões de bôca; e desembarcou depois em diversas Povoações, reduzindo-as todas a cinzas, chegando esta destruição a fazer sentir os horrores da fome aos Gentios, representaram estes o seu miseravel estado ao Çamorim, por cujo motivo este Principe fez pedir a paz a Silveira, que commetteu a decisão d'este negocio ao Governador. Silveira suspendeu desde logo as hostilidades contra o Çamorim, e partiu a punir a Rainha d'Olla, que havia alguns annos que não pagava o devido tributo á Corôa Portugueza. Em consequencia do que, saqueou, e queimou em parte a Cidade de Mangalor, bem como a dous celebres Pagodes. Voltou depois a reunir-se ao Intendente da Fazenda, que o Governador havia enviado com poderes para se concluir a paz, e esta foi feita em presença do Çamorim.

Miguel Rodrigues Coutinho fez os mesmos estragos nas costas do Hidalcão, que Silveira havia causado nas do Ça-

morim, chegando até a aprezar-lhe um bello navio vindo de Meca, ricamente carregado; o que irritou tanto este Principe, que o fez resolver desde logo a fazer-nos a guerra com todas as suas forças.

Barreto informado d'estes successos, mandou partir differentes esquadras para diversas partes, e sahiu elle mesmo n'uma composta de 150 velas, na qual tomou a derrota de Chaul, hindo d'aqui para Baçaim. Como se ignoravam os seus projectos, correu então o rumor de que elle não tinha outro, senão o de mostrar-se com todo o lustre da sua gloria n'esta Praça, de que havia sido Capitão mór. Apenas alli chegou, conferenciou com D. Diogo de Noronha sobre o designio secreto, que o tinha guiado. Não se soube n'essa occasião qual elle era, mas constou, que Noronha o havia combatido com razões tão fortes, que a empresa foi abandonada. Comtudo, para que não parecesse que esta grande armada havia sido posta no mar, sem o menor motivo, tomaram-se os postos d'Assarim, e de Manora da jurisdição da Cidade de Damão, e que protegiam as correrias que os rebeldes faziam sobre o territorio de Baçaim: em seguida a este acontecimento recebeu Barreto alguns Embaixadores do Rei de Dulcinde.

Este Principe, cujos dominios estavam na visinhança de Dio, pedia soccorro contra um visinho poderoso: promettia pagar as despesas da guerra, e conceder grandes vantagens aos Portuguezes para o commercio dos seus estados. O Governador enviou-lhe Pedro Barreto Rolim com uma frota de 28 embarcações, e 700 homens de desembarque. Porém este Principe antes de chegar o dito soccorro reconciliou-se com o seu inimigo, e negou-se depois a pagar-nos as despesas, segundo havia ajustado. Rolim vingou esta offença tomando uma Mesquita, e depois a Cidade de Tata, que mandou saquear, e reduzir a cinzas, tendo

antes passado á espada todos os seus habitantes em numero de oito mil. Affirma-se, que as riquesas consumidas pelo fogo foram do valor de dous milhões, afóra a preza que foi riquissima. Concluida esta expedição retiraram os nossos para bórdo, destruindo ainda muitas outras povoações, que encontraram em ambas as margens do rio.

Uma furiosa tempestade se encarregou de vingar tantos estragos. Rolim teve que mandar deitar ao mar os despojos dos lugares assollados, e custou-lhe muito a aportar a Chaul, onde encontrou ordens do Governador Geral para hir reunir-se a Antonio Brandão, e queimar a Cidade de Dabul, que pertencia ao Hidalcão, ao qual a guerra estava declarada. A Cidade oppoz no principio uma tenaz resistencia, mas tendo Brandão feito lançar fogo a alguns bairros, para impedir que os seus se entretivessem com a pilhagem, foi abandonada pelos seus moradores. Seguiu-se a este abandono a sua destruição total, sendo mortos todos aquelles dos seus habitantes, que não puderam fugir. E em quanto Brandão foi arrazando todos os lugares de ambas as margens do rio, e da costa, dirigiu-se Rolim a Gôa, para alli receber os applausos d'estas horriveis execuções.

Os movimentos que fazia o Hidalcão para tornar a entrar nas terras de Conção, Bardêz, e Salsete, obrigaram o Governador Geral a partir de Baçaim para Gôa, precipitadamente. Chegado aqui, enviou D. Pedro de Menezes á fortaleza de Rachol, entregando-lhe tropas para guarnecer todas as suas immediações, e navios bem armados para as defenderem.

O Hidalcão muito mais irritado depois da perca de Dabul, poz em campo um exercito de 20,000 homens, cujo commando entregou a Nazermaluco, um dos seus melhores Generaes. Nazermaluco avançou para Pondá com o gros-

so do mesmo exercito, em quanto Moratecão entrava nas terras de Bardêz. Como o Governador Geral conhecesse, que se deixava esfriar este negocio, teria Gôa por muito tempo em afflicção, resolveu-se a fazer o esforço de hir pessoalmente combater o inimigo. Para este effeito, levantou um exercito de 3,000 Portuguezes, 1,000 Malabares de infanteria, e 200 de cavallaria, e foi procural-o a Pondá, onde o achou acampado entre a fortaleza, e um bosque, tendo na sua frente um fosso de quasi cinco palmos de largura. Chegando a nossa infanteria á borda do fosso, e não o podendo passar, correu ao longo d'elle, respondendo sempre ao fogo do inimigo. Barreto não comprehendendo a razão d'este movimento, accudiu com a reserva, e com a cavallaria, e esta marchou com tanto ardor, que salvou o fosso d'um pulo. Os fidalgos que acompanhavam o Governador seguiram este exemplo, e de mistura com os soldados atacaram o inimigo impetuosamente, ajudados pela nossa infanteria, que tinha conseguido passar a alguma distancia.

Nazermaluco não podendo resistir contra o valor de tropa tão resoluta, mandou tocar a retirar, e fugiu para os campos sem ousar entrar na fortaleza. Barreto receando que uma fuga tão desconcertada encubrisse algum ardil, reteve o ardor dos seus: fez arrasar a fortaleza, e voltou para Gôa destruindo todas as trincheiras, que o inimigo formára para nos demorar a marcha. Nazermaluco apenas soube da partida das nossas forças, voltou para Pondá, e occupou-se na reedificação da fortaleza.

Havia morrido Nizamaluco Rei de Narfinga, e tinha-lhe succedido um filho do mesmo nome, o qual tendo-se alliado com Cotamaluco para hirem ambos atacar uma Praça do Hidalcão, soltou Meale, e entregou-o aos Portuguezes. Estes dous Principes alliados partiram depois a

sitiar a dita Praça, mas não conseguiram tomal-a, e tiveram que retirar-se com perda de 4,000 homens.

Ainda que o Hidalcão teve lugar de se contentar com esta felicidade, comtudo, ou porque nutrisse novas suspeitas a respeito de Meale, ou porque effectivamente fosse advertido pelos seus Capitães, de que não estava em estado de poder sustentar uma grande lucta contra nós, consentiu em que se fizesse novamente a paz.

Pensando Barreto, que a fortaleza de Chaul era mui fraca para poder resistir a qualquer ataque das galeras Turcas, caso estas a viessem acommetter, resolveu-se a edificar uma outra sobre um outeiro, que avança para o mar, e domina a Cidade. Porém, como o não podesse levar a effeito sem a premissão de Nizamaluco, mandou uma solemne embaixada a este Principe, pedindo-lha, e enviando-lhe muitos presentes. Nizamaluco espantou-se da proposição, porque temeu, que a nova fortaleza servisse para lhe estabelecermos direitos de entrada, e de sahida n'este porto, o que o privaria dos seus melhores rendimentos. Assim, em lugar de dar uma prompta resposta, entreteve o Embaixador, e ordenou a Farratecão seu General, que fosse com 30,000 homens construir para si mesmo uma fortaleza, no mesmo lugar em que pertendiamos levantar a nossa. Farratecão ao partir para esta empresa, levava ordem para não hostilisar a guarnição da nossa antiga fortaleza, nem tão pouco aos Portuguezes, que se achavam estabelecidos na Cidade.

Garcia Rodrigues de Távora, que então era alli Capitão mór, apenas viu chegar tão numeroso exercito participou-o ao Governador Geral, fazendo-lhe saber o fim a que vinha. Achava-se Barreto occupado nos aprestos d'uma frota, que devia partir para Ormuz, a guardar a entrada

do golfo Persico. Mandou logo a disposição, e ordenou a Alvaro Peres de Souto Maior, que estava nomeado para a commandar, que partisse para Chaul, e impedisse o progresso da obra começada. Souto Maior executa a ordem, chega, e bombardeia de seus galiões os trabalhadores. A final veio Barreto em pessoa com uma esquadra numerosa, e o inimigo não querendo guerrear, mandou dizer ao Governador Geral: «Que Nizamaluco, seu Senhor, era amigo d'El-Rei de Portugal, e dos Portuguezes, sentimento, que havia herdado de seu predecessor, o qual tinha concedido que se fundasse a fortaleza, que alli tinhamos; e que não revogava esta doação, porém que tinha razão para temer, que querendo nós construir uma nova fortaleza, não tivessemos intenção de lhe impor um jogo, e de nos fortificar-nos contra elle mesmo, para o privarmos dos direitos de entrada, e de sahida, que lhe pertenciam só a elle como Soberano, assim como tinhamos usado em outras partes.»

Barreto não podendo deixar de attender a razões tão justas, convieram ambas as partes em que desistiriam da obra começada, e em que nenhum dos dous partidos a fundaria n'aquelle lugar. Por tanto, foi restabelecida a paz, sem o Governador alcançar o que tinha pertendido.

Barreto revolvia na mente um grande projecto, que tinha sido o fim dos seus trabalhos em todo o seu governo, e para o qual havia posto no mar um tão grande numero de navios, que o Hidalcão viu então a mais soberba armada, que jámais houvera visto. Pertendem que esse projecto consistia na conquista da Ilha de Sumatra, e na destruição do Rei de Achem, inimigo figadal dos Portuguezes, de quem Malaca recebia a maior sujeição. Estava a ponto de partir sem ter declarado o seu segredo, quando

a noticia da chegada d'um seu successor rompeu todas as suas medidas.

El-Rei D. João III., tinha fallecido; e toda a felicidade d'um Reino tão florescente, qual era então Portugal, morreu com elle. Pai infeliz, posto que mui venturoso em tudo o mais, de nove filhos que havia tido da Rainha Catharina d'Austria, não lhe ficava para herdeiro do Throno, senão D. Sebastião seu filho pósthumo, que ficava ainda no berço; menino que em consequencia das tragicas aventuras, que o tornaram o mais infeliz Principe do Mundo, procurou a ruina de sua casa, e a do seu Reino.

A morte de El-Rei D. João III. teve lugar na noute de 11 de Junho de 1557, e no dia 14 foi a Rainha D. Catharina, avó do Principe D. Sebastião, jurada, e reconhecida como Regente do Reino, e Tutora, e Curadora de seu neto, a qual associou a Regencia ao Cardeal Infante D. Henrique, lavrando-se de tudo um auto solemne na mesma data, e a 16 foi o Principe acclamado Rei, tendo de idade trez annos, e quasi cinco mezes (*)

Um dos primeiros actos d'esta Regencia, foi a nomeação de D. Constantino de Bragança, Principe de sangue, para Vice-Rei da India, o qual chegou a este Estado no anno de 1558, e logo começou a exercer o seu cargo, voltando Francisco Barreto para Portugal.

---

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião, Tom. 2.° Liv. 2.° Cap. 3.°*

## CAPITULO VII.

### ANNO DE 1538 ATE' 1561.

*Paio de Noronha vai tomar posse do governo de Cananor, e porta-se alli com menos justiça. D. Constantino faz partir para alli uma esquadra. Acontecimentos de Cambaya. O Vice-Rei vai a Damão, e toma a respectiva fortaleza. Antonio Moniz Barreto vai combater o General inimigo, que se retirára da mesma fortaleza, e alcança victoria. Conquista da Ilha de Balzar. O Vice-Rei depois de haver regulado as cousas de Damão, volta a Gôa. Guerra em Cananor. Luiz de Mello, que alli se achava com uma esquadra, sustenta a honra de nossas armas: queima depois a Cidade de Mangalor, e destróe uma frota inimiga. Volta*

*a Gôa, é prezo pelo Vice-Rei, e solto depois por elle mesmo em pessoa. Luiz de Mello é mandado novamente a Cananor, e alcança uma insigne victoria contra um poderoso exercito inimigo. Combate entre algumas tropas do Gram Senhor, e as nossas, no qual morre D. Alvaro da Silveira. Successos do Reino de Jafanapatão, onde o Vice-Rei vai com uma poderosa armada. Que faz o Vice-Rei a uma reliquia pagã, encontrada nos thesouros do Rei de Jafanapatão. E' ferido Luiz de Mello n'um combate a favor do Rei de Cochim. Volta D. Constantino a Gôa. Acontecimentos que tiveram lugar no Brazil. Que faz D. Diogo de Noronha Governador de Damão, para livrar esta Cidade de ser tomada por um inimigo poderoso. Cedemeção, senhor de Surrate, pede soccorro a D. Diogo de Noronha, e depois ao proprio Vice-Rei. Este, envia-lhe uma esquadra. Termina o Vice-Reinado de D. Constantino, sendo este substituido por D. Francisco Coutinho.*

---

D. Paio de Noronha tendo vindo na esquadra do Vice-Rei, com as provisões do governo de Cananor, partiu a tomar posse deste cargo. Como entrasse a haver-se alli menos dignamente, recusando os presentes do Rei respectivo, e dos seus Ministros, e tratando com soberba, e despreso a todos os habitantes, começaram estes a nutrir tanto odio contra os Portuguezes, que os nossos não ousavam sahir para andarem pela Cidade, denotando tudo, que não tardava uma roptura declarada. Chegando isto ao conhecimento do Vice-Rei, cuidou este logo em mandar para alli a Ruy de Mello com cinco navios, e depois a Luiz de Mello da Silva com mais nove, entregando a este ultimo o commando em chefe de todos os ditos vasos.

A este tempo achava-se o Reino de Cambaya dividido de tal modo, por causa da menoridade d'um Rei menino, que além d'uma especie de guerra, que faziam entre si os tutores d'este Principe, haviam alli muitos senhores particulares, que aproveitando-se da desunião dos Chefes, trabalhavam activamente em formarem para si um pequeno Estado independente. Os Reis de Cambaya é que haviam originado este mal; porque, como os peiores soldados do Mundo são os Guzarates, e os Indios, tendo-se chamado uma quantidade immensa d'estes estrangeiros para guardarem o Imperio, estes causavam a sua destruição. D'entre estes estrangeiros os que eram A'rabes, Rumes, Fartaques, Raspoutes, Persas, e Mogoles formavam um só corpo; porém havia outro formado simplesmente de Abexins, que era mais consideravel, e se tinha apoderado das Praças maritimas fortes, nas quaes se havia fortificado.

D. Affonso de Noronha, e depois d'elle Barreto, quizeram aproveitar-se d'esta conjunctura, para procurarem adquirir Damão, e o seu territorio, não só por causa da utilidade, e visinhança de Baçaim, porém ainda para remediar a necessidade de muitos fidalgos pobres, por quem destribuiriam estas terras, que eram excellentes.

Barreto tentou a este respeito o ânimo dos Ministros da Côrte de Cambaya, á qual enviou uma solemne embaixada, para requerer a mencionada Cidade, e as terras que lhe pertenciam, offerecendo em troca d'esta doação metade das rendas das Alfandegas de Dio, donde Diogo de Noronha expulsára Abix-Cão. Esta proposta, posto que vantajosa, não foi comtudo então acceite; pois que a Côrte de Cambaya cedia Damão, mas não o seu territorio, nem as suas Alfandegas.

Decidira-se D. Constantino a obter pela força, o que

os seus dous antecessores não tinham podido alcançar por vontade; e parecendo-lhe a occasião mui propria para obrar, embarcou-se n'uma esquadra com dous mil homens de tropa, e foi surgir na barra de Damão, no principio de Janeiro de 1559. Os Abexins, que estavam informados de antemão dos desiguios do Vice-Rei, tinham-se reunido em numero de 4,000 homens, debaixo do commando de trez dos seus principaes Officiaes. Haviam levantado algumas fortificações, e feito provisões para trez, ou quatro mezes, resolvidos a defenderem-se até entrar o mez de Abril, confiando em que o inverno obrigaria a nossa frota, a retirar-se para diversos pórtos.

Depois de D. Diogo de Noronha ter sondado a barra, mandou o Vice-Rei desembarcar a tropa dividida em cinco columnas, entregando o commando da vanguarda a Noronha. Concluido o desembarque, sem a menor resistencia, marcharam as forças em ordem para a Cidade, que acharam inteiramente dezerta. A vista da nossa esquadra tinha causado um terror tal, que ninguem teve o valor de a esperar. E' verdade, que Cid-Bofata Commandante da fortaleza, praticou o contrario; porém tendo descoberto que os nossos tinham intelligencias secretas na praça, fez procurar os culpados, e cortar a cabeça a cinco, retirando depois para os campos com receio d'alguma traição.

Entraram os nossos na Cidade, e Manuel Rolin arvorou n'ella o seu estandarte; o qual sendo visto pelo Vice-Rei, logo este entrou pelo canal, salvando toda a nossa artilheria. D. Diogo de Noronha, que por respeito a D. Constantino, não havia querido entrar na fortaleza, foi recebêl-o ao desembarque, dizendo-lhe: «Que a sua sombra «vencia os seus inimigos; porém, que estava desgostoso, «que uma tão bella victoria lhe custasse tão pouco.» O

Vice-Rei logo que entrou na praça, agradeceu a Deus o tel-o feito senhor d'ella sem perca d'uma vida, e fez benzer depois uma Mesquita, á qual deu o nome de N. Senhora da Purificação, em me moria d'aquelle dia.

Achava-se o General inimigo acampado em Parnol, a duas leguas de distancia da Cidade, donde todas as noutes fazia correrias até ás suas portas; e isto não só causava muita inquietação aos nossos, obrigando-os a estar sempre á lerta, mas até impedia que os naturaes do Paiz voltassem para suas casas, segundo era bem preciso. Antonio Moniz Barreto foi-o alli atacar com 120 homens, e conseguiu expulsal-o do ponto que occupava, por isso que tendo mandado tocar muitos tambores, e trombetas logo no principio do ataque, e sendo este dado de noute, fez persuadir os Abexins, de que lhes cahiam em cima todas as forças do Vice-Rei. Apenas rompeu o dia, conheceram os inimigos quão pouca gente os havia feito fugir, e envergonhando-se de similhante cobardia, voltaram a querer retomar o perdido pôsto.

Barreto sustentou o primeiro ataque com o favor dos intrincheiramentos, que já havia construido, até que sendo soccorrido por mais 380 homens, desbaratou o inimigo causando-lhe a perda de 500 vidas, e voltou para Damão carregado de immensos despojos, em cujo numero entraram 35 peças de artilheria de bronze, e algumas carradas de moedas de cobre.

Como a Ilha de Balzar, que é situada na visinhança, fosse considerada como um ponto necessario para a segurança da praça conquistada, mandou D. Constantino marchar contra ella alguma tropa, commandada pelos dous irmãos D. Pedro, e D. Luiz de Almeida, seguindo-os elle mesmo com alguma força. Tanto a Ilha como a fortaleza foram

occupadas sem o menor custo, pois que os nossos as encontraram abandonadas.

D. Constantino deixou alli por Commandante a Alvaro Gonçalves Pinto com 120 homens, e alguma artilheria, e voltou logo para Damão. Aportando aqui, tratou de mandar edificar uma fortaleza, repartiu as terras, fez concessões, e deu ordem a todas as cousas, conforme o estabelecido nas praças regulares. O respectivo governo foi confiado a D. Diogo de Noronha, entregando-se-lhe uma guarnição de 1,200 homens, sendo estes commandados por cinco Capitães, que se encarregaram de sustentar os soldados. Depois d'isto fez-se o Vice-Rei á véla, e tornou para Gôa.

Em quanto que as cousas se nos tornavam tão favoraveis, pelo lado de Damão, achava-se a guerra declarada em Cananor. Um marinheiro d'um navio Portuguez alli chegado, tendo hido á Cidade para comprar alguma cousa, não sabendo o máu ânimo em que alli estavam contra nós, foi aprisionado pelos Mouros. Apenas Luiz de Mello o soube, mandou immediatamente bombardear a casa do Ada-Raia Ministro do Rei, e o Bazar dos negociantes; ao que se seguiu uma violenta escaramuça, vindo os Mouros arregimentados, e em numero de 3,000, até ás trincheiras de fóra da cidadella. Coge-Cemandim, e Ada-Raia mesmo procuraram acommodar as cousas, e o marinheiro preso foi solto; mas os ânimos dos Mouros, não se serenaram de todo.

Como depois deste acontecimento parasse o commercio de ambas as partes, e Luiz de Mello soubesse que estava um navio nas aguas de Mangalor, que pertencia a um Mouro de Cananor, sahiu com as suas embarcações para o aprezar. Os habitantes de Mangalor oppozeram-se a esta

tentativa, e Mello castigou-os tomando-lhe a dita Cidade, saqueando-a, e queimando-a, e passando á espada tudo que alli encontrou, sem distincção de sexo, ou de idade. Mello continuou depois a devastar algumas outras povoações d'aquellas paragens, até que hindo encontral-o treze embarcações inimigas, para o combater, destruiu-as completamente, matando-lhes as tripulações.

Mello, voltou depois d'este ultimo feito para Gôa; mas o Vice-Rei julgando-o criminoso por ter desamparado o seu pôsto, e haver deixado Cananor na precisão que podia ter do seu soccorro, mandou-o prender, e quiz dar o seu cargo a outro. Todos o recusaram, mostrando-se desgostosos com um castigo, que reputavam immerecido. D. Constantino conheceu a final, que commettêra um erro, e resolveu-se a reparal-o, hindo elle em pessoa soltar o preso, que accumulou de agrados, e enviou novamente a Cananor com maiores reforços, e grandes mostras de distincção.

Este soccorro era mui necessario, porque D. Paio de Noronha achava-se em grande embaraço. Todos os Mouros do Malabar se haviam colligado para fazerem um grande esforço. Tanto que Mello chegou, foi avisado pelos espias, que tinha na Côrte do Rei de Mangalor, de que vinham atacal-o: o aviso foi certo. Os Mouros assaltaram as trincheiras, que defendiam o exterior da Cidadella no circuito das quaes estava o convento de S. Francisco, e muitas casas, de que se compunha a povoação. O combate começou ás quatro horas da manhã, e durou até ás quatro da tarde: as trincheiras foram franqueadas, os atalhos vencidos, e em toda esta acção, que foi uma das mais gloriosas para os Portuguezes, obraram estes mil prodigios de valor; tanto assim, que sendo elles apenas 500, com Luiz de Mello á sua frente, e subindo o numero dos Mouros a

100,000, conseguiram vencer estes, matando-lhes 15,000 homens, não perdendo elles mais de 25.

O Gram Senhor, havia sentido muito a perda das suas galeras, e o desastre succedido a Alechelubi; desastre, que já descrevemos no capitulo anterior. Entre tanto, um homem de valor, e de intelligencia se offereceu a este Principe, para o fazer senhor da Ilha de Baharem, e de pôr as suas galeras em segurança. Solimão acceitando esta offerta, partiu o offerente para Baçorá. Chegado aqui aprom-ptou 2 galeras, e mais 70 embarcações, embarcou 1,200 homens escolhidos, e foi pôr cêrco defronte da fortaleza de Baharem. Rais Morad genro de Rais Noradim, Ministro do Rei de Ormuz, e que alli commandava, avisou logo o seu Soberano, e a D. Antonio de Noronha, que governava pela segunda vez a nossa fortaleza de Ormuz.

D. Antonio enviou logo um soccorro de viveres, e de munições debaixo da conducta de D. João de Noronha, filho natural de seu irmão; e fez partir algumas embarcações para avisar D. Alvaro da Silveira, que tinha ordem de D. Constantino de cruzar junto de Ormuz, na sua volta da expedição do Mar Roxo. D. João perdeu a occasião de tomar as duas galeras Turcas, em consequencia de ser mal aconselhado por seus Capitães. Porém D. Alvaro chegou, e aprezou as ditas galeras, tirando aos Turcos toda a esperança de voltarem. Silveira, e Morad ajustaram entre si não dar batalha ao inimigo, entendendo, que conviria mais cansal-o cortando-lhe os viveres. Este acôrdo era mui prudente; porém a insubordinação das tropas impediu-lhe os effeitos. Estas amotinaram-se, insultaram o General chamando-lhe fraco. Ao mesmo tempo chamaram traidor a Morad, e obrigaram ambos a dar uma acção contra sua vontade. Uma tal desobediencia teve um resultado desgraçado, pois que D. Alvaro de haver combatido valente-

mente, recebeu muitas feridas, e foi morto pelos Turcos, que lhe cortaram a cabeça: igual sorte tiveram depois mais sessenta Portuguezes! Morad, que não tinha cedido em valor aos nossos, reuniu os soldados, que andavam espalhados, e retirou-se com elles para a fortaleza.

Era então Rei do Jafanapatão um tiranno, inimigo jurado do nome Christão, e que tendo muitas vezes banhado as mãos no seu proprio sangue, matou traiçoeiramente o Rei de Culumbo, que de tempo immemorial era alliado, e amigo dos Portuguezes. D. Constantino logo que soube este funesto acontecimento, resolveu vingar não só a morte deste desgraçado Monarcha, como tambem as crueldades que aquelle assassino praticára com os Portuguezes, e habitantes da Ilha de Manar, que El-Rei de Portugal tomára debaixo da sua protecção. Para este fim partiu de Gôa em 1560 com uma esquadra consideravel, a qual, teve suas demoras por causa dos ventos contrarios, até que aportou á Ilha de Ceilão, onde existe situado o Reino do Jafanapatão. Desembarcadas que foram as nossas forças, marcharam ellas em direitura á Capital do mencionado Reino, que depois de vigoroso assalto tomaram, e saquearam, passando parte de seus habitantes á espada, e mettendo a outra em ferros.

O Rei vencido fugiu para os matos, pedindo perdão depois ao Vice-Rei, e implorando-lhe a paz com as condições que quizesse impor-lhe. D. Constantino conveio n'isto, e foram aquellas, que o Rei de Jafanapatão, como vassallo, e tributario de El-Rei de Portugal, render-lhe-hia homenagem pagando lhe annualmente certo tributo. Em segundo lugar, que de nenhuma maneira procederia contra os seus vassallos, que quizessem abraçar a Religião Catholica, antes o deixaria viver em paz; e finalmente, que cederia á Corôa Portugueza a Ilha de Manar. Accei-

tas estas condições, metteu-se o Vice-Rei de posse da dita Ilha, onde mandou edificar uma fortaleza, que guarneceu sufficientemente, dando o seu governo a Manuel Coutinho; depois, tendo deixado alli dez embarcações bem armadas, para limparem os mares visinhos, dos corsarios, fêz-se na volta de Gôa.

Entre todas as perdas que o Rei de Jafanapatão teve n'esta guerra, nenhuma sentiu tanto como a de um dente de certo macaco branco, que elle possuia, e que era tido como cousa divina entre a maior parte dos Principes Indianos, que acreditavam ter sido antigamente este macaco um grande Deus, e que se chamára Hanimante. Informado pois o Rei de Pegû, de que esta reliquia Idólatra parava em poder de D. Constantino, e de que este a trouxera para Gôa, mandou pedir-lhe por um Embaixador, que lha vendesse, offerecendo por elle 300:000 escudos, parte em ouro, e parte em fazendas. Viu-se o Vice-Rei sobre maneira embaraçado; porque a somma offerecida podia servir-lhe para alguma nova expedição, e outros objectos do serviço; mas os clerigos, monges, e religiosos sustentavam ser este procedimento contrario á Religião, e que era offender gravemente a Deus, o concorrer assim para a Idolatria dos Indios.

Sobre isto fez-se um conselho geral das principaes pessoas da nobreza, Officiaes superiores, e todas as ordens ecclesiasticas, presidido pelo Arcebispo de Gôa D. Gaspar. Discutida a questão por largo tempo, decidiu a maioria, que se não entregasse o referido dente ao Rei de Pegû. Em seguida, mandou o Vice-Rei buscar o dito monumento pagão, mostrou-o a todos os assistentes para que vissem que era o mesmo, que trouxera da Ilha de Ceilão, mandou-lhe tirar todas as joias com que estava enfeitado, que eram rubins, e çafiras pequenas, mas de

grande valor; depois fazendo trazer alli um brazeiro de carvões acesos, e um almofariz, metteu-o n'este por sua propria mão, e mandou-o pizar, e reduzir a pó na presença de todo o conselho. Feito isto lançou os pós no lume, e ficou d'esta maneira redusido a nada este ôsso, que tantos seculos havia sido o objecto da adoração da maior parte dos Indios.

Havia muitos annos que os Francezes, e Inglezes frequentavam as Costas do Brazil, sobre tudo do Cabo de Santo Agostinho para o Norte, em que faziam um trafico vantajoso, comprando a troco de bagatellas aos Indios o pau Brazil, que era de grande preço na Europa. (*) De todos os aventureiros, que a cubiça attrahiu áquelles Paizes, de que ainda se não conheciam as riquezas, o mais capaz de organisar uma Colonia era o Francez Nicoláo Durane de Villegagnon, Cavalleiro da Ordem de Malta, soldado valente, e habil marinheiro.

N'uma viagem que fez ao Rio de Janeiro, procurou Villegagnon ligar correspondencias com os Indios Tamoios, que habitavam o Paiz, e tambem escolher local para lançar os fundamentos de uma Colonia. Voltando a França, obteve do Henrique II., pela protecção de Coligny, trez grandes navios, em que se embarcaram muitos aventureiros bem nascidos, e alguns artistas, e soldados. Partiram estas trez embarcações do Havre de Grace em 1556, mas tendo que arribar a Diepe, por causa de ter uma d'ellas abrido agua, desertou-lhes muita da gente que levavam, em quanto se reparava a avaria. Sahiram finalmente d'aquelle porto, e chegaram ao Rio de Janeiro, onde Villegagnon projectou primeiro estabelecer-se n'uma Ilhota

---

(*) *Rocha Pita. Historia da America Liv. I.*

de pedra, denominada a *láge*, que está na entrada d'aquella magnifica Bahia; porém mudou-se depois para outra situada mais dentro do canal (a Ilha de Villegagnon), que tem quasi uma milha de circumferencia, uma praia de areia pouco extensa, cercada em roda de penedos, e sem agua. Villegagnon fortificou dous môrros, que dominavam o resto da Ilha, e formou no centro d'ella em uma rocha mais alta um armazem cavado na pedra. Esta fortificação tornou-se respeitavel, e chamou-se forte de Coligny. Este Almirante tendo sido avisado por Villegagnon das grandes riquezas d'aquelle Paiz, e parecendo-lhe que seria mui facil crear alli uma Colonia, que fosse vantajosa ao commercio da França, e servisse de refugio aos Calvinistas perseguidos na sua patria, dos quaes era zeloso protector, aprestou um soccorro á custa do Estado, composto de trez navios com trezentos homens, quasi todos aventureiros. O commando da expedição foi dado a Bois le Conte, sobrinho de Villegagnon, que levava comsigo dous Sacerdotes Calvinistas, e que na sua viagem roubou todas as embarcações que encontrou, sem distincção de bandeira.

Este reforço poderia fazer, que Villegagnon conservasse a dita Colonia, se as suas vistas coincidissem na realidade com as de Coligny, como até alli figurára; mas começou a tirannisar tanto os seus companheiros, que um grande numero d'estes voltou para França Quatro annos comtudo se conservou elle na posse da mencionada Ilha, donde não se aventurava a entender-se muito pelo continente, com receio dos Tamoios antropófagos, apezar de viver com elles em boa harmonia, e por ultimo partiu para França com a intenção de obter uma esquadra para commetter novas empresas, mas na sua ausencia mudaram inteiramente as cousas.

A Regente de Portugal, reconhecendo o perigo que

ameaçava o Brazil, se deixasse estabelecer no Rio de Janeiro uma Colonia Franceza, mandou ordens a Mendo de Sá, Governador Geral d'aquellas vastas Regiões, para que destruisse o estabelecimento nascente, e enviou-lhe para esse effeito uma pequena esquadra commandada por Bartholomeu de Vasconcellos, que chegou á Bahia em 30 de Novembro de 1559. Poz o Governador em conselho o modo de executar as determinações da Regente, e a 16 de Janeiro de 1560 sahiu da Bahia com as embarcações vindas do Reino, e alguns navios, e caravelas da Cidade, em que embarcou muitos soldados disponiveis, e foi correndo os portos do Sul, dos quaes tirou alguma gente voluntaria, e mantimentos, até chegar á barra do Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro, onde esperou algum tempo pelos soccorros, que mandára pedir a S. Vicente, e que effectivamente recebeu.

Os Francezes conservavam ainda na Ilha 70 homens da sua Nação, e 40 guarnecendo um navio, que abandonaram logo que uma galé nossa o atacou, recolhendo-se elles ao forte, como fizeram alguns outros, que andavam em terra: tinham além d'esta gente 1,000 frecheiros Indios, e alguns espingardeiros recolhidos no mesmo forte. Reconhecida a Ilha pelo Governador, Commandante da esquadra, e mais Officiaes superiores, a todos pareceu mui difficultosa a empresa, e que era mais prudente offerecer uma honrada capitulação aos inimigos; esta offereceu-se, mas os Francezes regeitaram-na com desdem.

O ataque começou a 15 de Maio, batendo as fortificações de um lado, e jogando do outro contra ellas uma bateria construida na pequena praia, que lhe servia de porto. A este fogo responderam os defensores com vantagem, e depois de dous dias de inutil bombardeamento, por serem obras abertas na rocha, mandou o Governador dar um

assalto, no qual os nossos se portaram com tal valor, favorecidos pelo casual incendio do armazem da pólvora, que os inimigos abandonaram o forte, fugindo de noute nas suas canôas todos os que escaparam das chammas, e do ferro. Tomada a Ilha, mandou o Governador arrazar as fortificações, e voltou para a Bahia, fazendo antes uma digressão á Ilha de S. Vicente.

A este tempo corria Damão um grande perigo, por causa d'um inimigo bastante poderoso. Madre-Maluco, um dos tutores do pequeno Rei de Cambaya, tendo concebido um desmedido ciume contra Ithimitição, que estava de posse do Monarcha, projectou desthronar o seu mesmo Soberano. Antes porém de se declarar, quiz apoderar-se de Damão, que o seu competidor nos tinha cedido contra o seu voto. D. Diogo de Noronha, foi avisado muito a tempo d'este projecto; e como se não julgava com forças sufficientes para poder resistir a similhante perigo, concebeu o designio de se livrar d'elle por via d'um artificio. Era elle amigo de Cedemecão filho do famoso Coge Çofar, e cunhado de Madre-Maluco, e poz logo em prática as maiores diligencias para persuadir ao mesmo Cedemecão: « Que todos os preparativos que seu cunhado « fazia, eram para o despojar da posse de Surrate, de « que era Senhor. E que para provar o que lhe dizia, lhe « affirmava, que Madre-Maluco havia fingir querer Damão, « que passaria por casa d'elle, e lhe pediria um grosso « basilisco, que tinha para bater a praça, porém, que apenas o alcançasse, o apontaria contra Surrate, e o obri- « garia a entregar-lhe esta Cidade. »

D. Diogo serviu-se para segurar este ardil d'um Portuguez por nome Diogo Pereira, e d'um Judeo chamado Coge-Abraham, ambos habeis, e amigos de Cedemecão. Era verdade, que Madre-Maluco havia tido a idéa de se

apoderar de Surrate, mas tinha sido desviado d'isso por sua mulher, filha de Coge-Çofar. Cedemecão meio convencido dos maus intentos de seu cunhado, viu-o chegar com toda a desconfiança, que lhe haviam inspirado, e sahiu-lhe ao encontro com toda a dissimulação possivel. Augmentando-se-lhe muito esta desconfiança, com o pedido do basilisco, tratou ainda mais de encubrir suas suspeitas, e prometteu-lhe tudo, convidando-o a ceiar, e aos Officiaes do seu exercito, o que todos acceitaram com muito gosto, porque como se estava no tempo do Ramadam, achavam-se ainda em jejum. Cedemecão foi cuidar em fazer apromptar tudo; e logo que chegou Madre-Maluco com os outros convidados recebeu-os n'uma salla muito bem adornada, com todas as demonstrações de amizade, e de civilidade. Tendo-os assim todos em seu poder, sahiu por uma porta, pretextando que tinha d'isso precisão, em quanto fez entrar por outra 200 pessoas bem armadas, que degoláram a quantos estavam na mesma salla. Logo no outro dia, e antes que esta noticia transpirasse, Cedemecão foi cahir sobre as tropas de seu cunhado, as quaes vendo-se sem Chefes, e sendo atacadas de sûbito, foram immediatamente desbaratadas, e abandonando ao perfido vencedor todos os thesouros do seu infeliz parente.

Chinguis-Cão, filho de Madre-Maluco, mancebo que possuia todo o merecimento de seu pai, e o valor de Çofar seu avô, apenas soube d'esta horrivel traição não pensou senão na vingança; e reunindo os seus soldados fugitivos, veio pôr cêrco a Surrate. Cedemecão vendo-se mui apertado, reccorreu a Noronha, que o soccorreu com dez embarcações, commandadas por Luiz Almeida de Távora, cujas instrucções consistiam em elle se portar de maneira, que os sitiantes, e sitiados julgassem que elle os tinha vindo favorecer. Este fingimento aproveitou, e nenhum d'elles poude penetrar a má fé de D. Diogo. Alucão, um dos tu-

tores do moço Rei, logo que lhe constou a morte de Madre-Maluco acommetteu-lhe as terras, e apoderou-se da Cidade de Veredora. Chinguis-Cão obrigado a oppôr-se aos triumphos d'este novo contendor, fez pazes com Cedemecão, achando-se D. Diogo doente de cama d'uma doença, da qual morreu d'ahi a pouco tempo.

Chinguis-Cão tendo vencido o seu novo inimigo, tornou a accommetter Surrate com maiores forças, tendo unido ás suas tropas as de dous Principes Mogolos, que se tinham refugiado em Cambaya, e que alli faziam tambem a sua figura com os outros estrangeiros. Cedemecão recorreu novamente a D. Constantino, ao qual offereceu a entrega de Surrate, que não podia guardar contra tão poderosos inimigos. O Vice-Rei enviou-lhe logo D. Antonio de Noronha com 14 navios, aos quaes se reuniram os 21 com que Sebastião de Sá havia partido para Baçorá. Noronha, e Chinguis-Cão não desejavam combater-se, e queriam ficar amigos; porém os Principes Mogolos, que morriam de inveja de se medirem com os Portuguezes, travaram com estes uma acção em que ficaram vencidos. Noronha, em consequencia d'esta nossa victoria, quiz que se lhe entregasse a fortaleza, segundo o ajuste que se fizera; porém Cedemecão espaçou essa entrega. Julgou-se que elle o fazia de caso pensado, por querer retractar a sua palavra: na verdade elle não era culpado, e até correu risco de ser morto pela sua guarnição, que começava a ter snspeitas d'elle; e estas cresceram até tal ponto, que Cedemecão teve que sahir secretamente de Surrate, e fugir. Seus subditos resolveram comtudo defender-se, e collocaram á sua frente Caracem cunhado do mesmo Cedemecão. Noronha capacitado de que a entrega, que exigia, não se podia effeituar, regressou a Gôa.

D. Constantino desgostoso de perder esta occasião de

tomar Surrate, prendeu Noronha, logo que este se lhe apresentou; mas não tardou que melhor informado do caso, o soltasse, dando-lhe grandes satisfações. Cedemecão tendo conseguido passar á Côrte de Cambaya, foi alli bem recebido, e consolado na sua desgraça; porém Chinguis-Cão que tinha sempre sobre o coração a morte do pai, fez com que alli mesmo o assassinassem. A final, ficou Caracem senhor de Surrate.

Corria o anno de 1561, quando D. Constantino tendo completado trez de Vice-Reinado, foi rendido no dia 7 de Setembro por D. Francisco Coutinho Conde do Redondo. Este tomou immediatamente posse do cargo, e o seu antecessor voltou para Portugal em a náu Chagas, que construíra á sua custa.

## CAPITULO VIII.

### ANNO DE 1561 ATE' 1565.

O Conde Vice-Rei, despacha os navios de carga para o Reino. Partem duas frotas para o estreito de Meca. Atacam os Abexins a praça de Damão, e são derrotados pelos nossos. Parte o Conde Vice-Rei de Góa com uma armada poderosa, e vai ancorar n'um dos portos do Çamorim. Manda Domingos de Mesquita com trez embarcações para a Costa do Malabar. Moley Abdalá sitía a praça de Mazagão. Esta é soccorrida, e o inimigo levanta o cérco depois de haver soffrido grande perda. Acontecimentos que tem logar no Brazil. A nossa guarnição de Ceilão, acha-se em risco de perder esta Ilha. Morre o Conde Vice-Rei. Suc-

*cede-lhe João de Mendonça. Este recebe uma embaixada do Çamorim. Consequencias d'esta embaixada. Mesquita porta-se muito mal no Malabar. Volta para Gôa. D. Antão de Noronha chega do Reino, revestido da dignidade de Vice-Rei. João de Mendonça entrega-lhe o governo, e regressa a Portugal. Vai uma armada nossa ajudar os Hespanhoes a reconquistar uma praça, que os Mouros lhe haviam tomado. Sahe de Lisboa uma expedição para o Rio de Janeiro, e alcança aqui uma importante victoria contra os Francezes.*

Era D. Francisco Coutinho homem de qualidade, e mui capaz para a guerra, e para a paz: pussuia genio jovial, e passava por mui sentencioso. Apenas tomou posse da governança da India, cuidou logo em despachar os navios de carga para o Reino, partindo n'elles Sebastião de Sá, D. Antonio de Noronha sobrinho do ex-Vice-Rei D. Affonso, e D. Antonio de Noronha Catarras. Em seguida a isto fez partir para o estreito de Meca duas pequenas frotas, com ordem de persiguirem as galeras de Zafar. D. Francisco de Mascarenhas, que commandava a primeira d'ellas, que se fez de véla, faltando-lhe a occasião de bater o inimigo, navegou para a Costa do Malabar, onde cruzou trez mezes com pouca felicidade. A segunda commandada por Jorge de Moura, não fez mais do que queimar um navio no Achem vindo do mar Rôxo, e que estava guarnecido de 50 peças de bronze, tendo quinhentos homens de equipagem.

Damão, achou-se ainda exposta a novas inquietações da parte dos Abexins. Cid-Meriam, que os commandava,

veio apresentar-se defronte da praça com 800 cavallos, e 1,000 homens de pé. Garcia Rodrigues de Távora Capitão mór da praça, sahiu a encontral-o, e peleijou-se de ambas as partes com valor. Um religioso Dominico destinguiu-se muito em animar as tropas; e já a victoria se declarava pelos nossos, quando o General inimigo mandou desafiar o Capitão mór para um combate singular, sendo preciso que este fosse rogado para acceitar o cartel. Achando-se os dous contendores no campo, correram um para o outro com as lanças enristadas com garbo. O Abexim foi deitado fóra dos arções logo ao primeiro golpe, e Rodrigues cahiu depois d'elle por causa do choque dos cavallos. Os dous campeões ergueram-se immediatamente, e peleijaram por muito tempo com igual vantajem; até que um soldado nosso terminou o combate, matando o Abexim com uma lançada. Logo que o exercito inimigo viu morto o seu General, entrou a retirar desordenadamente, deixando sobre o campo da batalha muitos mortos, prisioneiros, e despojos.

Posto que o Çamorim fizesse logo a paz, houveram sempre novos motivos para se renovar a guerra, pela facilidade com que elle prestava aos Mouros armamentos, de que o faziam responsavel. O Conde Vice-Rei, que não tinha tido ainda occasião de se lhe mostrar de uma maneira, que se fizesse temido, pôz no mar uma armada de 150 embarcações, na qual embarcou 4,000 homens, e dirigiu-se a um porto onde o mesmo Çamorim se achava. Depois de o haver brindado com um rico presente, e de o ter atemorisado com o estrondo de muitas salvas de artilheria, voltou para Cochim, sem fazer nenhuma outra cousa.

Como alguns paráos Malabares de Calicut corressem n'esta occasião sobre um soccorro mandado a Cananor, pelo

Vice-Rei, queixou-se este ao Çamorim, o qual lhe respondeu friamente: «Que elle não era responsavel das cul-«pas, que podiam commetter alguns vassallos desobedien-«tes; que os podiam apanhar, e punir.» O Vice-Rei pouco satisfeito com tal resposta, sabendo ao mesmo tempo, que mais de 80 fustas Malabares se dispunham a partir para o Reino de Cambaya, com passaporte Portuguez, commetteu a Domingos de Mesquita a empresa de as queimar. Mesquita partiu effectivamente com trez embarcações, e hindo collocar-se na paragem de Carapatão, conseguiu aprezar 24 das ditas fustas, por diversas vezes. Quando as tomava, fazia passar a gente para os seus navios, mettia os barcos a pique, mandava cortar a cabeça aos homens, ou enforcal-os, e fazendo-os amortalhar nas vélas das suas embarcações, deitava-os assim ao mar. Esta conducta atroz, renovou aos olhos dos habitantes de Cananor o terrivel espectaculo, que lhe havia dado n'outro tempo Gonçalo Vaz de Goes, e teve ainda peiores consequencias que então tivera, como logo diremos.

No dia 4 de Março do anno de 1562, apresentou-se diante da praça de Mazagão Muley Hamet, filho de Muley Abdalá, Rei de Féz, e Marrocos, com um exercito de 150,000 homens. (*) Achava-se governando a praça Ruy de Sousa de Carvalho, na ausencia do Governador Alvaro de Carvalho, seu irmão, e havia alli unicamente 2,400 homens de pé, e mui poucos de cavallo, bem como grande falta de viveres, e munições. Logo que a Regente de Portugal teve noticia d'esta aggressão, tratou com a maior actividade de prevenir os soccorros necessarios: mandou comprar munições de guerra a Flandres, e fez conduzir

(*) *Memorias de El-Rei D Sebastião Tom.* 2.° *Liv.* 1.° *Cap.os* 4, 6, *e* 7.

outras da Ilha da Madeira, e da Andaluzia. Alvaro de Carvalho embarcou logo para Mazagão com muitos fidalgos e sessenta cavalleiros da sua praça, que se achavam na Côrte. Francisco Portocarreiro partiu com 100 homens; Jorge Mendes de Faria com 60; Francisco da Cunha com alguns seus parentes, e outra muita gente. Os maritimos de Lagos, e Tavira mandaram 40 homens; Luiz de Castro, rico negociante, levou 100; Jorge da Silva enviou 80; João Cabral, e João Rodrigues de Torres condusiram 100; e Vasco Fernandes Homem, maior numero; assim como D. Antonio Lobo, e Luiz de Faria; e João de Teive levou 25. Foi toda esta gente transportada á custa dos que a condusiam, e era tal o valor, e boa vontade, com que todos se offereciam para soldados, que moços de quatorze annos se embarcavam furtivamente, e o mesmo praticou Simão Sodré, fidalgo octagenario, a quem a Regente ordenára, que não fosse. Os officiaes mecanicos de Lisboa concorreram com 1,000 homens pagos á sua custa; e os moedeiros com 80. Este primeiro comboi, que partiu a 20 de Março, e chegou a 28, levava grande quantidade de viveres, munições, boticas, e quanto pareceu que seria necessario a uma praça sitiada.

No principio de Abril expediu a Regente a Antonio Moniz Barreto, Pedro de Goes, e Gaspar de Magalhães, Official que se havia distinguido muito nas guerras de Italia, e França, com 250 bons soldados, e algumas munições de guerra; e nomeou Vasco da Cunha, e seu irmão Christovão da Cunha para servirem de Conselheiros a Alvaro de Carvalho; e para Engenheiros a Isidoro de Almeida, e Francisco da Silva.

Em seguida a estes soccorros partiu outro de 2,000 homens, em que se contavam muitas pessoas de distincção, o qual chegou pouco antes do primeiro assalto, que os Mou-

ros deram á praça a 24 de Abril; e a 30 do mesmo mez entrou outro reforço de sete navios carregados de munições, e com 250 soldados commandados por Francisco Henriques, que desembarcou na occasião em que os inimigos davam outro furioso assalto, e poude ainda assistir á acção. Nos dias seguintes chegaram successivamente mais navios com reforço de gente, e munições; mas a 7 de Maio levantaram os Mouros o cêrco com perda de 20,000 homens!

Neste mesmo anno, (*) estava a Capitania do Espirito Santo sendo assolada pelos Indios Goianezes, e Tupiniquins; o que sendo sabido pelo Governador Geral do Brazil Mendo de Sá, mandou este áquelle ponto um soccorro de navios, e soldados da Cidade da Bahia, entregando o commando d'esta expedição a seu filho Fernando de Sá, mancebo de grandes esperanças. Chegando este ao rio de Quiricaré, desembarcou, e encorporado com os Portuguezes, que lhe mandára Vasco Fernandes Coutinho, atacou os Indios, que facilmente rompeu na primeira carga. Mas crescendo demasiadamente o numero dos inimigos, retirou Fernando de Sá para os navios, o que se fez com tal desordem, que Sá foi aprisionado com muitos dos seus, e todos mortos.

No anno de 1563, sendo ainda Vice-Rei da India D. Francisco Coutinho, construiu Estevão de Sá um forte em Amboine, cujo dominio havia sido cedido a El-Rei de Portugal. Vasco de Sá seu sobrinho portou-se alli mal, pois que excitou as armas dos Ilhéos das Malucas, depois de ter armado os de Amboine uns contra os outros. Os nossos comtudo alcançaram vantagens sobre todos.

---

(*) *Noticia do Brazil Cap.* 42.

Na Ilha de Ceilão Madune depois de haver desafiado os Portuguezes, o Rei de Cota, e seu pai Tribuli Pandar dispoz-se a fazer-lhes a guerra. Raju seu filho, desbaratou successivamente a Antonio Pereira de Lacerda, e a D. Jorge de Menezes Baroche; e veio depois sitiar Columbo, e Cota. E posto que Balthazar Guedes de Sousa, lhe fizesse levantar um, e outro sitio, os Portuguezes estiveram a ponto de verem a ruina d'um Rei seu amigo, e alliado, e elles mesmos hiam sendo expulsos da Ilha de Ceilão por um Principe perfido, a quem tinham poupado demasiadamente.

Em Fevereiro de 1564 falleceu o Conde Vice-Rei; governou dous annos e meio, sem ter tido occasião de adquirir gloria, se bem que provasse exuberantemente, que amava a justiça. João de Mendonça, que vinha de governar Malaca, achou-se nomeado para seu successor nas cartas da Côrte, e não teve o governo senão seis mezes. Um novo Vice-Rei estava a caminho para succeder ao Conde de Redondo, cujo praso de governança estava a acabar.

Chegaram por este tempo alguns Embaixadores do Çamorim a queixarem-se das crueldades de Mesquita, e Mendonça deu-lhes a resposta, que sabia estar preparada por D. Francisco Coutinho, com a qual ficaram descontentes, e não souberam o que dissessem. Comtudo, tendo Mesquita chegado então a Gôa, foi mandado prender por Mendonça, o que satisfez um pouco aos mesmos Embaixadores: porém tanto que estes partiram, mandou soltar o preso, e honrou-o muito, como se elle se houvera portado dignamente na sua expedição.

Mendonça tinha um merecimento superior á sua presença, que era pouco vantajosa; exerceu cargos importantes na India, onde podia enriquecer-se, mas sahiu d'el-

la pobre; e muito mais o ficaria, se alli se demorára mais tempo. Isto é bastante para formar o seu elogio.

Mesquita na sua expedição á Costa do Malabar, havia-se portado brutal, e cruelmente, causando alli tanta indignação, e odio contra os Portuguezes, que os Malabares não podiam pensar n'elle senão com horror. Uma mulher de Cananôr, cujo marido rico, e poderoso se tinha encontrado assassinado, desesperou-se tanto com este attentado, que correndo as ruas toda desgrenhada, fallando mais pelas suas lagrimas, e signaes da sua ira, que pelas suas palavras, misturadas de suspiros, revoltou toda a Cidade, já bem disposta a tomar parte na sua justa vingança. Seguida de immensa gente, vôa ao palacio do Rei a pedir-lhe justiça; o povo toma as armas, e corre á nossa fortaleza, e não podendo arrombar-lhe as muralhas, desafoga a sua cólera deitando fogo a mais de trinta embarcações, que estavam debaixo da nossa artilheria.

Tal era a disposição dos ânimos, e o estado das cousas, quando chegou a Gôa D. Antonio de Noronha, que segundo já dissemos, era enviado pela Côrte para substituir D. Francisco Continho, a quem achou morto. Tomou pois o governo das mãos de João de Mendonça, tratando-o com todos os respeitos, e attenções. Mendonça partiu pouco tempo depois para o Reino.

N'este mesmo anno de 1564, resolveu-se Filippe II. Rei de Hespanha a reconquistar o Penhão Velez de la Gomara, Praça forte, que os Mouros lhe haviam tomado por traição, (*) para o que reuniu uma poderosa armada, e um

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião, Tom. 2, Liv. 1, Cap. 1 e 2.*

exercito proporcionado á empresa; e tendo pedido auxilio á Regente de Portugal, mandou esta preparar uma esquadra composta do famoso galião Bota-Fogo, oito galés, e quatro fustas, tudo guarnecido de 1,500 soldados, e 300 cavallos, sob o commando de Francisco Barreto, que levava ás suas ordens como Commandante das galés, seu sobrinho Ruy Barreto.

Partiu Barreto com esta esquadra para Cadiz, em cujo porto se achava com quinze galés D. Garcia de Toledo, Duque de Fernandina, General em chefe d'aquella expedição; e depois de uma conferencia entre ambos, sahiu D. Garcia para Malaga, ponto de reunião de todas as forças de mar, e terra, e Francisco Barreto dirigiu-se a Tanger, e embarcando 200 dos melhores soldados, e alguns Cavalleiros, partiu tambem para Malaga.

Compunha-se o total da armada expedicionaria de oitenta e trez galés, e de mais sessenta galeotas, fustas, e outras embarcações pequenas, sendo muitas d'ellas fornecidas por Portugal, Ordem de Malta, Napoles, Sicilia, Florença, e Saboia, A dita armada sahiu de Malaga a 31 de Agosto, e em trez dias de próspera navegação chegou á vista de Penhão. D. Garcia de Toledo tendo feito conselho com os principaes Officiaes, destacou o Marquez de Estepa a reconhecer o castello de Alcalá, situado em um penhasco sobre o mar, o qual se achou deserto; do que avisado D. Garcia foi surgir em uma enseada já reconhecida, começou logo a desembarcar as tropas, fez occupar o castello por uma companhia de arcabuzeiros, e tratou de guarnecer outros póstos importantes.

N'este tempo chegou Francisco Barreto, e o General Egio commandante das galés da Ordem de Malta, que se haviam atrazado, e se mostraram sentidos de se ter

effeituado o desembarque na sua ausencia: D. Garcia satisfez a ambos com boas razões.

O Penhão era governado por Ferred-Arraes, intrepido renegado, e tinha além da guarnição ordinaria, cem Turcos escolhidos, e viveres, e munições para seis mezes.

Resolveu-se n'um conselho, que para facilitar as operações contra o Penhão, cumpria ganhar a Cidade de Velez, situada a tiro de peça d'aquella praça; em consequencia do que, marchou para ella o exercito a 3 de Setembro, em duas divisões, hindo na vanguarda da primeira toda a Cavallaria, commandada por D. João de Villa Real, para explorar o paiz, que era coberto, e difficil. D. Sancho de Leiva tinha o commando desta divisão, e Francisco Barreto o da segunda, cuja rectaguarda cobria o Conde de Altempo com os seus Allemães.

No alto da montanha de Velez, encontrou a vanguarda a alguns Mouros, que rechaçou; e pouco depois sobreveio um corpo d'elles mais numeroso, que carregou com tanto valor a rectaguarda, que o Conde de Altempo poz em bateria doze canhões para lhe resistir; e reforçado com algumas forças Portuguezas, e Hespanholas, expulsou-os do campo com grande perda, de maneira que não voltaram mais. A Cidade, já abandonada dos seus habitantes, foi occupada pelo exercito auxiliar, e D. Garcia mandou um pequeno destacamento a guarnecer uma torre edificada sobre a montanha de Baba, o qual desalojou d'ella alguns Mouros. Occupados emfim os póstos necessarios para cobrir o exercito, e cortar as communicações aos sitiados, levantou-se uma bateria de doze peças para fazer brexa no castello, que era batido ao mesmo tempo da banda do mar pelo galião Portuguez, e por muitas galés, que faziam

um fogo terrivel, e continuo, com que desmontaram algumas peças inimigas, e derribaram duas torres com um lanço de muralha.

Propoz-se então uma capitulação vantajosa a Ferred; que elle não acceitou; e continuando as baterias o fogo, fizeram os sitiados uma sortida em que foram repellidos, deixando trinta mortos no campo, e levando muitos feridos. Uma outra bateria se construiu depois em um penhasco, que ficava a tiro de mosquete do castello; e vendo os inimigos o damno que recebiam, e o pouco effeito que produziam os seus tiros contra as embarcações, e obras dos sitiantes, abandonaram quasi todos a praça em a noute de 5 de Setembro, passando a nado para a terra firme, cujo exemplo seguiu forçadamente o seu Governador; e os poucos defensores, que restaram por não saberem nadar, abriram as portas aos Hespanhoes, que acharam no castello vinte e cinco canhões, muitos viveres, e munições de guerra.

Ultimada esta conquista, escreveu El-Rei de Hespanha a Francisco Barreto, agradecendo-lhe os serviços relevantes, que fizera, e enviando-lhe o seu retrato em uma medalha de ouro, pendente de uma grossa cadeia do mesmo metal. —

Continuavam os Francezes a assolar a Costa do Brazil, e a estender o seu estabelecimento no Rio de Janeiro; (*) o que sendo sabido pela Regente de Portugal, escreveu esta a Mendo de Sá, ordenando-lhe, que fizesse todas as diligencias para os expulsar d'aquelle porto, e que construisse n'elle uma cidade. Para a execução d'estas ordens,

(*) *Rocha Pita, Liv.* 3.º

mandou-lhe dous galiões bem armados commandados por Estacio de Sá seu sobrinho, o qual chegando á Bahia, recebeu ordens de seu tio para se dirigir ao Rio de Janeiro, em quanto elle não hia em pessoa, aggregando-lhe todas as embarcações, que poude armar, e a tropa disponivel que existia na Bahia.

Partiu Estacio de Sá com o titulo de General do mar, e aportando á barra do Rio de Janeiro, soube por um prisioneiro Francez, que se achavam dentro do porto alguns navios da sua Nação, e que os Tamoios haviam quebrado as pazes, e faziam guerra aos Portuguezes; o que não tardou a conhecer que era verdade, pois que hindo algumas lanchas nossas fazer aguada n'uma ribeira, foi uma d'ellas accommettida por sete canôas, que lhe feriram, e mataram alguns marinheiros. De mais a mais era grande a multidão dos Indios armados, que apparecia nas praias, e canôas de guerra, que bordejavam pela bahia, como para mostrarem a sua ousadia. Estacio de Sá, como visse isto, julgou mais prudente espaçar a satisfação da vingança, para a qual não trazia forças, e navegou para a Villa de S. Vicente. Mandou depois pedir algum auxilio á Capitania do Espirito Santo, donde lhe vieram alguns soccorros de Portuguezes, e Indios; e reforçado igualmente com algumas canôas guarnecidas de Mamelucos, e Indios Christãos de S. Vicente, sahiu d'esta Villa a 20 de Janeiro de 1565.

Aportou á barra do Rio de Janeiro no principio de Março, e desembarcou as suas forças n'uma praia visinha ao Pão de Assucar, onde se fortificou, por lhe parecer o local proprio para isso, e por se poder conservar n'elle até á chegada de seu tio. Foi aqui atacado pelos Tamoios, os quaes apezar do seu grande numero, foram derrotados. Igual sorte experimentaram em um combate 27 canôas suas, contra 10 outras Portuguezas. Os Tamoios voltaram

por fim com 130 lanchas cheias dos seus mais valentes guerreiros, que coadjuvadas por trez navios Francezes bem artilhados, accommetteram furiosamente os nossos intrincheiramentos, e embarcações; porém receberam tal damno do nosso fogo, que voltaram as costas com grande perda de gente, e de Canôas, fazendo o mesmo os Francezes.

Alcançada esta victoria, poude Estacio de Sá enviar alguns destacamentos, que reduziram á sua obediencia as Aldeias visinhas. Setenta e quatro conôas inimigas, foram derrotadas por quatorze das nossas. Passados estes felizes successos, ficou Estacio de Sá no mesmo campo em que alcançára a victoria, esperando a chegada do Governador Geral, a quem Anchieta fôra pedir á Bahia, que se apressasse a vir terminar tão feliz empresa.

## CAPITULO IX.

### ANNO DE 1565 ATE' 1568.

*Vice-Rei D. Antão de Noronha manda soccorrer Cananor. Combate entre uns navios nossos do commando de Paulo de Lima Pereira, e os de um armador Malabar. Este fica victorioso. D. Pedro de Sá e Menezes encontra-se com um outro armador Malabar, combate-o, e ganha victoria. Guerra na Ilha de Ceilão. Raju, filho de Madune, vai assaltar Columbo, e sendo repellido por D. Diogo de Attayde, decide-se a hir sobre Cotta, onde commanda D. Pedro de Atayde. D. Diogo de Attayde, e Jorge de Mello Capitão mór da nossa fortaleza de Manar, vão queimar o acampamento de Raju. Este estando a sitiar Cotta, levanta o cêrco. Revéz*

*acontecido a uma expedição, que o Vice-Rei dirige em pessoa a Mangalor. Esta Cidade é tomada depois pelos nossos, fugindo a Rainha para os montes, e o Vice-Rei regressa a Gôa. E' invadida a Ilha da Madeira por Francezes. Parte para alli uma esquadra nossa a expulsal-os, porém elles já a tem abandonado. Mendo de Sá Governador Geral do Brazil acaba de conquistar o Rio de Janeiro, e funda alli uma Cidade. Vai o Rei do Achem sitiar Malaca; e depois de haver soffrido bastantes perdas, levanta o cêrco. O Vice-Rei decide-se a castigar os Indios Idolatras de Salsete, e manda alli uma expedição. D. Antão de Noronha entrega o governo nas mãos de D. Luiz de Attayde Conde de Atouguia, retira-se para Portugal, e fallece na viagem.*

---

Ôra D. Antão de Noronha informado do estado melindroso, em que se achavam as cousas de Cananor, e por isso cuidou logo em fazer partir para alli um importante soccorro de vasos, e de gente, commettendo a D. Antonio de Noronha o commando das tropas de desembarque, e a Gonçalo Pereira Marramaque o da frota. O exercito inimigo achava-se senhor do campo, e constava de perto de 90,000 homens. André de Sousa defendeu bem o terreno até á sua morte, a qual teve lugar pouco tempo depois. D. Antonio de Noronha seguiu-lhe o exemplo; tanto assim, que dentro em dez dias fez perder ao inimigo 10,000 homens, além de muitos outros estragos, que lhe causou, sendo um d'elles o mandar cortar, ou queimar perto de 40,000 palmeiras.

Tendo os inimigos bastante confiança em seu grande numero, resolveram-se a atacar os intrincheiramentos da Povoação. D. Paio de Noronha Capitão mór da nossa fortale-

za, foi d'isto avisado por um Naire, que sendo sempre amigo dos nossos, era muito instruido. Derramou-se esta noticia pela Povoação, e aquelles de seus habitantes, que se quizeram recolher na fortaleza, recolheram-se; porém D. Antonio de Noronha quiz ficar na Povoação com a sua tropa: se isto era sabedoria, ou ciume do governo, não o diremos. Na manhã do seguinte dia começaram os Indios o ataque, conseguindo 2,000 d'elles penetrar nas trinheiras. Os nossos sustentaram o esforço do inimigo com o seu valor usual, praticando em todos os pontos accommettidos prodigios heroicos. Em fim, durando o combate todo o dia, retirou-se o inimigo, deixando no campo 5,000 mortos. Os Portuguezes havendo alcançado esta victoria com tão pouco custo, recolheram-se comtudo á fortaleza.

Chegou então Gonçalo Pereira Marramaque com a sua frota, condusindo Alvaro Peres de Souto Mayor, que vinha substituir D. Paio de Noronha. Ambos continuaram a guerra, e queimaram todo o bairro de Ada-Raia General dos inimigos, cortando tambem um bosque de palmeiras.

O Vice-Rei mandou a Cananor mais um soccorro de quatro navios, cujo commando entregou a Paulo de Lima Pereira, o qual havia obrado muitas proezas quando cruzára na Costa do Malabar; mas que n'esta occasião, apezar de se cobrir de bastante gloria, não poude comtudo executar a sua missão, como passâmos a demonstrar. Encontrou-se Lima com um armador Malabar, que commandava sete paráos, com os quaes havia feito prezas importantes. Travou-se o combate, durante o qual fugiram dous Capitães da nossa esquadra, sendo queimada a terceira embarcação, que Bento Caldeira commandava. Lima depois de haver soffrido por longo tempo o fogo de trez paráos, viu-os todos sete unidos contra si; e tendo ainda durado muito a peleija, perdeu muitos dos seus, e recebeu quatro feridas. Longe de per-

der a couragem, em situação tão perigosa, animou tanto os subordinados com exhortações, e mesmo com dar-lhes dinheiro, que os inimigos abalados da resistencia que se lhes oppunha, fugiram, deixando-o em liberdade. Como se não achasse em estado de poder seguir para Cananor, tornou para Gôa. Pedro de Sá e Menezes foi mais feliz; porque tendo encontrado um outro armador, que cruzava junto das Maldivas com dezesete paráos, tomou-lhe cinco, e entre elles o do proprio Chefe, que foi morto no combate, e desbaratou os restantes.

A guerra de Cananor tinha dous annos de duração, quando foi em fim terminada; porque o Rei atterrado pelas destruições, que Gonçalo Pereira lhe fazia sobre a Costa, requereu a paz, obrigando-se a acceitar as condições que lhe quizessem impor. Continuavam porém as hostilidades em Ceilão, com mais arte, posto que com motivos menos justos.

Raju, filho de Madune, veio acampar com um poderoso exercito entre a Cidade de Columbo, e a de Cotta, mostrando querer emprehender a tomada d'esta ultima. Tendo chamado a attenção dos Portuguezes sobre Cotta, avançou de noute para Columbo, onde plantou escalada. D. Diogo de Attayde, que alli commandava, resistiu a dous assaltos com muito vigor. Raju tendo perdido 500 homens n'estes assaltos, voltou para o seu acampamento. Esperando ser mais bem succedido em Cotta, tratou logo de lhe cortar as aguas, em que consistia toda a força da praça. Esta era commandada por D. Pedro de Attayde, o qual procurou impedir este trabalho com a sua mosquetaria, matando mais de 300 peões, e obrigando os outros a abandonarem a patria.

Jorge de Mello Governador da Ilha de Manar, pensou em affugentar os sitiadores, obrigando o Rei de Candea a fazer uma diversão; a qual este Principe fez, devastando as

terras de Madune. Raju não mudou de proposito, e continuou o cêrco esperando tomar a praça, por via das intelligencias secretas que n'ella tinha, ou por effeito da fome, que já alli se sentia. Tendo D. Pedro de Attayde descoberto alguns dos espias, que o inimigo tinha na praça, e entre os quaes havia alguns Portuguezes, chamou-os ao cumprimento do seu dever com exhortações de brandura: tornava-se muito mais difficil encontrar remedio para a fome, por isso que esta cada vez apertava mais.

Raju não quiz comtudo esperar, que ella lhe desse a victoria, e resolveu-se a escalar a praça n'uma noute. D. Pedro penetrando-lhe a intenção, tratou logo de mandar aviso a Columbo do designio do inimigo, advertindo a D. Diogo de Attayde, que atacasse o campo de Raju tão depressa ouvisse o estrondo da artilheria. Ao começar a noute plantou Raju a escalada, segundo havia projectado, e encontrou em toda a parte uma resistencia, que não esperava; tanto assim, que tendo conseguido entrar na praça por duas partes, foi desalojado immediatamente d'esses dous pontos.

D. Diogo, a quem se unira Jorge de Mello com 100 homens da fortaleza de Manar, acharam-se no lugar aprasado á hora ajustada, porém não fizeram outra cousa mais que lançar fogo ao campo inimigo, e retirar-se mui depressa para Columbo, com receio de que esta praça não ficasse indefeza. Raju levantou o cêrco na madrugada seguinte, e retirou-se para Ceitavaca; mas temendo D. Pedro, que elle voltasse, fez escolher entre os inimigos mortos 400 dos mais gordos, e mandou-os salgar para lhe servirem de remedio contra a fome: felizmente não foi preciso lançar mão d'este recurso, pois que Raju não tornou a hostilisar a praça. Cotta foi desmantelada por consentimento do Rei, o qual tornou para Columbo, onde teve a sustentar uma guer-

ra mais terrivel, por causa da cobiça dos Portuguezes que alli governavam, do que a que lhe tinha feito o inimigo.

A Rainha de Mangalor, não tratava ainda com lisura o nosso Estado; e consultando menos as suas forças, que seu odio motivado pelos estragos, que lhe haviamos causado, procurava esquivar-se a uma obediencia violenta. O Vice-Rei resolveu-se a pôr-lhe um freio, edificando uma fortaleza na sua Cidade. Para o conseguir fez partir logo para alli a D. Francisco Mascarenhas com 27 embarcações pequenas, seguindo-o elle pouco depois com 7 galeras, dous galiões, 5 fustas, e 3,000 homens de desembarque.

Achava-se a Cidade de Mangalor situada mui perto do mar, sobre uma ponta, que formavam os dous braços de um pequeno rio; e um muro tirado de um ao outro dos mesmos braços, fazia toda a sua defeza. Desembarcaram os nossos sem encontrarem obstaculo, e acamparam, não lhes importando tomar medida alguma de segurança; simplesmente cuidaram em accender fogueiras, e em passarem uma parte da noute a comer, a beber, e a jogar. Se os inimigos tomaram isto como um insulto, conforme deviam, vingaram-se logo por uma sortida de 2,000 homens, feita tanto a tempo, que cahiram sobre os Portuguezes antes que estes o percebessem. A nossa columna da vanguarda, que D. Francisco de Mascarenhas commandava, ficou bastante cortada. A escuridão da noute, e a circumstancia do ataque ter sido tão repentino, fizeram com que os nossos se prejudicassem muito a si mesmos, e que morressem muitos pelas suas proprias armas: o valente Mathias de Albuquerque ficou ferido mui gravemente, e escapou com vida por uma especie de milagre.

Este pequeno revéz não impediu que a Cidade fosse

tomada, como effectivamente o foi no seguinte dia, (*) antes serviu para duplicar o valor dos nossos, no ataque. A Rainha fugiu para os montes, e o Vice-Rei vendo-se senhor do terreno, mandou edificar n'elle uma fortaleza, á qual deu o nome de S. Sebastião; tanto por ser este o nome d'El-Rei de Portugal, como por ser começada no dia em que a Igreja celebra a festa d'este Santo. A nova fortaleza foi posta em estado de defensa no meado do mez de Março; e o Vice-Rei deixando n'ella para governar a D. Antonio Pereira seu cunhado, com 300 homens, e mantimentos para seis mezes, voltou para Gôa. —

Para concluir a conquista do Rio de Janeiro, (*) sahiu da Bahia Mendo de Sá com 5 navios de guerra, e 6 caravelões, em que embarcou a tropa disponivel, e muitos moradores que o quizeram acompanhar n'uma empresa tão util ao Estado, como a elles proprios; e nos Ilhéos de Porto Seguro, e Espirito Santo recebeu alguns reforços. Tendo a esquadra chegado ao Rio de Janeiro a 18 de Janeiro de 1567, reuniu-se o Governador com seu sobrinho Estacio de Sá, e resolveu-se a atacar os Indios no dia de S. Sebastião.

Estavam os Tamoios bem fortificados em Urassumuri com intrincheiramentos guarnecidos de artilheria, e munidos de armas de fogo, tendo comsigo alguns Francezes. O assalto foi tão impetuoso, que as tropas penetraram por todas as partes no campo, e passaram á espada todos os defensores. Mas esta victoria custou a vida a Estacio de Sá, ferido de uma setta envenenada, de que falleceu: os outros mortos não passaram de doze, incluindo o Capitão Gaspar Barbosa. Ganhado este campo, passou o Governador a ata-

---

(*) *5 de Janeiro de* 1547.

(*) *Rocha Pita, Liv.* 1.° *Memorias de El-Rei D. Sebastião Tom.* 2.° *Liv.* 2.° *Cap.* 35.

car outro, que os inimigos tinham fortificado em Paranapucy, onde o successo foi igual, não escapando de mortos, ou prisioneiros todos os que o defendiam.

Estas duas victorias fizeram os Portuguezes senhores, do Rio de Janeiro, e o Governador poude começar a fundação da Cidade, a que deu o nome de S. Sebastião, na qual deixou de commandante a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, e se retirou para a Bahia. — Quem diria ao Illustre Mendo de Sá, que passados 258 annos havia a sua conquista ser Capital de um Imperio! Ninguem por certo.—

Malaca sustentou um novo cêrco no Vice-Reinado de D. Antão. O Rei do Achem tinha-se hido apresentar diante d'ella, conduzindo comsigo suas mulheres, e filhos, como homem que presumia de a tomar seguramente. D. Leonis Pereira fazia então uma festa fóra dos muros, em honra do anniversario natalicio de El-Rei D. Sebastião, quando a frota Acheniense appareceu. D. Leonis não se perturbou cousa alguma; continuou o jogo de canas, aproximando-se um pouco mais á praia, como para dar a entender ao inimigo, que o temia pouco. Esta confiança do Capitão mór foi um feliz presagio da victoria. Com effeito o Rei do Achem depois de differentes ataques, nos quaes sempre ficou vencido, foi obrigado a abandonar a empresa antes da chegada do soccorro, que o Vice-Rei enviou da India, e da vinda das tropas que o Rei de Viantana, alliado então dos Portuguezes, conduzia em pessoa. O Rei do Achem perdeu n'este cêrco 4,000 homens, e um filho que tinha provido no Reino de Aurú.

Os Indios Idolatras da Ilha de Salsete, onde a Fé Catholica fazia grandes progressos, tinham começado a persiguir os novos Christãos, demolindo-lhes algumas Igrejas. Este atrevimento inflamou o zelo dos Portuguezes, e principal-

mente o do Vice-Rei, o qual enviou algumas tropas á mesma Ilha, que destruiram todos os monumentos da gentilidade, arruinando mais de 200 pagodes.

Foi esta a ultima proeza do Vice-Reinado de D. Antão de Noronha; pois que tendo chegado o dia 10 de Setembro de 1548, entregou o governo a D. Luiz de Attayde, que a Côrte lhe enviára por successor, e embarcou para o Reino, onde não chegou, por ter fallecido na viagem. Governou a India com honra, intelligencia, e imparcialidade, e distinguiu-se mui principalmente pelo seu grande desinteresse.

## CAPITULO X.

### ANNO DE 1568 ATE' 1571.

*Quem era D. Luiz de Attayde novo Vice-Rei da India. O Hidalcão, Nizamaluco, e o Çamorim tendo formado ha muito um projecto, de expulsarem os Portuguezes da India, intentam pôl-o em pratica no começo da governança de D. Luiz. Successos do Reino de Cambaya. Manda o Rei de Delli uma embaixada ao Vice-Rei. Objecto desta mesma embaixada. Tomam os Portuguezes algumas embarcações sahidas de Surrate. O Vice-Rei faz partir uma frota para o golfo de Cambaya. Nuno Velho Pereira tóma, e arrasa a fortaleza de Parnel. Ganham os nossos uma victoria no forte de Assarim, contra os Reis de Colos, e de*

*Salsete. Quer El-Rei D. Sebastião mandar formar um estabelecimento nas Minas de Monomotapa, e nomeia para esta commissão a Francisco Barreto. Combatem algumas embarcações nossas nas aguas do Porto da Palma contra alguns corsarios da Rochella, e ficam vencidas. Novo combate naval n'altura das Canarias, onde tambem a nossa Bandeira não alcança vantagem. A guarnição da fortaleza de Bracalor do dominio do Rei de Tolar, é passado á espada pelos nossos. Vai D. Luiz de Attayde aportar a Onor com uma esquadra, e depois de alguns successos de pouca monta volta a Gôa. Prepara-se o Hidalcão para fazer guerra aos Portuguezes. Convoca o Vice-Rei um conselho, no qual propõem os meios de se poder conjurar a tempestade. Medidas que elle põem em pratica para salvar o Estado do perigo que o ameaça.*

D. Luiz de Attayde, foi o primeiro Vice-Rei que El-Rei D. Sebastião nomeou depois da sua maioridade. Era elle um homem de merecimento, e mui proprio para fazer conservar a gloria do nome Portuguez, nas vastas Regiões, cujo governo acabava de lhe ser entregue. Era já bem conhecido nas Indias, onde tinha servido com trez Vice-Reis, ou Governadores. Havia-se distinguido na Africa, e mui principalmente na Alemanha na guerra feita pelo Imperador Carlos 5.º aos Lutheranos confederados. Enviado por Embaixador a este Principe, e chegando ao exercito do Duque de Saxe antes da batalha, em que este foi vencido, e prisioneiro, quiz absolutamente tomar parte na acção. O Imperador presenteou-o com um cavallo, e com as suas armas, as quaes elle empregou mui bem n'esta jornada, salvando a Aguia Imperial. O Imperador quiz recompensar ainda melhor o seu valor, armando-o Cavalleiro por sua propria mão; porém elle recusou esta honra, dizendo: «que

«havia sido armado Cavalleiro no Monte Sinai por D. Es-«tevam da Gama.» Este facto causou muita inveja a Carlos 5.º

D. Luiz de Attayde, é respeitado pelos authores Portuguezes como o restaurador da nossa gloria nas Indias, e por elles comparado aos maiores homens da antiguidade; por isso que tendo pesado gravissimos negocios sobre seus hombros, quando Vice-Rei, resolvêra todos elles mui sabiamente, sempre em proveito da Nação, que teve fortuna de lhe dar o berço.

A Monarchia Portugueza, muito pequena para sustentar tantas, e tão longiquas conquistas, e para prover ao mesmo tempo em tantos lugares, e precisões differentes, cansava-se por si mesma, e abatia-se debaixo do seu proprio peso. O termo do Vice-Reinado de D. Constantino, considera-se como a época em que já não havia nenhum dos primeiros conquistadores, que tinham servido com os Almeidas, e os Albuquerques. A maior parte dos Portuguezes, que serviam então na India, haviam alli nascido. Conhecia-se já uma grande differença entre estes, e o pequeno numero dos que vinham do Reino. A riqueza, e a abundancia haviam engolfado os primeiros em um fausto, e em um luxo sem limite, que juntos á doçura do clima, os tinha inteiramente enfraquecido. Pelo contrario os seus inimigos fortalecidos pelo concurso de muitas Nações belicosas, e tendo-se exercitado nas guerras, que os Portuguezes lhes haviam feito, tinham-se tornado guerreiros, e valentes, e tiravam forças das suas proprias perdas. Não obstante isto, como os Portuguezes conservavam ainda grande superioridade sobre os seus inimigos, o que lhe provinha das suas victorias passadas, e de algumas pequenas vantagens presentes, haviam sempre entre elles indiscretos, e pouco prudentes, que continuaram a irritar as Nações do

Oriente, pelo jugo odioso que faziam pesar sobre os seus amigos, e alliados, e pelas vinganças excessivas que praticavam com aquelles, que lhes oppunham alguma resistencia.

Havia perto de seis annos, que o Hidalcão, Nizamaluco, e Cotamaluco tinham despojado a Christna-Raia Rei de Narsinga dos seus Estados, fazendo-o até morrer n'uma batalha, e saqueando-lhe todos os seus thesouros. Soberbos estes trez Reis colligados com este seu triumpho, concertaram-se o primeiro, e o segundo para voltarem as armas contra os Portuguezes, dos quaes não podiam soffrer já a altivez, e as crueldades. E como tinham poucos portos, determinaram fazer entrar na sua liga o Çamorim, que tinha sempre muitas frotas promptas, e de armadores. Cada um dos referidos Reis alliados devia fazer a guerra em pessoa, e entrar ao mesmo tempo em campanha com todas as suas tropas. Trataram logo de repartir entre si as suas futuras conquistas. Gôa, Onor, Bracalor, e as terras visinhas deviam pertencer ao Hidalcão. Chaul, Damão, e Baçaim a Nizamaluco. Cananor, Mangalor, Challe, e Cochim ao Çamorim. Nizamaluco devia começar pelo cêrco de Chaul. O Hidalcão pelo de Gôa. O Çamorim pelo de Challe, devendo além d'isso operar por mar com as suas armadas. E para que o Vice-Rei não soubesse aonde acudir, e fosse embaraçado pela divisão, que devia fazer das suas tropas, tinham feito entrar na liga o Rei do Achem, que devia sitiar Malaca, e haviam sollicitado o Gram Senhor para fazer diversão da parte do golfo Persico do Reino de Cambaya. Em fim, nenhum dos Principes alliados devia retirar-se da liga, para fazer tratados á parte, e eralhes dado o prazo de cinco annos para fazerem os preparativos d'esta guerra, cujo projecto devia conservar-se em segredo todo aquelle tempo.

Havia já quatro annos que este tratado estava concluido, e que os respectivos preparativos se faziam mui secretamente, quando chegou á India D. Luiz de Attayde; de sorte, que ainda este não tinha um anno de governança quando rebentou a conjuração. Chegando esta ao conhecimento do Vice-Rei, teve este que fazer preparativos, que não tendo servido para os grandes projectos, que elle meditava, serviram infinitamente para a necessidade a que elle se achou redusido. — Para narrarmos convenientemente o seguimento de todas estas cousas, é-nos preciso fallar agora do Reino de Cambaya, onde tinha havido grandes mudanças.

Chinguiscão depois do assassinato commettido na pessoa de Cedemecão seu tio, tinha-se tornado poderoso no Reino, e aspirava abertamente a pôr a Corôa na cabeça. Tratou logo de desbaratar os dous Governadores Abexins Alurcão, e Jusarcão, que na frente de 7, ou 8,000 homens, formavam um Estado independente, e se aproveitavam das divisões, pondo-se da parte do mais forte, ou do mais fraco, conforme o que melhor convinha aos seus interesses. Chinguiscão voltando depois as suas armas victoriosas contra Itimicão, que estava senhor da pessoa do Soberano, redusiu-o a acceitar uma batalha, na qual o venceu completamente. Itimiticão tendo soffrido esta derrota, fez semblante de querer submetter-se ao vencedor, obrigando os dous Generaes Abexins a que fizessem o mesmo. Chinguiscão fingiu igualmente approvar uma conciliação, que lhe pareceu devia condusir para bem da sua prosperidade. Comtudo, como a má fé era o principio de todos os movimentos de uma parte, e outra, com as apparencias da mais bella união, armaram mutuamente laços. Chinguiscão havia dado ordens secretas para fazer matar os Generaes Abexins na Côrte de Cambaya, em uma festa que devia alli fazer-se, e para a qual elles estavam convidados.

Chinguiscão não logrou porém o successo d'esta traição; ao contrario, elle mesmo é que foi morto no caminho de Amadabá quando se dirigia a esta côrte, sendo este assassinato commettido por ordem de Itimiticão, e dos dous Generaes Abexins. As tropas do assassinado, vendo-se sem chefe, e sendo atacadas inopinadamente, foram derrotadas, e depois incorporadas nas dos matadores do seu General.

Itimitição como se visse livre de um competidor terrivel, e conhecesse que o Reino de Cambaya fluctuaria sempre n'uma incerteza, em quanto não visse sobre o Throno um descendente dos seus Soberanos, teve a audacia de suppôr um filho ao Sultão Mahamud, e escolheu para figurar n'este lugar um dos seus proprios, que havia feito crear em segredo, e que ninguem sabia pertencer-lhe. Fingiu esta fabula tão artificiosamente, que seu filho foi acclamado com o nome de Sultão Madre-Faxa, declarando-se o povo a seu favor com muito enthusiasmo.

O Soberano d'um Reino situado entre o de Delli, e o de Cambaya, chamado Miram, e que descendia por linha direita dos Reis de Cambaya, tendo um interesse opposto aos projectos de Itimiticão, concebeu o designio de tomar posse da herança de seus pais, e julgou que lhe seria facil conseguil-o, se os Portuguezes o ajudassem na empreza. Para obter este auxilio enviou secretamente alguns Embaixadores ao Vice-Rei, expondo-lhe a justiça da sua pretenção, e offerecendo-lhe ao mesmo tempo grandes vantagens pelos soccorros que esperava. Consistiam estas em fazer-nos cessão do porto de Surrate, e de outra praça que o Vice-Rei escolhesse na Costa de Cambaya. Miram obrigava-se de mais a mais a dar 200,000 cruzados em dinheiro, para as despezas da guerra, os quaes devia enviar a Damão antes de começarem as operações. Consentia igualmente, que nos assenhoreassemos logo das duas praças pro-

mettidas, não pedindo em recompensa de tudo isto mais de 5,000 homens commandados por um bom General, sustentando elle estas tropas á sua custa. Concluia pedindo ao Vice-Rei, que não emprehendesse cousa alguma, sem ter novos avisos da sua parte; porque antes de começar esta grande empresa, tinha ainda certas cousas que ajustar. Estes offerecimentos eram muito vantajosos para que o Vice-Rei os despresasse; por isso respondeu a este Principe conforme em tudo aos seus desejos, e despediu os seus Embaixadores mui satisfeito.

Logo que Chinguiscão foi morto, Rostumecão, e Agalucão seus Officiaes, que governavam por seu respeito as praças de Baroche, e de Surrate, sublevaram-se, e fazendo-se fortes cada um na sua Cidade com as tropas que commandavam. As tropas Mogolenses, que corriam o Reino em numero de 3,000 e tantos homens, sob o commando de um Chefe independente, o qual aspirava a apoderar-se de uma parte d'esta bella Corôa, ou mesmo a pôl-a sobre a cabeça, foram cahir sobre o primeiro d'estes dous Capitães, e sitiaram-o em Baroche. Rostumecão vendo-se em circumstancias tão criticas, dirigiu-se ao Vice-Rei, fazendo-lhe saber que lhe entregaria a praça, antes do que consentir vêl-a em poder dos Mogolos. O Vice-Rei tendo recebido esta mensagem, mandou atacar os Mogolenses por uma força commandada por D. Ayres Telles de Menezes, o qual não só lhes fez levantar o cêrco, mas até os expulsou de todo o territorio de Baroche, onde haviam fortificado alguns pontos.

Rostumecão mostrou-se mui reconhecido a este serviço, pagando-nos grandemente as despesas da armada, mas não foi tão prompto em obedecer á intimação que se lhe fez para nos entregar a praça. Usou de delongas, e guardou a cousa para o anno seguinte, prevendo bem, que teria ainda procisão dos Portuguezes.

Porém, o Vice-Rei escandalisado da sua má fé, não quiz mais entrar em negociação alguma com elle. Os Mogolenses scientes d'este descontentamento, tornaram a atacar Rostumecão, e despojaram-o da posse de Baroche.

Agalucão, que se achava em Surrate, procurava conservar-se em boa intelligencia com os Portuguezes, e tinha pedido ao Vice-Rei passaportes para enviar dous navios a Meca. O Vice-Rei, em consequencia de más informações, suppôz, que Agalucão não podendo conservar-se em Surrate, pertendia retirar-se para Meca com todos os seus havêres. D. Pedro de Almeida, fez-lhe ver, que pensava erradamente; mas D. Luiz, não obstante isto, ordenou ao mesmo Almeida, que nunca mais désse salvo-conducto algum a Agalucão, que vigiasse os navios d'este, e que não deixasse de os tomar, logo que elles se fizessem de véla. Esta ordem foi executada, quasi no tempo em que Aires Telles de Menezes hia soccorrer Rostumecão. Duas das prezas, que então se fizeram, fôram estimadas em 100,000 cruzados, pondo as fazendas no mais baixo preço, sem fallar no casco dos navios dos quaes um era do porte de 1000 toneladas.

Servíra esta tomadia de grande proveito ao Vice-Rei; pois que com o seu producto supriu as despesas das grandes armadas, que trazia no mar, bem como as de outra mais consideravel, que elle estava aprestando. Este negocio, comtudo, embaraçou Agalucão com os Portuguezes, que estavam á lerta da parte de Damão, e nas immediações de Surrate, por cuja razão D. Luiz mandou uma esquadra para o golfo de Cambaya. Nuno Velho Pereira seu Commandante, fez tão boa guarda, que bloqueando estreitamente o porto de Surrate, lhe vedou completamente a entrada, e sahida de navios mercantes; o que obrigou Agalucão a recorrer ao Çamorim. Este, estava mui inclinado a soccorrel-o; porém como D. Diogo de Menezes lhe tinha aprezado, ou quei-

mado muitos navios no mar, e nos seus pórtos, e lhe havia arrasado muitas Povoações, tinha mais que pensar nos seus proprios negocios, que nos alheios. Comtudo, o desejo que tinha de soccorrer Agalucão, e a esperança de que com isso faria uma diversão favoravel aos seus interesses, fez com que elle désse ordem a apromptar umas vinte embarcações, que jnntas ás de Agalucão poderiam fazer frente ás de Nuno Velho Pereira, e mesmo tomar a offensiva.

O Vice-Rei sendo d'isto informado, mandou ordem a Velho para se retirar a Damão, onde a sua presença não foi inutil. Alvaro Pires de Távora, que havia succedido no governo d'esta praça a D. Pedro de Almeida, reconhecendo, que a fortaleza de Parnel era um pessimo visinho, formou o designio de a tomar. Achava-se ella guarnecida por oito centos homens de pé, e cem de cavallo, e era governada por um Official Mogol, que tendo negado obediencia ao seu Chefe, se havia apoderado da mesma fortaleza. Velho foi a quem se commetteu a empresa; porém como elle ignorava que a praça estivesse tão forte, e que a guarnição fosse tão numerosa, custou-lhe a sahir com honra do primeiro assalto, e voltou sem obter cousa alguma. Foi segunda vez acampar junto d'ella com maiores forças, e duas peças de artilheria, e bateu-a pelo espaço de outo dias. Os Mogolenses não ousando esperar segundo assalto, abandonaram-na de noute, sendo ella depois arrasada pelos nossos.

O forte de Assarim era em relação a Baçaim, o que o forte de Parnel era a respeito de Damão. Tinha elle sido tomado pelos Portugnezes no tempo de Francisco Barreto, e estes tinham alli uma pequena guarnição commandada por André de Villalobos. Os Reis de Colos, e de Salsete, aos quaes o mesmo forte servia de freio, haviam-se ligado para o tomarem. Villalobos defendeu-se heroicamente até lhe chegarem outo centos homens, que o Vice-Rei lhe tinha en-

viado. Martim Affonso de Mello Capitão mór de Baçaim, D. Paulo de Lima, e João de Moura eram os trez Cheſes, que o conduziam. Estes, poséram em fuga os sitiantes, e seguiram-nos até ao interior de suas terras, onde poseram tudo a ferro, e fogo.

El-Rei D. Sebastião tendo formado o projecto de mandar descobrir as riquissimas minas de Monomotapa, e de fazer alli um estabellecimento permanente, (*) nomeou para o desempenho d'esta delicada empresa, a Francisco Barreto, General das galés, com o titulo de Capitão General, e Conquistador dos Reinos situados entre os Cabos das Correntes, e Guardafui, assignando-lhe para esta mesma empresa trez náus, e 1,000 soldados, 100,000 cruzados cada anno para as despezas do governo, e um reforço annual de quinhentos homens. A fama de uma expedição, que dizia respeito a minas de ouro, e prata, fez com que alistasse tanta gente, que ainda sobejou; e na que se embarcou contavam-se trezentos nobres, e duzentos creados de El-Rei.

Commandou Francisco Barreto a náu Rainha, a cujo bórdo hiam seiscentos soldados; e os outros dous Commandantes eram Vasco Fernandes Homem, na Assumpção, e Lourenço Carvalho, na Santa Clara: cada uma d'estas náus conduzia duzentos homens de tropa; além d'estes, embarcaram mais cem Africanos, porque o General tencionava mandar buscar cavallos á India, para os montar, e servir-se d'elles na sua marcha por terra a Monomotapa.

Francisco Barreto era infeliz nas suas viagens maritimas. Sahiu de Lisboa a 18 de Abril de 1569, e estando já

---

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião Tom.* 3.° *Liv.* 1.° *Cap.* 21.

fóra da barra, foi forçado pelo mau vento a tornar a entrar, e veio dar fundo em Belem. Durou o mau tempo dezoito dias; a 8 de Maio tornou a sahir, e com outra tempestade desarvorou a náu de Lourenço de Carvalho, que arribou a Lisboa. Proseguiram as outras duas embarcações a sua derrota, e tendo achado na Linha setenta e dous dias de calmarias, tiveram que arribar á Bahia a 4 de Agosto. Provídas de agua, e mantimentos, partiram d'esta Cidade, soffrêram trinta e seis dias de capa no Cabo da Boa Esperança, e ancoráram em Moçambique a 16 de Maio do anno seguinte. —

D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, tendo sido nomeado para Governador do Brazil, (*) partiu de Lisboa a 5 de Junho de 1570 com sete navios, e uma caravela, onde levava muitas familias, Sacerdotes, e outras pessoas que hiam estabelecer-se n'aquelle Paiz. Chegado á Ilha da Madeira, como alli houvesse de se demorar, talvez para receber algumas familias, pediu-lhe licença o Capitão do navio S. Tiago, que era mercante, para deixar o comboi, e seguir viagem para a Ilha da Palma, em razão de levar muitos generos para ella, e querer carregar outros; o que D. Luiz concedeu.

Sahiu o S. Thiago da Madeira no dia 30, e depois de varios contratempos, que o obrigaram a perder alguns dias, achou-se na manhã do dia 15 de Julho defronte do porto da Palma, e á vista de cinco navios de Corsarios da Rochella, de que era Commandante Jaques Soria Almirante da Rainha de Navarra. Este, com o seu navio grande, bem guarnecido, e artilhado, abordou o S. Thiago, cujo Capitão, e equipagem se defenderam heroicamente; mas como era tão

(*) *Memorias de El-Rei D. Sebastião, Tom. 3.º Liv. 1.º Cap. 27; e Liv. 2.º Cap. 5.º*

desigual a contenda, foi o navio entrado, e mortos quarenta e tantos Religiosos da Companhia de Jesus, que levava a seu bórdo, e hiam para as Missões do Brazil: tanta era o raiva dos Hugonetos! Depois d'esta barbara victoria, conduziu Soria a sua preza para França, coberto de vergonha, e de infamia. A Rainha de Navarra extranhou-lhe asperamente esta selvagem deshumanidade.

D. Luiz Fernandes sabendo na Madeira o desastre acontecido ao S. Thiago, e não o podendo vingar, sahiu com outro navio do comboi para o Brazil; e empenhando-se na Costa de Guiné, soffreu grandes calmarias, adoecendo-lhe quasi toda a gente. A final avistou terra do Brazil ao Norte de Pernambuco, e não podendo dobrar o Cabo de Santo Agostinho, arribou á Ilha de S. Domingos, e outro navio á de Cuba. Reparado do modo possivel, tentou D. Luiz Fernandes montar bordejando a Costa do Brazil, o que não poude conseguir, e arribou segunda vez ás Antilhas, dondé segiu a sua viagem até ver as Ilhas dos Açôres. Ancorou na Terceira, e como o seu navio não estivesse capaz de navegar, afretou um mercante, e fez-se á véla para o Brazil a 6 de Setembro de 1571.

Ao chegar á altura das Canarias, foi atacado no dia 12 por quatro navios Francezes sahidos da Rochella, cuja esquadra era commandada por João de Cadaville, embarcado no mesmo navio, que fôra de Jaques Soria. Ainda que D. Luiz não duvidasse do resultado de uma acção entre forças tão desiguaes, resolveu-se a vender cara a sua vida. As abordagens de Cadaville fôram trez vezes rechaçadas, e mesmo depois de entrado o seu navio, fizeram os Portuguezes desesperada resistencia. D. Luiz, atravessado já de uma bala, e com as pernas quebradas de outra, mas sem render-se, acabou de uma lançada. Os Francezes mataram na peleija, ou deitaram dous dias depois ao mar treze Religiosos da

Companhia de Jesus, que tambem hiam para as Missões do Brazil. —

Havendo-se o Rei de Tolar recusado a pagar-nos o tributo ordinario, a que estava obrigado; e havendo de mais a mais recebido descortezmente uma carta, que o Vice-Rei D. Luiz de Attayde lhe havia dirigido a este respeito, resolveu-se o mesmo Vice-Rei a castigal-o, tirando-lhe a Cidade de Bracalor, na qual havia uma fortaleza construida á moderna na entrada de um rio entre Gôa, e os Estados do Çamorim. D. Pedro da Silva Menezes, encarregado d'esta empresa, não encontrou obstaculo algum no seu desempenho: a praça foi tomada, e mais de duzentas pessoas, que n'ella estavam ficaram mortas, ou prisioneiras. Porém, como os Reis de Tolar, e de Cambolim viessem em seguida com tropas, cujo numero crescia a toda a hora, Silva não se julgando alli seguro, abandonou a praça, levando comsigo toda a artilheria, armas, e munições.

O Vice-Rei desempenhava com summo zelo as funcções do seu ministerio, e é para admirar, que achando-se a India n'uma penuria tão grande, elle podesse em tão pouco tempo pôr a marinha em tão bom estado, e augmentar em tudo a gloria da Nação Portugueza, como ella o estava então. Além das expedições que tinha mandado a Malaca, e ás Ilhas do Sunda, conservava quatro frotas permanentes desde a peninsula do Ganges, até ás gargantas do Mar Rôxo.

Todas estas frotas eram independentes de uma outra, que preparava para si, segundo o tratado secreto que havia feito com Miram. Compunha-se ella de mais de 70 embarcações de toda a especie, ás quaes nada faltava. Ainda que conforme o que se havia ajustado, elle não se podia mover sem um novo avizo de Miram, comtudo, como não

queria que o apanhassem desapercebido, nem correr o risco de perder as vantagens offerecidas por este Principe, tinha-se preparado antecipadamente para estar prompto ao menor signal.

Tardava o aviso de Miram; e o Vice-Rei temendo que enfraquecesse o valor de tantos bravos, que reunira, sahiu para o mar largo, e navegou para Onor, que pertencia á Rainha de Gariopa, cujo odio aos Portuguezes era indomavel. A Cidade era bella, rica, e mui povoada; mas tendo-a seus habitantes abandonado, depois de haverem opposto leve resistencia ás nossas armas, foi ella saqueada, e redusida a cinzas. A fortaleza foi batida pela nossa artilheria durante quatro dias, e a final rendeu-se por capitulação. Ficou n'ella Jorge de Moira com 400 homens de guarnição, metade d'elles Portuguezes.

De Onor passou o Vice-Rei a Bracalor, cujos moradores tinham estado mui altivos depois da retirada de D. Pedro da Silva. Começaram os nossos a atacar a Cidade, e esta defendeu-se menos mal ao principio, sendo morto Henrique de Betancourt, que primeiro havia saltado em terra. D. Pedro da Silva foi o primeiro que franqueou as trincheiras, sendo mui hem sustentado pelos que o seguiam. O combate foi porfiado de parte a parte. Um fortim que os nossos tomaram abateu o valor dos inimigos, e fez que elles abandonassem a fortaleza desconfiando de que a não poderiam defender. Os Reis de Tolar, e de Cambolim vieram depois acommetter o fortim em uma noute mui escura; porém Pedro Lopes que commandava alli 200 homens, defendeu-o com tal valor, que os dous Principes desgostosos com o máu successo da sua empresa, requereram a paz, que se lhes concedeu, augmentando-se-lhes o tributo que nos pagavam. O Vice-Rei traçou o plano de uma nova fortaleza, e demorou-se alli um mez inteiro, para adiantar a obra com a sua presença.

Miram não apparecia, e o Vice-Rei inquieto por não saber a razão d'isto, veio por fim a descobril-a. Miram temendo emprehender o negocio de Cambaya, antes de estar seguro da Côrte de Delli, julgou conseguir essa segurança casando um dos seus irmãos, com a filha do Rei dos Mogols. O casamento fez-se com a solemnidade possivel; mas isto foi precisamente o que fez abortar o projecto de Miram. O recem-casado animado por uma alliança, que lhe promettia grande protecção, intentou tirar a Corôa a um irmão, a quem devia tantas obrigações, valendo-se das forças do Rei seu cunhado. Assim que Miram foi avisado dos pessimos designios de seu ingrato irmão, viu-se obrigado a ficar em defensa dos seus proprios Estados, e de deixar o incerto, para não perder o certo.

O Vice-Rei não foi mais feliz no Adem, onde tinha projectado introdusir-se. Os A'rabes haviam alli degolado a guarnição Turca, e chamado o Cherife filho do mesmo Chefe, que o Bachá Solimão tinha feito enforcar, quando se fez senhor d'esta Cidade. Conhecendo bem o Cherife, que lhe seria difficil conservar-se n'esta praça, por isso que os Turcos não deixariam de alli tornar, mostrou desejos de a entregar aos Portuguezes, e assim lh'o fez constar por via do Rei de Caxem seu amigo commum. O Vice-Rei havia para alli enviado Pedro Lopes Rebello com duas fustas ligeiras, e Gil Goes com trez galiões. Rebello logo que chegou ao Adem, teve uma entrevista com o filho do Cherife, que então estava governando na ausencia de seu pai; mas, ou porque este não tivesse melhor vontade do que havia tido Rostumecão em Baroche, ou porque se achasse nas mesmas circumstancias em que estava Cedemecão em Surrate, ambos convieram em que era preciso esperar melhores conjuncturas.

Os Turcos logo que tiveram noticia da chegada de

duas fustas Portuguezas a Adem, armaram immediatamente nove galeras, e vieram ancorar no mesmo porto trez dias depois de Rebello haver sahido d'elle; e como tivessem intelligencias secretas na praça, abriram-lhes uma porta d'esta de noute, e fizeram-se senhores d'ella. Abortou pois este negocio, o que talvez não acontecesse, se Gil Goes tivesse podido aportar ao Adem. Porém o máu tempo tendo-o apartado sempre da Costa, obrigou-o a ganhar Dio, bem como forçou os dous galiões da sua conserva, a hirem arribar a Ormuz, onde chegaram mui destroçados.

O Vice-Rei tendo-se mortificado muito com o máu resultado d'estes dous negocios, que o tinham obrigado a fazer tantas despezas, dividiu a sua armada em muitas esquadras, as quaes cruzando depois em diversas paragens causaram os estragos do costume. Ordenada esta medida, tomou a derrota de Gôa, e reconciliou no caminho o Rei de Banguel com a Rainha de Olala, cuja desintelligencia fazia escacear os rendimentos das alfândegas de Mangalor. Como a Rainha de Onor não cessava de servir-se das armas, do engano, e até do veneno para reconquistar os seus Estados, entendeu o Vice-Rei, que devia reforçar a guarnição da fortaleza da mesma Cidade de Onor, o que effectivamente fez.

O Nizamaluco, que de concerto com o Hidalcão tinha projectado a ruina dos Portuguezes, morreu pouco depois da victoria, que tinha alcançado contra o Rei de Narsinga, e antes da conclusão do seu tratado. Havia este Principe repudiado a sua legitima esposa, para casar com uma comediante, mulher de baixa condição, de quem tinha tido um filho. Passado tempo teve remorsos de haver dado similhante passo, e prometteu a Deus, e ao seu propheta Mafoma, que se voltasse victorioso do Reino de Narsinga, restabeleceria a sua primeira esposa em todas as suas

honras: esta promessa foi cumprida. A segunda esposa repudiada temendo por si, e por seu filho, o restabelecimento de uma rival justamente irritada, e poderosa pelo seu nascimento, não achou remedio aos seus temores, senão nos seus crimes. Ella envenenou Nizamaluco, e poude conseguir collocar seu filho sobre o Throno, ajudada dos esforços de dous irmãos seus, que ella havia feito prover nos melhores empregos do Estado, e que se achavam senhores das praças mais fortes. A morte de Nizamaluco, não mudou disposição alguma no tratado feito com o Hidalcão. O Principe seu filho, não obstante contar simplesmente dezeseis annos de idade, instruiu-se em todas as idéas de seu pai, e seguiu-as sempre com o mesmo segredo, e o mesmo concerto.

A guerra que estes Principes meditavam, era causada pelo odio que tinham aos Portuguezes, e pela esperança de os destruirem, fundada sobre a sua união, e sobre as vantagens que tinham conseguido, e as riquezas que lhes havia produsido o saque de Bisnaga; mas não obstante isto, quizeram disfarçal-a com o pretexto da Religião, e da Justiça. Foi este o motivo de que se serviram, para fazerem entrar na mesma liga o Gram Senhor, Cha-Thomaz Rei da Persia, o Çamorim, e o Rei do Achem. Argumentavam elles, que pertendiam vingar os insultos feitos á sua lei pelos Portuguezes, os quaes se declaravam em toda a parte seus crueis inimigos, não poupando estragos para estabelecerem a sua Religião sobre as ruinas das suas Cidades, e dos seus campos.

E' verdade que o zelo dos Portuguezes em materia de Religião era algumas vezes excessivo, injurioso, e um pouco ajudado da paixão; tanto assim, que aos navios sarracenos, que hiam ancorar nos pórtos do nosso dominio, eram-lhes roubadas as meninas, e meninos para serem instruidos

nos Mysterios do Christianismo, o qual não ordena similhantes violencias. O Hidalcão queixou-se muitas vezes ao Vice-Rei, contra este procedimento; mas como queria tirar-lhe todas as suspeitas dos preparativos, que fazia, escrevia sempre tão moderadamente, e com taes expressões de amizade, que as suas cartas desvaneciam todas as desconfianças. Além d'isto os requerimentos eram tão justos, que o Vice-Rei não podia escandalisar-se d'elles.

Como, porém, dos grandes negocios rebenta sempre uma voz que annuncia, sem que nunca se saiba donde ella vem, o estrondo dos designios do Hidalcão espalhou-se em Gôa, e cresceu cada vez mais, sem que d'isso podessem dar alguma prova. Este Principe, cujo plano era surprehender-nos, tinha-o dissimulado de tal modo, que nem mesmo a sua Côrte tinha podido penetrar as suas intenções. Pelo que toca aos Portuguezes, havia-os o Hidalcão encantado de maneira tal, que além dos motivos plausiveis que tinha para fazer preparos para uma guerra estrangeira, tinha-os convencido da necessidade de submetter um vassallo rebelde, que passava por tal nos seus Estados, ainda que este pertendido rebelde fosse um dos seus proprios Generaes, o qual de accordo com elle trabalhava com ardor nos preparativos, para a execução dos seus projectos. Para enganar melhor o Vice-Rei, e podel-o obrigar a apartar de Gôa as poucas embarcações, que alli se achavam, pediu-lhe que as quizesse enviar a occupar a passagem d'um rio, por onde o mencionado rebelde devia passar.

O Vice-Rei, apezar da arte com que o Hidalcão procurava encobrir suas intenções, não deixava de nutrir alguma desconfiança; mas como não via nenhuma hostilidade, não podia tomar resolução alguma. Não tardou muito tempo, porém, que por noticias vindas de Chaul, e da Côrte de Nizamaluco, não fosse inteirado do caso. Sentiu então aquella

especie de temor, que a prudencia inspira, mas não a perturbação, e embaraço, que nascem da pusilanimidade. Não aconteceu o mesmo aos do seu conselho; pois que todos se capacitaram da grandesa do objecto. Tantas Nações formidaveis ligadas entre si, fizeram sobre os espiritos uma impressão, que se assemelhava ao medo. E neste aperto, onde cada um julgava ver o momento fatal da ruina dos Portuguezes na India, todos pensaram em abandonar Chaul, e outros pontos menos importantes, para que reunindo todas as forças em Gôa, a podessem salvar. Os que propunham este alvitre, diziam: « Que a experiencia tinha sempre mos-« trado, que a posse de tantas praças, e fortalezas havia servido « para os enfraquecer; que teria sido muito mais vantajoso pa-« ra a Nação, o terem-se estabelecido solidamente n'um só « lugar, donde podessem dominar tudo com menos despesa. « Que se estava ainda a tempo de reparar esta falta, fazen-« do de Gôa a Metropole de todas as Indias; pois que da « salvação d'esta Cidade dependia a conservação de todo o « resto. »

O Vice-Rei oppoz-se a este parecer, entendendo, que uma resolução d'esta natureza desacreditaria a sua Nação, e que além do abatimento que d'isso lhe resultaria, aconteceria ainda maior prejuiso pela soberba, que hiria inspirar aos inimigos uma determinação, que só podia denotar fraqueza, e um excesso de terror, e susto. Assim, contra a opinião commum, resolveu-se D. Luiz de Attayde a soccorrer Chaul, bem como a todos os outros pontos, em concordancia com o que já havia dito a D. Francisco de Mascarenhas, antes de convocar o conselho. Tratando elle de escolher antecipadamente um bravo, para lhe condusir estes soccorros, havia cahido essa escolha no referido D. Francisco de Mascarenhas, que tantas empresas arriscadas havia desempenhado dignamente, e que era adorado pelos soldados. Tanto caso fazia d'elle o Vice-Rei, que em todas as

acções havidas durante a sua governança, lhe tinha confiado a vanguarda. Partiu pois Mascarenhas para Chaul, perto do mez de Setembro, levando comsigo 500 homens escolhidos, quatro galeras, cinco fustas, e muitas outras embarcações carregadas de munições de guerra, e de boca, e hindo revestido da authoridade de General do mar, com pleno poder para tirar de todas as praças do Norte, os soccorros que precizasse.

Passado isto, tratou o Vice-Rei de pôr Gôa em estado de defensa, e de fechar aos inimigos a entrada da Ilha, guardando-lhe todas as passagens. O primeiro ponto que guarneceu foi o de Benastarim, mandando collocar alli Fernando de Sousa Castello Branco, Official experimentado, com 120 homens escolhidos, os quaes foram logo empregados em levantar duas muralhas da parte do rio; uma ao Norte, do comprimento de um tiro de peça, e outra menos comprida na direcção da Cidade. Cuidou depois em abastecer de víveres a Cidade, mandando-os vir de todas as praças visinhas, para que n'ella se não sentisse fome, caso houvesse de soffrer um longo cêrco. Tomou conhecimento de todos os armazens, e dos effeitos particulares, quer da Ilha, quer de Gôa mesmo, para d'elles se poder servir em caso de necessidade. E porque se dizia, que o Gram Senhor entrava na liga, e temia-se que ajuntando-se a sua frota com a de Çamorim, tivessem muito trabalho em resistir a ambos, reservou o Vice-Rei dous armazens para servirem unicamente n'esta precisão.

Posto que houvesse algum fundamento para esta noticia, comtudo, julgava-se o contrario dos rumores populares, em consequencia dos avisos que o Vice-Rei recebêra de Alepo, de Jerusalem, e do Cairo. Dizia-se-lhe: «Que «a Porta havia retirado uma parte das tropas, que tinha «na Arabia, e perto da Persia. Que da parte do Mar

«Rôxo tudo estava muito socegado, e que Solimão se oc-
«cupava unicamente do projecto, de tirar a Ilha de Chypre
«aos Venesianos. Que assim como a Porta nunca tinha fei-
«to grandes esforços da parte das Indias, era para presu-
«mir, que se o Gram Senhor entrasse na liga, não era mais
«que para prender a attenção dos Portuguezes, a fim d'el-
«les não voltarem as suas armas para a parte do Adem, e
«de Baçorá, onde poderiam facilmente tirar-lhe algumas
conquistas novas, e mal seguras.»

D. Luiz discorria bem sobre as noticias que tinha, mas era mal informado; pois que o Gram Senhor tinha feito armar vinte e cinco galeras em Suez, quinze das quaes se destinavam ao serviço do Hidalcão, e de Nizamaluco, e as outras dez ao do Rei do Achem. Porém, permittiu a Providencia, que estas galeras tendo partido de Suez, e hindo para Meca, entrasse a divisão entre os Turcos, e A'rabes, e que esta desavença tendo-os feito chegar ás mãos, fizesse perder a vida a novecentos. Depois, tendo o Gram Senhor perdido a famosa batalha de Lepanto, a precisão que teve de refazer a sua marinha, obrigou-o a chamar os Officiaes d'estas vinte e cinco galeras, cuja maior parte havia morrido com as suas tropas, fugindo os restantes para as terras do Imperador da Ethiopia. Assim, nenhuma das mencionadas embarcações poude servir para o fim, a que as destinavam, por cuja razão se salvou então a India do maior perigo, em que nunca estivéra.

O Hidalcão tendo tudo prompto para a execução dos seus projectos, rompeu o seu segredo n'um grande Conselho, que reuniu em Visapur. Expoz alli os motivos da guerra que hia fazer, ponderando a necessidade que havia de destruir uma Nação imperiosa, que levava a dominação até a tirannisar as almas, e a obrigar as consciencias. E ainda que n'este Conselho houvessem muitos fidalgos, que

fossem do parecer contrário, ninguem ousou contradizel-o, senão simplesmente Noricão. Era este o senhor mais accreditado do seu Reino, e o melhor dos Generaes do seu exercito. Patenteou a sua opposição com razões mui sólidas, e com a liberdade que lhe davam a sua dignidade, e a sua avançada idade. O Hidalcão ouviu-o sem se escandalisar, mas não mudou de parecer. E como o sentir do Principe é ordinariamente o dos seus lisongeiros, e o do maior numero, não é de admirar que o do Hidalcão prevalecesse. Nizamamaluco fez o mesmo da sua parte no seu Conselho, e ambos estes Principes pozeram então as suas tropas em movimento.

Confiavam tanto no feliz resultado da sua empresa, que além da repartição das terras, que haviam feito entre si, o Hidalcão tinha repartido os empregos, as terras, e as casas de Gôa, e destinado a seus Officiaes as mulheres Portuguezas, que tinham fama de formosas. Estas não lhes foi desconhecida a galantaria dos seus pertendentes, e sentiram a sua vaidade tão lisongeada, que depois fôram vistas a observarem de longe os combates, e a serem testemunhas da maneira, porque os seus campeões se batiam.

O Vice-Rei naturalmente vivo, e activo, não tinha tido o menor repouso até então. Vendo que tinha de resistir a uma guerra tão geral, na qual esperava ser atacado por todas as partes, sentia interiormente muita inquietação, que sabia reprimir perfeitamente no exterior. Não tinha tomado então senão medidas vagas. Logo, porém, que foi informado das ultimas resoluções dos Principes alliados, provêo todos os póstos, conforme o projecto que havia formado.

A Ilha de Gôa, só é separada da terra firme por um pequeno esteiro, que forma o rio de Pangim, antes de chegar ás suas duas embocaduras, que d'istam duas leguas

uma da outra, Norte, e Sul. O leito do rio n'este canal é semeado de pequenas Ilhas. Em algumas partes é tão largo, que tem quasi meia legua; em outras é um pouco mais estreito. Como o fundo é lodoso por extremo, a chegada da Ilha é muito defendida por isso mesmo, excepto em algumas passagens mais vadeaveis. No circuito de trez leguas e meia, a começar do passo de Golandim, chamado n'outro tempo o passo secco, até ao de Agaçaim, tinha o Vice-Rei dezenove póstos a prover, d'entre os quaes Benestarim era o mais importante.

D. Luiz repartiu por todos quasi 1,000 Portuguezes, que tinha de tropa regular, sob o commando de diversos Officiaes, a quem proporcionou gente, e artilheria conforme a precisão, e importancia do posto.

Em outros lugares menos perigosos, contentou-se com deixar gente para accender fogos, e fazerem signaes, a quem João de Sousa, que commandava 50 cavallos para acudir onde fosse preciso, tinha ordem de vigiar. O canal do rio estava guardado igualmente por 26 embarcações de diversos tamanhos, bem providas de gente, e de artilheria, commandadas por D. Jorge de Menezes Baroche. E porque o Vice-Rei fazia timbre de não perder pôsto algum, ainda mesmo nas terras firmes de Goa, que eram as mais expostas, reforçou as guarnições de Rachol, de Norva, e do forte de Bardez. No que tóca á Cidade, a qual se achava em menos perigo, entregou a sua defensa ao Clero secular, e regular, composto de tresentas pessoas, e collocou debaixo das suas ordens 1,500 Christãos do Paiz. De maneira, que perto de um anno os padres, e religiosos tiveram na mão a espada espiritual, e mundana, com as quaes não fizeram comtudo grande mal.

Em quanto se estava na agitação de todos estes pre-

paros, as tropas do Hidalcão, e de Nizamaluco estavam em marcha. Como estes dous Principes, posto que alliados, estavam em desconfiança perpetua um com o outro, as cousas estavam de modo reguladas entre elles, que as suas tropas não deviam fazer senão marchas iguaes, começando-as ao mesmo tempo. E todos os dias de um ao outro voavam correios, que sendo testemunhas occulares do progresso da marcha dos exercitos, lhes serviam de grandes seguros da sua fidelidade, e do seu ajuste. Logo que o Vice-Rei se alojou no passo secco, que projectára defender, soube, que a vanguarda do exercito do Hidalcão acabava de chegar a Pondá. Noricão, General d'este Principe, veio acampar defronte de Benastarim, fazendo armar alli as tendas para o seu Soberano, por este haver escolhido aquelle local para seu quartel. O Hidalcão, comtudo, só chegou oito dias depois, por se ter demorado a trez leguas de distancia sobre as montanhas de Gate, d'onde viu desfilar, e alojar todas as suas tropas, antes d'elle mesmo desembarcar. Farratecão, que conduzia a vanguarda de Nizamaluco, avançou ao mesmo tempo para Chaul, aonde este Principe se achou alguns dias depois, perto dos 16 de Janeiro de 1571.

Os exercitos dos dous mencionados Soberanos eram formidaveis a todos os respeitos. Constava o do Hidalcão de 100,000 combatentes, em cujo numero haviam 35,000 cavallos. A multidão dos vivandeiros, e pessoas de serviço era infinita, e tinha além de tudo isto 2,140 elephantes de guerra, e 350 peças de artilheria. O seu acampamento parecia mesmo uma Cidade opulenta, onde tudo era bello, e delicioso. Porém, o que mais impressionou as pessoas tímidas, foi uma tenda particular toda aberta, e que tinha a configuração de uma Corôa. Esta symbolisa entre os Indios uma declaração de que querem concluir, ou conseguir o fim a que se propõem quando declaram a guerra. O exercito de

Nizamaluco, não era inferior em numero ao do Hidalcão. Tinha tambem 100,000 homens de Infanteria, 34,000 de Cavallaria, 17,000 forrageadores, 4,000 fundidores, ferreiros, e outras especies de artistas estrangeiros, 360 elephantes, uma prodigiosa quantidade de bufalos, e bois para as carretas com uma formidavel artilheria, na qual havia 40 peças de extraordinario tamanho.

Chaul, não estava mais que uma despresivel Cidade. A fortaleza parecia ser uma feitoria. A Povoação, não tinha forças, nem muralhas. Nizamaluco chamava á praça — alojamento de brutos — mas Farretecão respondia-lhe — que o era de leões — querendo, sem duvida, fallar dos Portuguezes, que alli haviam nascido. Estes, não eram senão mercadores amolecidos pela longa paz, de que tinham gosado no extenso Reinado de Nizamaluco, o qual lhes havia permittido, que alli se estabelecessem. Nunca tinham visto guerra senão de longe, vivendo sempre n'uma longa prosperidade, á sombra dos louros, que a sua Nação colhêra em outras partes. Não podiam, pois, capacitar-se da guerra, porque a não queriam, e Mrscarenhas teve muito trabalho para os resolver, a contribuirem para a defensa da fortaleza. Como era preciso inutilisarem os seus jardins, e sangrarem um pouco as bolsas, não queriam pensar no mal que os ameaçava, nem consentir que lh'o acautellassem por via dos remedios necessarios: o General, usou então da sua authoridade. Resolveu defender tudo, até mesmo as casas, que se achavam fóra da Povoação, ordenando, que todos os Officiaes mandados para os differentes pórtos, trabalhassem em se fortificar com valados, e outras trincheiras, feitas á pressa.

Logo depois de chegarem os inimigos, houve por diversas partes algumas acções, cuja vantajem pertenceu ora a um, ora a outro partido. O Vice-Rei desejou bem ten-

tar alguma grande batalha; porém, sendo-lhe contrario todo o Conselho, addiou a satisfação do seu desejo. Entretanto, vendo que os inimigos queriam fazer o seu principal esforço, da parte da cortina do forte de Benastarim, foi estabelecer o seu quartel n'outro pôsto, tendo a delicadeza de não tirar o governo d'elle, a quem o commandava. Noricão, e todos os outros Generaes inimigos, guarneceram a sua linha de fortes baterias. Farratecão, apenas chegou a Chaul mostrou muita actividade, querendo previnir a chegada de Nizamaluco, a fim de alcançar alguma vantagem, que lhe fosse possoal. Avançou para o terreno, que separava a parte da Cidade habitada por Mouros, d'aquella em que habitavam os Portuguezes, favorecendo-lhe os bosques de palmeiras esta marcha. Tendo tomado alguns lugares de fóra, bem como uma Ermida, que chamavam — da Mão de Deus — estabeleceu o seu quartel general na casa do Vigario, e tirou linhas para cobrir o seu campo.

Formado assim o cêrco, Mascarenhas enviou ao Vice-Rei um religioso Dominico, em uma peqnena embarcação, para lhe fazer a relação exacta do que se passava em Chaul. Logo que este enviado chegou ao seu destino, tudo alli se pôz em movimento. Porque em vez de se pensar nos meios de sustentar a praça cercada, todos votaram que era preciso abandonal-a, e que igual sorte deveria ter o forte de Caranja, que estava sobre as terras de Nizamaluco, e os de Bachol, Norva, e Bardez, que estavam sobre as do Hidalcão.

O Vice-Rei, apezar de estar resolvido a não mudar de sentimento, tomou estes pareceres por escripto, a fim de poder fazer justas reprehensões a seus authores em tempo competente. Mandou em seguida consultar o Arcebispo, e a Camara de Gôa ácerca do grave negocio em questão,

pedindo-lhes o seu voto a respeito do que se devia obrar. O Arcebispo, e os bispos de Cochim, e de Malaca, que tinham vindo a Gôa para um Synodo, antes de declarada a guerra, votaram pelo parecer, que já havia sido dado ao Vice-Rei; e tendo presistido na mesma opinião em um Conselho geral, presidido por D. Luiz, este, indignado, reprehendeu o Arcebispo com muita cólera, dizendo-lhe: «Senhor, eu sei tanto em materia de guerra, «quanto vós sabeis das cousas Ecclesiasticas: não vos é «conveniente votar nas primeiras, porque as não entendeis; «deveis contentar-vos de encommendar bem estes negocios «a Deus nas vossas orações.»

Não obstante isto, os Ecclesiasticos, a Camara de Gôa, e todos os d'este partido celebraram um Conselho á parte, de que resultou enviarem um protesto ao Vice-Rei, pelo qual o faziam responsavel para com a Côrte de tudo quanto podesse acontecer em prejuizo do Estado, caso elle viesse a tomar uma resolução tão contraria ao sentir commum. Posto que o Vice-Rei nunca deixasse de estar inquieto, comtudo, não fez caso de similhante protestação, e reunindo tambem um Conselho particular de vinte pessoas, assaz entendidas na materia, chamou-as a todas ao seu parecer, e enviou o maior soccorro que podia a Chaul, constante de duas galeras commandadas por D. Duarte de Lima, e por D. Fernando Telles de Menezes.

Chaul, não foi a unica praça que causou inquietação ao Vice-Rei, n'aquella occasião. Porque elle foi informado, de que Nizamaluco mandava fazer correrias no territorio de Damão, e de Baçaim, para conservar estas praças em respeito, e impedir os destacamentos, que ellas poderiam fazer; que o Hidalcão tinha igualmente enviado 13,000 homens á Rainha, que o fôra de Onor, a qual não cessava de fazer todas as diligencias para se restabelecer

nos seus Estados. O Hidalcão, tinha além d'isto convidado os Reis Canarins, para tornarem a cahir sobre a fortaleza de Bracalor, o que elles não quizeram fazer.

Estas informações, comtudo, não podéram fazer mudar o Vice-Rei da sua primeira resolução. E certamente ninguem saberá dignamente admirar a firmeza d'esta conducta. Porque D. Luiz soccorreu todas as praças, sem enfraquecer nenhuma d'ellas para fortificar Gôa. Conservou sempre no mar as suas frotas, como se estivéra em plena paz, assim as que cruzavam em diversas paragens, como as que estavam destinadas para os comboios, e transportes das mercadorias. Fez as suas expedições do costume para Malaca, Malucas, Ormuz, Estreito de Meca, Moçambique, e Sofála. Para se desforrar com os inimigos, enviou uma esquadra a Dabul, a fim de lhes mostrar, que estava tambem em estado de praticar as mesmas diversões, que elles faziam. Finalmente, tendo-se-lhe proposto, que retivesse os navios de transporte, para d'elles se servir na necessidade presente, e contentar-se de enviar um só, para informar a Côrte do acontecido, não annuiu a esta proposta, querendo que o Reino nada soffresse por causa da nova guerra.

O Çamorim, que entrava como terceiro na liga, longe de se pôr em campanha ao mesmo tempo, que os outros Reis, fez-nos então proposições de paz, ou porque estivesse cançado da guerra, que lhe fazia D. Diogo de Menezes, assolando-lhe toda a sua Costa, ou porque quizesse encobrir a parte que tinha na alliança commum, e trabalhar mais seguramente nos projectos que meditava, ou, finalmente, porque esperasse ganhar alguma cousa no embaraço em que devia achar-se o Vice-Rei, com dous inimigos tão poderosos a combater.

D. Luiz, submetteu tambem este negocio á delibe-

ração do seu Conselho, mas exigiu segredo de cada um dos seus membros, sob juramento. Todos os votos foram pela paz, dando-se-lhe a côr mais honesta, que podesse ser, e sendo feita com a possivel vantagem para os nossos. O Vice-Rei era de opinião contrária; porém para não estar sempre em dissidencia com um Conselho tão tímido, mostrou render-se ao parecer commum. Enviou ao mesmo tempo uma instrucção secreta ao Governador de Challe, pela qual lhe ordenava: «que visto ter sido elle quem remettêra as pro-«postas do Çamorim, fizesse entender a este Seberano, que «elle Vice-Rei não estava tão opprimido pelas guerras, que «era obrigado a sustentar, que não podesse continuar a «fazer-lh'a; e que nunca attenderia a proposição alguma «da sua parte, sem elle se ter previamente condemnado a «não ter, e a não soffrer nos seus portos navio algum pro-«prio para andar a côrso.» Esta condição não foi acceita pelo Çamorim, o que assaz prova, que o desejo que elle mostrava pela paz, não era mais que um puro fingimento.

Os inimigos tendo estabelecido as suas baterias nos differentes pontos, ao longo da Ilha de Gôa, faziam-nos um fogo terrivel, mui principalmente, do passo de Benastarim, e de um outeiro visinho, onde commandava Solimão Aga. O Vice-Rei fazia reparar habilmente de noute, os estragos que nos causára o dia; porém isto não impedia, que o effeito da artilheria inimiga nos não fosse sensivel. O fogo do inimigo era tão frequente, que só no alojamento de Alvaro de Mendonça se contaram 600 balas, tendo algumas 5 a 6 pés de circumferencia.

O fogo dos nossos não era tão vivo, posto fosse mais mortifero, pois que as suas baterias de terra só tinham trinta peças. O dos seus navios causava ainda mais estrago, porque, como estavam senhores do rio, podiam manobrar á sua vontade, por outra, podiam chegar-se, ou recuar,

e sempre com vantagem. Estes navios, pois, serviram aos nossos de muita utilidade, tanto para fazerem os desembarques, como para darem ataques imprevistos, de que nunca voltaram sem terem queimado alguma Povoação, ou acampamento, e sem conduzirem prisioneiros.

Houve, comtudo, durante esta guerra, dous acontecimentos mui desastrosos. D. Fernando de Vasconcellos, que o Vice-Rei enviára a Dabul com quatro galeras, e duas fustas, havia alli queimado dous grandes navios do Hidalcão, que vinham de Meca com carga mui rica. Tinha igualmente lançado fogo a outras embarcações, e a algumas Povoações. Ao voltar d'esta expedição todo coberto de gloria, e com as embarcações aprezadas, na sua conserva, fez um desembarque no acampamento de Angoscão um dos principaes Generaes do Hidalcão. A primeira irrupção dos nossos, foi feliz; por isso que déram a morte, a quantos inimigos lhe opposéram resistencia; porém, tendo sido repentinamente accommettidos por grandes forças contrárias, e achando-se n'aquella desordem, que uma grande confiança quasi sempre origina, fôram completamente desbaratados. Custou-nos este revéz a morte do bravo Vasconcellos, e a de quarenta dos seus, cujas cabeças fôram levadas ao Hidalcão.

O Vice-Rei sentiu muito a perda de D. Fernando, e ordenou a D. Jorge de Menezes, que fosse queimar a sua fusta, a qual ficára encalhada, a fim dos inimigos se não aproveitarem d'ella; o que Menezes fez mesmo á vista dos inimigos depois de lhe tirar toda a artilheria.

A vergonhosa fugida de duzentos Portuguezes, que em uma acção voltaram vergonhosamente as costas, sem que os seus Capitães, e o proprio Vice-Rei podessem detel-os, causou a D. Luiz um novo desgosto, de que não

teve menor pena. Consolou-se, porém, com ver que os seus tinham sobre os inimigos vantagens mais frequentes, e mais consideraveis.

Havia Noricão persuadido ao Hidalcão, que não era proprio da sua alta dignidade passar á Ilha sobre as pontes, ou bateis, que tinha feito condusir para este fim; que era mais proprio da sua grandeza fazer entulhar o leito do rio, para depois o passar a pé enxuto. Como o Hidalcão, lhe aprovasse este projecto, tinha acabado de entulhar a passagem, que estava defronte de João Lopes, e havia adiantado muito a obra á força de terra, e de fachinas em frente do forte de Benastarim. Nesta occasião disse o Hidalcão: « que para fazer esta jornada tinha um « bellissimo cavallo A'rabe, que o Rei de Ormuz mandára « de presente ao Vice-Rei. » D. Luiz, informado d'este dito, mandou-lh'o entregar com um cumprimento mui attencioso. O corsel melhorou com a troca de dono, pois que entrou a ser servido com baichella de prata, e a dormir sobre veludos, e sobre os mais ricos pannos da India. As confeituras, as aguas cheirosas, e assucaradas serviam-lhe de bebida, e de sustento; porém a sua boa fortuna não foi longa, porque passados poucos dias foi morto por um tiro de peça.

Continuava a jogar a artilheria de ambas as partes, não sem causar mortes, e ferimentos em um e outro lado: o mesmo Vice-Rei foi ferido duas vezes.

O Hidalcão tinha suas intelligencias secretas na Ilha, e como as passagens estavam exactamente guardadas, quando os seus espias não podiam chegar á sua presença, accendiam alguns fogos em lugares convencionados, e assim se correspondiam. O Vice-Rei, tinha tambem no campo inimigo, alguns Portuguezes arrenegados, que lhe não dei-

xavam ignorar cousa alguma do que alli se passava. O desejo de paz era geral, mas muito mais no campo inimigo; tanto assim, que o Hidalcão foi o primeiro a propôl-a. Apresentou porém condições tão exorbitantes, que o Vice-Rei negou-se a acceital-as, e fez cessar as respectivas negociações.

Caminhava o cêrco de Chaul mui lentamente, depois da chegada de Nizamaluco, não obstante a multidão immensa dos inimigos. Houve valor, e fraqueza de parte a parte. Houve combates particulares, em que os Mouros tiveram grande perca de vidas; mas nos quaes alguns Officiaes dos nossos mancharam a honra, por peleijarem dolosamente. Fizeram-se frequentes sortidas, e deram-se muitos ataques, que por terem sido de pouca monta escusam de ser narrados.

Nizamaluco, esperava com impaciencia a frota, que havia pedido ao Çamorim. Este tinha boa vontade de cumprir as promessas feitas aos seus alliados; porém via-se na difficuldade de o não poder fazer, por causa de D. Diogo de Menezes lhe ter fechado todos os pórtos. Conseguiu com tudo fazer sahir duas frotas para o mar, illudindo a vigilancia do General Portuguez. Uma d'estas frotas, que conseguio aportar Chaul, não obstante acharem-se alli alguns navios nossos, constava de 22 paráos, e trazia a seu bordo 1,500 besteiros, ou fuzileiros, que Nizamaluco dividiu pelas suas tropas. Passados poucos dias houve um combate entre as nossas embarcações, e as inimigas recem-chegadas; a Bandeira Portugueza ficou triumphante, e os Malabares retiraram-se d'aqnelle porto, sem licença prévia de Nizamaluco.

O Vice-Rei depois dos soccorros, que enviára a Chaul, tornou ainda a soccorrer por duas vezes a mesma praça, an-

tes de começar o inverno. Ruy Gonçalves conduziu-lhe duzentos homens, e D. Jorge de Menezes Baroche, que foi succeder a Luiz Freire de Andrade, no governo da mesma praça, levou-lhe trezentos.

Os inimigos, não obstante isto, não deixavam de ganhar terreno. Haviam arrasado o baluarte do mar, com a sua artilheria. Tinham obrigado os sitiados a abandonarem muitas posições externas, sendo uma d'ellas o convento de S. Francisco, e davam frequentes ataques ao de S. Domingos, e a muitas outras cazas fortificadas, que os nossos pertendiam defender.

Haviam-se já passado quatro mezes, e entrava-se na quadra das chuvas, sem que parecesse que os Reis alliados quizessem desistir da sua empresa. Pareciam pelo contrario determinados a passarem o inverno nas suas tendas; e ainda que houvessem propostas de paz feitas por Nizamaluco, e pelo Hidalcão, não tinham os sitiados esperança, de ver concluir a guerra.

Felizmente recolhêram n'esta occasião duas das nossas esquadras, que andavam cruzando em diversas paragens, e que o rigor da estação havia obrigado a procurar os nossos pórtos, para D. Luiz de Attayde gozar algum contentamento, por isso que via de quanta utilidade lhe podia servir tão importante reforço. Uma das referidas esquadras, e que Diogo de Menezes commandava, havia destroçado a segunda frota, que o Çamorim mandava a Nizamaluco; a outra era commandada por Luiz de Mello, e acabava de ganhar uma bella victoria contra uma poderosa armada do Rei do Achem, nas aguas de Malaca, aprezando trez galéras, e seis fustas, com as quaes aportára a Gôa.

Não tendo o Hidalcão perdido o ânimo, resolveu-se

a fazer um esforço, tentando a passagem por differentes bairros. Ouviu-se tocar a caixa Real, que só toca quando marcha o Principe em pessoa. Os inimigos entraram na Ilha, chamada de João Rangel, e no paço de Mercantor, em numero de cinco mil. O Vice-Rei mandou marchar a sua gente na ordem em que convinha, e em pouco tempo teve mais de dous mil homens debaixo de armas. Estes chegaram a combater metidos na agua até aos peitos, não se vendo no espaço de duas leguas senão uma horrivel imagem da morte. O Hidalcão estando a ser espectador da acção, de cima de um outeiro, blasfemava contra Mafoma, deitava por terra o turbante, e pizava-o ao pés como um furioso. Em fim, os inimigos vendo que o nosso ferro os tinha sangrado em demasia, retiraram-se, deixando o rio e a terra juncada de cadaveres.

O cêrco de Gôa continuou no inverno mais vagorosamente, não se passando nada notavel nem de uma, nem de outra parte, senão o terem sempre os nossos uma pouca de vantagam nas suas sortidas.

O Hidalcão tentou tambem uma nova diversão, fazendo solicitar a Rainha de Garcopa para esta cahir sobre Onor, enviando-lhe para este effeito dous mil homens, conduzidos por Chitigão, seu sobrinho. A Rainha da sua parte tinha trezentos. A praça foi investida, mas tendo sido soccorrida muito a tempo por duas galéras, e cinco fustas mandadas pelo Vice-Rei, poude Jorge de Moura seu Governador accommetter os inimigos, e desbaratal-os completamente.

Nizamaluco tendo enviado tropas contra o forte de Caranja que Duarte Prestello commandava, e contra as fortalezas de Damão, e Baçaim, não obteve vantagem alguma, por isso que seus soldados foram obrigados a voltarem

sem fazer nada. Tambem foi em vão que convidou os Mogols de Cambaya, e o Rei de Salcete para juntos com elle molestarem estas praças.

Chegado o fim do mez de Junho pôz-se o Çamorim em campo, e foi sitiar o forte de Challe, distante duas leguas da Cidade capital. O seu exercito constava de cem mil combatentes, entre os quaes havia um grande numero de besteiros. Acampou em torno da praça, bateu-a desesperadamente com 40 peças de artilheria, e fechou-lhe as passagens a todos os soccorros. Tão bem defendida estava a entrada da barra pelas suas baterias, que o primeiro soccorro enviado por D. Antonio de Noronha Governador de Cochim, não poude entrar, e teve que retroceder. O cêrco já tinha durado trez mezes, quando D. Diogo de Menezes conseguiu abastecer a praça de viveres para sessenta dias, sendo coadjuvado n'esta arriscada empreza por Diogo de Azambuja, Antonio Fernandes de Challe, e D. Luiz de Menezes, cada um dos quaes commandava sua fusta. O soccorro entrou em alto dia no porto a travéz d'uma chuva de balas. Luiz de Menezes foi o primeiro que saltou em terra seguido de Fernando Mendonça, e de 50 soldados. Francisco de Sousa fez uma sortida para sustentar este desembarque, e dando sobre os inimigos matou perto de 600. Na passagem das nossas embarcações morreram 40 Portuguezes.

Durava ainda o cêrco de Chaul, e os sitiantes tinham-nos tomado alguns póstos. Metteram no fundo a galéra que havia levado D. Jorge de Menezes Baroche, a que chamavam a Batarda do Vice-Rei. Havia mais de 400 Portuguezes mortos; e ainda que as perdas de Nizamaluco fossem mais consideraveis em si, ellas o eram muito menos comparativamente. Finalmente, chegado o dia 29 de Junho resolveu-se este Principe a dar um assalto geral á for-

taleza. Todas as suas tropas se pozeram em movimento n'aquelle dia, porém isto não foi senão um vão apparato, que não deixou comtudo de lhe custar 120 homens. A acção teve lugar no dia seguinte, e resultou d'ella uma brilhante victoria para as nossas armas, pois que os Mouros foram forçados a retirarem-se em vergonhosa debandada, deixando mortos sobre o campo perto de 400 homens! Nizamaluco, logo que perdeu esta batalha, cuidou seriamente em obter a paz.

Em quanto as cousas tomavam um tão bom aspecto, em Chaul, espalhavam-se em Gôa noticias falsas da sua perda; o que muito affligia o Vice-Rei, por elle ter sido só do parecer de se defender aquella praça. Isto dava motivo ás murmurações dos seus invejosos, e do povo, que se lastimava por padecer fome, estando redusido a viver de um pouco de peixe pescado com grande risco, e de umas poucas de ervas, tudo pelo aperto do Vice-Rei; o qual tendo cheios os seus celeiros usava de grande economia, por precaução para o futuro.

Foi por esta occasião, que o Hidalcão conseguiu comprar alguns desalmados para lançarem fogo á polvora, que existia nos armazens de Gôa. D. Luiz de Attayde tendo sido informado a tempo d'esta nefanda traição, fez procurar os culpados, e tendo-os descoberto mandou enforcar, dous e condemnou outros a prisão. O Hidalcão vendo abortar este seu negro projecto, e sabendo que Nizamaluco acabava de celebrar a paz com os Portuguezes, começou a tomar as suas medidas para se retirar sem a haver feito. Deu ordem a fazer partir toda a sua artilheria, e bagagens sem estrondo, em quanto Angostão, Rumecão, e Moratecão serviam a cobril-as, ficando nos seus quarteis, onde faziam de modo a guerra, que continuavam sempre as suas negociações para a paz: mas o Vice-Rei a quem

esta partida do Hidalcão, não podia ser occulta, embaraçou-se pouco em concluir a paz, esperando achar-se bem depressa em estado de a dar como senhor, por isso que contava com ser auxiliado antes de pouco tempo pelas tropas do Rei de Bisnaga.

Assim terminou o maior dos esfórços da terrivel colligação, que tinha tido o Vice-Rei suspenso pelo espaço de dez mezes, nos quaes se póde dizer, que elle sustentou só o Estado das Indias, sem perder um palmo de terra. Os Principes colligados pelo contrario tiveram grandes perdas, inevitaveis em uma tão grande multidão, e em tão longo tempo. Estas fôram menores, comtudo, que as da sua reputação, não tendo, por assim dizer, podido avançar um passo com tão grandes forças contra um inimigo, cujo podêr era tão fraco em comparação do seu.

O victorioso D. Luiz, porém, não se poude aproveitar das suas vantagens, nem gozar o fructo dos seus trabalhos. Quatorze dias depois da retirada do Hidalcão, isto é, no dia 7 de Setembro de 1571, chegou a Gôa D. Antonio de Noronha, o qual vinha de Portugal com provisões da Côrte, para succeder a D. Luiz na mesma qualidade de Vice-Rei. D. Luiz entregou logo o governo, e foi embarcar-se em Cochim para Lisboa, onde El-Rei o recebeu com grandes honras, chegando até a conceder-lhe a direita debaixo do pálio na procissão solemne, que se fêz em acção de graças das felicidades, que o mesmo D. Luiz havia tido nas Indias.

El-Rei D. Sebastião tendo honrado tão distinctamente o benemerito Attayde, deu um publico testemunho de que tão heroico Portuguez soubera comprehender, e executar fielmente a Instrucção, que o mesmo Soberano escrevera, e que lhe entregára no acto da sua partida para a India.

Esta Instrucção Regia, é a seguinte:

*Fazei muita Christandade. Fazei justiça. Conquistai tudo quanto poderdes. Tirai a cubiça dos homens. Favorecei aos que peleijarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo isto vos dou o meu podér. Se o fizerdes assim, muito bem, fazer-vos-hei mercé. Se o fizerdes mal, mandar-vos-hei castigar. Se alguns Regimentos forem em contrario destas cousas, supponde que me enganáram, e por isso não haja quem vos estorve isto.*

FIM DO VOL. VI.

AOS SENHORES ASSIGNANTES.

Este Volume custa..... 400 reis

Subscreve-se nas Livrarias da rua Augusta
n.os 3, 1, e 188.

Ce livre a probablement été M.r Jacintho da Silva Mendes, ancien Edit. du Correio das Damas.

# AOS SENHORES ASSIGNANTES.

Este Volume custa..... 400 réis.

Subscreve-se nas Livrarias da rua Augusta n.º 8, 1, e 188.